

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ASSOCIADO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA – UEM/UEL

MARCUS VINÍCIUS MIZOGUCHI

**HABILIDADES ADQUIRIDAS POR
MEIO DO ESPORTE E SUA
TRANSFERÊNCIA PARA O
CONTEXTO DA VIDA DE ATLETAS DE
VOLEIBOL**

Maringá
2018

MARCUS VINÍCIUS MIZOGUCHI

**HABILIDADES ADQUIRIDAS POR MEIO
DO ESPORTE E SUA TRANSFERÊNCIA
PARA O CONTEXTO DA VIDA DE ATLETAS
DE VOLEIBOL**

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
Associado em Educação Física –
UEM/UEL, para obtenção do título de
Doutor em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lenamar Fiorese

Maringá
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

M699h Mizoguchi, Marcus Vinícius
Habilidades adquiridas por meio do esporte e sua
transferência para o contexto da vida de atletas de
vôleibol / Marcus Vinícius Mizoguchi. -- Maringá,
2018.
139 f. : il., figs., tabs., quadros.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Lenamar Fiorese.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de
Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Departamento
de Educação Física, Programa de Pós-Graduação
Associado em Educação Física - UEM/UEL, 2018.

1. Atletas - Vôleibol. 2. Esporte. 3. Habilidades
para a vida. I. Fiorese, Lenamar, orient. II.
Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências
da Saúde. Departamento de Educação Física. Programa
de Pós-Graduação Associado em Educação Física -
UEM/UEL. III. Título.

CDD 21.ed. 796.325
AHS-CRB-9/1065

MARCUS VINICIUS MIZOGUCHI

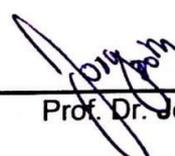
**HABILIDADES ADQUIRIDAS POR MEIO
DO ESPORTE E SUA TRANSFERÊNCIA
PARA O CONTEXTO DA VIDA DE
ATLETAS DE VOLEIBOL**

Tese apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL, na área de concentração Desempenho Humano e Atividade Física, para obtenção do título de Doutor.

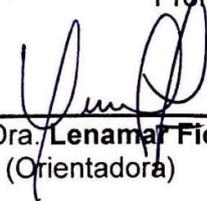
APROVADA em 06 de fevereiro de 2018.


Prof. Dr. Afonso Antonio Machado


Prof. Dra. Joice Mara Facco


Prof. Dr. Jorge Both


Prof. Dr. Ari Ramos de Oliveira


Prof. Dra. Lenamar Fiorese
(Orientadora)

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais Sonia e Edson, ao meu irmão André, à minha companheira Cristiane, aos meus professores, amigos e atletas que ajudaram na minha formação acadêmica.

Agradecimentos

Ao finalizar esta etapa acadêmica tão singular e significativa em minha carreira profissional, agradeço as instituições e pessoas que colaboraram para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal ao longo dessa trajetória:

À Universidade Estadual de Maringá (UEM), Faculdade Metropolitana de Maringá (FAMMA), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Queen's University e ao Programa de Pós-graduação Associado em Educação Física UEM/UEL.

Aos professores presentes em minha vida acadêmica, pelos conhecimentos compartilhados e dedicação em atuar na esfera da formação acadêmica dedicando seu tempo e seus esforços a capacitar profissionais.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Lenamar Fiorese, pela oportunidade de crescimento acadêmico e pessoal. Foram quatorze anos de muita aprendizagem e alegria, que me faz admirá-la não somente como docente, mas orientadora, mãe e amiga.

Aos professores da banca examinadora, Prof. Dr. Jorge Both, Prof. Dr. Arli Ramos de Oliveira, Prof. Dr. Afonso Antonio Machado e Prof^a. Dr^a. Joice Mara Facco Stefanello, pela disponibilidade e contribuições para a finalização deste trabalho. Ao Prof. Dr. Jean Côté e Prof. Dr. Ian Cowburn, pelas contribuições durante meu estágio na Universidade de Queen, Canadá.

Às equipes que disponibilizaram e autorizaram seus atletas a participarem da pesquisa, ofertando toda a estrutura e acessórios para o melhor andamento das entrevistas.

Aos atletas e treinadores participantes do presente trabalho, pela recepção amistosa e disponibilidade de tempo para participarem das entrevistas, mostrando interesse na temática e auxiliando nos contatos com outros participantes.

Aos amigos e companheiros da Faculdade Metropolitana de Maringá e Universidade Federal de Mato Grosso, que sempre disponibilizaram tempo durante meu doutorado.

Ao laboratório de pesquisa PLAYS, coordenado pelo Professor Jean Côté, por ajudarem no meu estágio no Canadá, especialmente Jordan Herbison, Liz Wigle, Chantal Rochon, Jordan Chen, Jordan Lefebvre e Ahmet Yapar.

Aos integrantes do Grupo Pró-Esporte, pela troca de conhecimentos e todo o suporte necessário, especialmente aos amigos: Andressa Contreira, Caio Rosas Moreira, João Ricardo Nickenig Vissoci, José Roberto Nascimento Júnior, Nayara Malheiros Caruzzo, Aryelle Malheiros Caruzzo, William Garcia, Vandressa Ribeiro, Selso Culhande, Renan Codonhato, Gislaine Contessoto e Patrik Nazario.

À Capes e ao CNPQ, pelo apoio ao desenvolvimento científico deste estudo e auxílio financeiro recebido.

Ao meu irmão, André, e a minha companheira, Cristiane Imada, pelo carinho, suporte e compreensão em todos os momentos da minha vida.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram e apoiaram nas minhas escolhas profissionais, acadêmicas e pessoais e sempre se esforçaram para me ofertar uma formação digna.

MIZOGUCHI, Marcus Vinícius. Habilidades adquiridas por meio do esporte e sua transferência para o contexto da vida de atletas de voleibol. 2018. 139f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar habilidades adquiridas por meio do esporte e seu processo de transferência para contextos da vida em atletas de voleibol. Para tanto, no primeiro artigo foi realizada uma revisão sistemática nas bases *Pubmed*, *Sportdiscus*, *Web of Science*, *PsycINFO*, *Science Direct* e *Scielo*, visando revisar o estado da arte dos estudos sobre habilidades para vida no contexto esportivo, encontrando 31 artigos que atenderam aos critérios de inclusão e exclusão. Os resultados revelaram predominância de estudos no Canadá, Estados Unidos, Reino Unido e Austrália, onde estão localizadas grandes quantidades de programas voltados ao desenvolvimento positivo de jovens. Foi ainda identificado que a literatura tem buscado avaliar diversas variáveis psicológicas específicas e como elas podem ser utilizadas em outros contextos da vida, existindo poucos trabalhos voltados ao processo de transferência e formas de intervenção nas diferentes modalidades esportivas. O segundo artigo objetivou analisar o processo de transferência das habilidades para a vida no contexto esportivo em atletas de alto rendimento. Participaram do estudo treze atletas de voleibol masculino, que jogaram pela seleção brasileira adulta. Para obtenção das informações, foi aplicada uma ficha sóciodemográfica e realizada uma entrevista retrospectiva semi-estruturada construída de acordo com uma matriz de análise, contemplando elementos presentes no Modelo de *coaching* de habilidades para vida através do esporte. Foi realizada análise temática e análise de conteúdo para categorização dos temas emergentes e as categorias de primeira e segunda ordem. Os resultados demonstraram a importância das características pessoais e vivências motoras, assim como os agentes externos presentes na vida do atleta ao iniciar a modalidade, sendo importante para a intervenção dos treinadores nos treinamentos. Durante as experiências esportivas no voleibol, as ações da equipe (cobranças, objetivos e maturidade), do meio (mídia, ídolos e clube) e do treinador (oportunidades, cobranças e ensinamentos) são importantes para a aprendizagem de habilidades intelectuais, físicas e psicológicas utilizadas na vida do atleta. O terceiro artigo buscou estudar o processo de transferência de habilidades para vida de atletas na percepção dos treinadores. Foram entrevistados seis treinadores, que foram considerados os mais importantes na vida dos atletas de seleção brasileira. Foram realizadas entrevistas retrospectivas semi-estruturada baseada no Modelo de *Coaching* de habilidades para vida através do esporte. Foram realizadas análise temática e análise de conteúdo para obtenção dos resultados, formando categorias e temas emergentes. Os resultados mostraram a preocupação dos treinadores nos aspectos internos e externos voltados aos praticantes, desenvolvendo atividades motivadoras nas categorias de iniciações. Não

foi possível identificar uma característica predominante dos treinadores, entretanto, ser acessível, ter habilidades de relacionamentos, liderança e ser disciplinador se encontram presentes nas interações com os jovens. O quarto artigo procurou elaborar um modelo explicativo do processo de transferência de habilidades para vida para o contexto esportivo com base nos recursos internos e externos, experiência esportiva e resultados positivos e negativos. Quatro componentes foram relatados, destacando-se o último, que classifica os processos de transferência das habilidades para vida. Processos contextuais e processos psicológicos individuais foram apresentados como fatores importantes na transferência do comportamento e atitudes aprendidas no esporte para outros ambientes da vida.

Palavras-Chave: Atleta. Esporte. Habilidades para vida.

MIZOGUCHI, Marcus Vinícius. Skills acquired in sport environment and its transfer to other life context of volleyball athletes. 2018. 139p. Thesis (Doctorate in Physical Education) – Health Sciences Center. State University of Maringá, 2018.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the skills acquired through sport and the transfer process to life context in volleyball players. The first article developed a systematic review using database as Pubmed, SportDiscus, Web of Science, PsycINFO, Science Direct and Scielo, to review the state of art of life skills studies in sport context, acquiring 31 articles, based on inclusion and exclusion criteria. The results revealed a predominance of studies in Canada, United States, United Kingdom, and Australia, where a large group of programs focused of positive youth development was located. It was also verified that literature has evaluated several specifics psychologicals variables and how they are used in other contexts of life with few studies evaluating the transfer process and interventions for different sports. The second article aimed to analyze the perception of the athletes about their internal and external assets, looking to identify the direct and indirect strategies adopted by the coaches and the results (positive and negative), that were present along their development of life skills in sport contexts. Thirteen volleyball players participated in the study, who played for the Brazilian National Team. It was applied a sociodemographic record and a retrospective semi-structured interview, using elements presented in the Model of coaching life skills through sport. Thematic and content analysis were performed to categorize emerging themes and first and second orders. The results demonstrated the importance of the personal characteristics and motor experiences, as well as external agents in athlete's life in the beginning of practices, being important for the intervention of the coaches practices. During their sport experiences in Volleybal, the team actions (charge, goals and maturity), the environment actions (media, idols and clubs) and the coaches actions (oportunities, charges and teaching) are important to learn intelectual, physical and psychological skills used in the athlete's life. The third aimed to study the process of transfer life skills of athletes on the coaches perceptions. Six coaches were interviewed, who were considered the most important coaches in the National Team athletes' lives. Semi-structured retrospective interviews were conducted based on the Model of coaching life skills through sport. Thematic and Content analysis were performed to obtain the results, creating emerging categories and themes. The results showed the concern of the coaches about the internal and external assets around the practitioners, developing motivational activities. It was not possible to identify a predominant coaches' characteristics, however, being acessible, relateness, leadership, and demand discipline were present during interation with the players. The fourth article sought to elaborate an exploratory model of the process of life skills transfer for sport contexts. Four components were reported, highlighting the last one, which classified the process of life skills transfer. Context Process and Individual Psychological Process were reported as importants factors in the transfer of behavior

and attitudes learned in sport to other environments of life.

Keywords: Athlete. Sport. Life skills.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Núcleo de constructo do desenvolvimento positivo de jovens (BENSON et al., 2006, p. 897. Tradução nossa).....	03
Figura 2 -	Modelo de <i>Coaching</i> sobre habilidades para vida através do esporte (GOULD; CARSON, 2008, p. 66. Tradução nossa).....	09
Figura 3 -	Diagrama do fluxo do estudo.....	17
Figura 4 -	Diagrama do fluxo do estudo.....	31
Figura 5 -	Recursos internos e externos pré-existentes em atletas de Seleção Brasileira Adulta no início da prática de voleibol.....	53
Figura 6 -	Experiências esportivas de atletas de Seleção Brasileira de Voleibol de acordo com as ações diretas e indiretas do contexto do indivíduo.	58
Figura 7 -	Resultados positivos e negativos conquistados dentro do esporte pelos atletas de Seleção Brasileira de Voleibol.....	61
Figura 8 -	Fatores de transferência de habilidades adquiridas no esporte para outros contextos da vida de atletas de seleção brasileira de voleibol..	64
Figura 9 -	Processo de desenvolvimento das habilidades para vida adquiridas no Voleibol e o processo de transferência para outros contextos da vida.....	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estrutura de apresentação da tese.....	13
Quadro 2 - Componentes e seus conceitos do Modelo de <i>Coaching</i> de habilidades para vida através do esporte (GOULD; CARSON, 2008. Tradução nossa).....	19
Quadro 3 - Características sociodemográficas e profissionais dos ex-treinadores dos atletas.....	22
Quadro 4 - Componentes presentes no processo de <i>Coaching</i> das habilidades para vida (Gould; Carson, 2008. Tradução nossa).....	23
Quadro 5 - Descrição das características metodológicas dos artigos selecionados que buscaram investigar as habilidades para vida no contexto esportivo.....	32
Quadro 6 - Resultados encontrados nos trabalhos selecionados que buscaram investigar as habilidades para vida no contexto esportivo.....	37
Quadro 7 - Componentes e seus conceitos do Modelo de <i>Coaching</i> de habilidades para vida através do esporte.....	50
Quadro 8 - Características sociodemográficas e profissionais dos ex-treinadores dos atletas.....	74
Quadro 9 - Componentes presentes no processo de <i>coaching</i> das habilidades para vida (Gould; Carson, 2008. Tradução nossa).....	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Recursos internos e externos pré-existentes do indivíduo no início da prática do voleibol.....	78
Tabela 2 -	Experiências na participação esportiva de atletas da Seleção Brasileira de Voleibol.....	81
Tabela 3 -	Resultados positivos e negativos adquiridos ao longo das experiências esportivas de atletas da seleção brasileira de voleibol...	83
Tabela 4 -	Processo de transferência das habilidades para vida adquiridas no voleibol para outros contextos da vida.....	85

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PYD	Desenvolvimento Positivo de Jovens (<i>Positive youth development</i>)
OMS	Organização Mundial da Saúde
HV	Habilidades para vida
DEF	Departamento de Educação Física
CCS	Centro de Ciências da Saúde
COPEP	Comitê Permanente de Ética em Pesquisas com Seres Humanos
FIVB	Federação Internacional de Voleibol
CBV	Confederação Brasileira de Voleibol
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	01
1.1 Caracterização do tema.....	01
1.2 Justificativa científica e social.....	10
1.3 Delimitação da pesquisa.....	11
1.4 Limitação da pesquisa.....	11
1.5 Definição de termos.....	12
1.6 Estrutura da tese.....	12
2 OBJETIVOS	14
3 MÉTODOS	15
3.1 Artigo 1.....	15
3.2 Artigo 2.....	17
3.3 Artigo 3.....	21
4 RESULTADOS	26
4.1 Artigo original 1.....	27
4.2 Artigo original 2.....	46
4.3 Artigo original 3	71
4.4 Artigo original 4.....	95
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	108
ANEXO	119
APÊNDICES	121

1 INTRODUÇÃO

1.1 Caracterização do tema

A participação de jovens em contextos esportivos tem ajudado no crescimento do indivíduo, propiciando habilidades importantes para sua vida adulta (GOUDAS; GIANNOUDIS, 2008). Nem todas as pessoas conseguem ter uma trajetória de desenvolvimento positivo, levando à dificuldade nos relacionamentos interpessoais e nas resoluções de problemas diários (CÔTÉ; HANCOCK, 2014).

Pesquisas têm avaliado o desenvolvimento de jovens atletas em diversas modalidades esportivas (DORAK; YILDIZ; SORTULLU, 2012; HOLT et al., 2011; JONES; LAVALLEE, 2009), evidenciando aprendizagem nas regras, valores sociais e adquirindo habilidades pessoais coletivas (liderança e interação familiar) e individuais (disciplina e motivação). Segundo Roth e Brooks-Gunn (2003), programas esportivos podem melhorar a autoconfiança, caráter e conexão com outras pessoas, promovendo melhores indivíduos futuramente. Entretanto, existe a necessidade de avaliar se estas aprendizagens de habilidades no desenvolvimento positivo atlético podem ser transferidas para outras situações da vida (TROTTIER; ROBITAILLE, 2014; TURNNIDGE; CÔTÉ; HANCOCK, 2014).

A prática esportiva por jovens e adultos tem crescido de forma representativa, sendo que um dos motivos para este envolvimento seria a busca pela promoção da saúde por um estilo de vida ativo (SMOLL; SMITH, 2002). Percebe-se que por meio do esporte, crianças e adolescentes aprendem valores e habilidades que servirão para o seu desenvolvimento pessoal (THEOKAS et al., 2008).

Para que ocorram estas transferências de aprendizagens, a intervenção dos treinadores, participação dos pais e os objetivos dos programas esportivos devem ser levados em consideração. Uma pesquisa realizada com treinadores esportivos demonstrou que eles compreendiam as individualidades dos atletas e promoviam o desenvolvimento atlético e educacional, utilizando estratégias para ensinar as

habilidades para vida (CAMIRÉ; TRUTEL; FORNERIS, 2012). Neely e Holt (2014) evidenciaram que treinadores e pais possuem papel importante no desenvolvimento de atletas, valorizando a importância na participação de indivíduos em modalidades esportivas.

Para buscar melhor compreensão do desenvolvimento esportivo para a vida do indivíduo, uma nova visão surgiu nas últimas décadas, rotulada como Desenvolvimento Positivo de Jovens (Positive Youth Development – PYD) (LERNER et al., 2005). A PYD é da concepção da Psicologia Positiva, que visualiza os aspectos psicológicos positivos de indivíduos nas diversas áreas da vida. Segundo Erickson e Côté (2015), diversos trabalhos têm promovido uma visão holística do desenvolvimento atlético, que se preocupa com os atletas além das habilidades esportivas. Essa perspectiva remete a uma concepção de desenvolvimento com ênfase nas forças e competências do jovem, ao contrário de entender os problemas, comportamentos de risco e resultados negativos (LERNER et al., 2005). Benson e colaboradores (2006) afirmam que o PYD refere-se à promoção da competência, saúde e sucesso do jovem e se envolve na produção de experiências, suportes e oportunidades que aprimoram os resultados positivos. Sendo assim, todo jovem tem um potencial para crescer positivamente, devendo ter oportunidades projetadas intencionalmente para seu desenvolvimento (HOLT, 2008). As crianças e os adolescentes não somente possuem recursos (externos) como também são recursos para eles mesmos (internos). Adicionando a isso, sugere-se que o desenvolvimento saudável é caracterizado pelo senso de responsabilidade, conectividade e valores positivos.

De acordo com essa perspectiva, sugerem-se constructos centrais do Desenvolvimento Positivo de Jovens, incluindo: a) contexto; b) indivíduo; c) desenvolvimento de forças; d) redução nos comportamentos de risco; e e) promoção do crescimento (Figura 1).

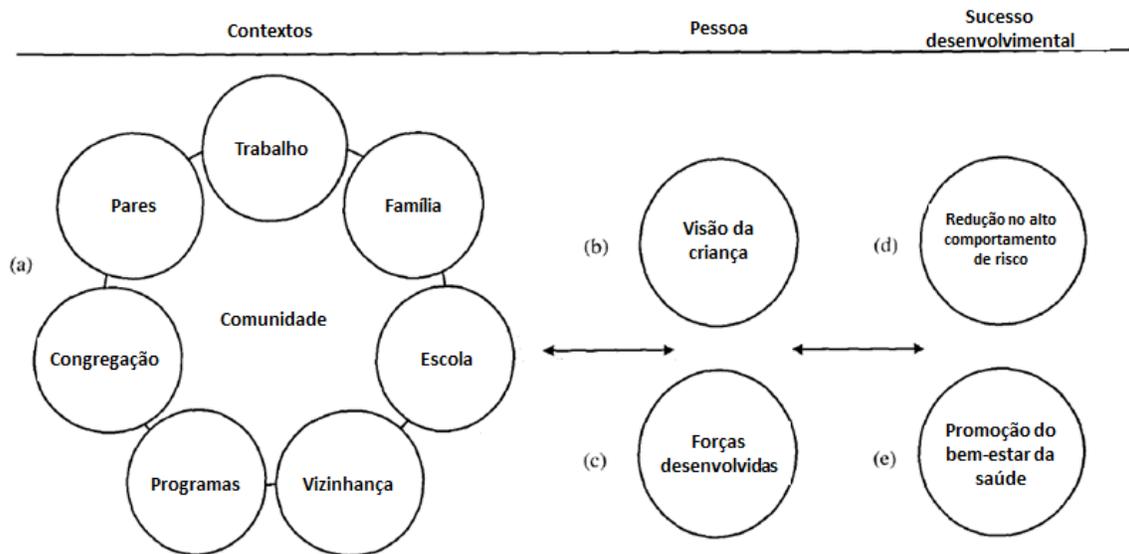


Figura 1. Núcleo de constructo do desenvolvimento positivo de jovens (BENSON et al., 2006, p. 897. Tradução nossa).

Importante entender que o processo básico do desenvolvimento humano envolve influência mútua entre o desenvolvimento pessoal e os múltiplos níveis de suas variações contextuais (indivíduo \longleftrightarrow contexto), observando uma mudança de comportamento tanto da parte do sujeito como do local em que está presente através de pessoas, tempo e lugar (LERNER et al., 2015). Percebe-se que o contexto irá envolver toda comunidade daquele jovem. Em cada ambiente em que o indivíduo se encontra (exemplo: vizinhança, escola, amigos, família, esporte), podemos identificar fatores de riscos, como disponibilidade de drogas no bairro; normas que favorecem comportamentos antissociais; fatores de proteção, como cuidados dos adultos, proximidade entre vizinhos e oportunidades de atividades sociais. Desta forma, essa interação indivíduo \longleftrightarrow contexto será determinante para formação de sujeitos saudáveis na fase adulta (JENSON; FRASER, 2016). Forrest-Bank e colaboradores (2015) avaliaram a percepção de risco, resiliência e desenvolvimento positivo em adolescentes e jovens adultos de baixa renda, evidenciando que a presença de fatores de riscos, como desafios entre pares, famílias e vizinhança, e recursos que suportam o desenvolvimento, como conexões interpessoais, são enfrentados, utilizando recursos para lidar com os diferentes problemas.

É possível verificar que a participação dos pais no contexto esportivo é extremamente importante para o desenvolvimento positivo de seus filhos, pois seu

envolvimento, de forma correta, aumenta as chances das crianças atingirem potenciais esportivos, experiências psicossociais e alcançar resultados positivos. Harwood e Knight (2015) postulam alguns fatores comportamentais dos pais para que oferte um clima favorável como suporte social; aplicação de determinado estilo parental nas diferentes situações adequadas, manejo das demandas emocionais de competição e boas relações com outros agentes do contexto esportivo. Desta forma, pais enfrentam um ciclo consistente de responsabilidade triangular, girando em torno do suporte as necessidades da criança, cuidar do bem-estar próprio e gerenciar sua interação com o ambiente esportivo.

O treinador tem sido outro agente relevante para a formação de atletas, que, com o trabalho em conjunto com pais, favorece um ambiente mais saudável e alegre. Gaudreau e colaboradores (2016) analisaram treinadores e pais de jogadores de futebol de campo e ginastas, evidenciando uma importância no suporte autônomo relacionados com motivação, satisfação das necessidades esportivas, desempenho atlético e estado de fluxo em atletas. Participações ativas e qualificadas do treinador levam a possíveis qualidades positivas na vida de um atleta de modo a melhorar as orientações educacionais, motivação e prazer na prática da modalidade, orientação de metas e ansiedade controlada (LANGAN; BLAKE; LONSDALE, 2013).

Partindo para uma visão bioecológica, além das pessoas que estão envolvidas na vida esportiva da criança, os locais em que se encontra também interferem de forma positiva e/ou negativa, existindo uma interação entre seu envolvimento nas atividades e esses locais, como os bairros onde vivem e programas extracurriculares. Urban, Lewin-Bizan e Lerner (2009) analisaram diferentes relações entre bairros de classe baixa e alta, participação de atividades extra-curriculares e desenvolvimento positivo, identificando que meninos de bairros com baixo recurso que participam frequentemente dessas atividades, prediz um decréscimo no desenvolvimento positivo e um aumento nos comportamentos de risco. Em contrapartida, os programas de desenvolvimento positivo para jovem tem o intuito de realizar atividades com crianças e adolescentes para que, apesar das diferentes condições em outros contextos, tenham um crescimento e obtenham resultados positivos em suas habilidades e valores (IACHINI et al., 2014; GAVIN et al., 2010; ROTH; BROOK-GUNN, 2003). Os programas de

desenvolvimento de jovens são programas estruturados, que incluem atividades específicas para afetar nos resultados de desenvolvimento positivo. Lerner (2004) afirma que normalmente os programas contêm três grandes características no trabalho com crianças e adolescentes, sendo 1) as relações positivas e sustentadas entre adultos e jovens, tais como orientações; 2) atividades que constroem habilidades para vida; e 3) participação juvenil e liderança de atividades comunitárias valiosas (como servir como líder na organização de programas voluntários).

Em relação aos aspectos do indivíduo, a visão do jovem está relacionada às suas características capazes de crescer, prosperar e ativamente se engajar com o contexto de apoio. Damon (2004) cita que o Desenvolvimento Positivo de Jovens possibilita a manifestação das potencialidades do sujeito, não importando sua situação financeira, étnica, sexo ou história de vida. Assim, é possível entender que todas as pessoas possuem características e essas devem ser estimuladas para que o sujeito seja capaz de entender o ambiente e atuar sobre ele. Sobre as forças desenvolvidas, entende-se que o jovem apresenta comportamentos na infância e na adolescência, de acordo com seus traços e recursos adquiridos durante sua vida. Esses recursos são os atributos da pessoa, incluindo habilidades, valores, competências e disposições importantes para o sucesso no mundo, que são construídos devido ao apoio ativo no crescimento das capacidades do indivíduo pelas suas vivências (HAMILTON; HAMILTON; PITTMAN, 2004).

Por fim, o desenvolvimento do sucesso ocasiona duas vertentes, a redução de comportamentos de risco e a promoção da prosperidade do bem-estar. O desenvolvimento positivo de jovens busca sempre promover diferentes capacidades, valores e habilidades da pessoa, sendo aspectos intrapessoais (identidade positiva, crença no futuro, competência cognitiva) e/ou aspectos interpessoais (envolvimento social, compreensão das normas sociais, coesão de grupo). Desta forma, os programas para crianças e adolescentes buscam estimular as características dos participantes, aumentando fatores como esperança, autoconceito, suporte de liderança e suporte social, diminuindo os comportamentos de risco como o uso de álcool e outros tipos de drogas (ULLRICH-FRENCH; MCDONOUGH, 2013; TEBES et al., 2007). Gavin e colaboradores (2010) realizaram uma revisão sobre programas de PYD que promovem

saúde sexual e reprodutivo em adolescentes, identificando 15 programas que apresentaram melhoras com objetivos de promoção de vínculos sociais, competências cognitivas e emocionais, motivação autodeterminada e fortalecimento familiar.

Outra nomenclatura que trabalha as características do indivíduo e as transfere para outros contextos é a habilidade para vida – *life skills* (HV). Em alguns estudos, é possível identificar similaridade entre o PYD e as habilidades para vida, uma vez que suas ideias são ligadas umas com as outras. Entretanto, devido à forma como essas duas nomenclaturas são avaliadas, pode-se entender que as habilidades para vida são vistas como habilidades específicas, que, quando trabalhadas de forma correta, podem levar às competências desejadas (GOUDAS, 2010). Essas habilidades podem ser definidas como aquelas características que permitem que o sujeito tenha sucesso em diferentes contextos sociais onde vive como escola, família e igreja (THEOKAS et al., 2008). Segundo a Organização Mundial da Saúde (1999), habilidades para vida são habilidades que ajudam no comportamento adaptativo e positivo, permitindo aos indivíduos lidarem de forma eficaz com as demandas e desafios do dia a dia. Por fim, Gould e Carson (2008, p. 62) definem como “aqueles bens, características e habilidades pessoais como estabelecimento de metas, controle emocional, autoestima e trabalho ético que podem ser facilitados ou desenvolvidos no esporte e ser transferido para o uso no contexto não esportivo”.

Apesar de haver diversas evidências de que a prática de esportes pode desenvolver o indivíduo positivamente, existem algumas dúvidas se estas habilidades adquiridas podem ser transferidas para outros ambientes presentes na vida do praticante (JONES; LAVALLEE, 2009). Para que isso ocorra, a relação indivíduo e meio deve estar em sintonia com os objetivos, metas e relacionamentos interpessoais. Desta forma, Turnnidge, Côté e Hancock (2014) investigaram o desenvolvimento positivo atlético em dois tipos de programa esportivo, envolvendo transferências de habilidades esportivas para a vida de forma implícita e explícita. Percebeu-se que a transferência de habilidades esportivas para outros contextos da vida não é algo simplório, devendo levar em consideração os objetivos de curto e longo prazo e como estes programas trabalham as habilidades com os praticantes. Para evidenciar a importância das habilidades para vida na vida das pessoas, AhmadiGatab e colaboradores (2011)

investigaram estudantes universitários e apontam relações positivas entre habilidades para vida e qualidade de vida, indicando que determinadas características auxiliam o sujeito a resolver problemas cotidianos e levar a satisfação pessoal.

A utilização de modelos teóricos para explicar essa variável dentro do contexto da Educação Física, mais especificamente no âmbito esportivo, irá depender das hipóteses dos autores, suporte teórico dos programas em estudo e a seleção de outras variáveis psicológicas estudadas (GOUDAS; GIANNOUDIS, 2008). Um exemplo dessas variações é o estudo de Martin, Ewing e Gould (2014) que avaliaram o impacto de agentes sociais, valores éticos e morais, utilizando a Teoria de Aprendizagem Social de Bandura; e o estudo de Barker e colaboradores (2014), que investigaram a transição de fim de carreira esportiva e a transferência de aprendizagem para outros contextos em atletas olímpicos, tendo como base teórica a Teoria de Aprendizagem Sociocultural.

Um dos modelos utilizados é o Modelo de *Coaching* de Habilidades para Vida através do Esporte (GOULD; CARSON, 2008), que busca explicar como habilidades adquiridas pelo indivíduo no contexto esportivo podem ser transferidas para outros ambientes de sua vida (Figura 2). Segundo os autores, a aprendizagem de fatores positivos no contexto esportivo não garante sua transferência em outras situações do cotidiano. Para que isso ocorra, existe um processo adequado no desenvolvimento atlético em cada modalidade esportiva. Benson (1997) diz que pessoas jovens entram em diversas atividades com recursos internos (personalidade e habilidades físicas) já desenvolvidos, e recursos externos (nível sócio-econômico e agente externo), sendo importantes para seus desenvolvimentos no esporte e aprendizagem de habilidades para a vida. As habilidades para vida são baseadas numa perspectiva de desenvolvimento ao longo da vida (*lifespan*) com ênfase no crescimento e mudanças do indivíduo, demonstrando que os recursos que o atleta possui ao entrar em um determinado esporte são relevantes para auxiliá-lo em sua aprendizagem (HODGE; DANISH; MARTIN, 2013).

Quando o indivíduo se encontra em um programa de prática esportiva, os agentes sociais são importantes no direcionamento e orientação das atividades focadas nos objetivos aplicados nas tarefas. Assim, a presença do treinador é fundamental para que os atletas possam utilizar estes aspectos positivos em outros lugares, dependendo

das suas estratégias e características (GOULD et al., 2007). Segundo o presente modelo, as experiências esportivas dos indivíduos são enfatizadas nos ensinamentos do treinador, sendo divididas em características pessoais do treinador (exemplo: filosofia de treinamento, habilidades de relacionamento, competência e acessibilidade), estratégias de ensino direto – ações do treinador nos treinamentos (regras consistentes, liderança e qualidade de instrução) e indireto – em que o treinador tem menos controle e são as demandas da modalidade (sucesso do programa, normas sociais positivas e reforço social). Gould e colaboradores (2006) avaliaram treinadores escolares e sua percepção do desenvolvimento de HV, revelando a importância das estratégias do treinador para ensinar crianças e adolescentes e que o ensinamento de HV e de *performance* são simultâneas, sempre motivando e desenvolvendo seus atletas.

O terceiro componente é a possível explicação do desenvolvimento pessoal, que está relacionada com as formas de ensinar as diferentes habilidades para vida. Diversas variáveis psicológicas são desenvolvidas para auxiliar essas habilidades para vida, podendo ser explicadas num ambiente social (ECCLES et al., 2003) e nas próprias habilidades (GOULD; CARSON, 2008). A intervenção da modalidade esportiva acarretará em possíveis resultados positivos, como hábitos saudáveis, melhora na aptidão física e realização escolar, e/ou negativos, como lesões, abandono escolar, estresse e *burnout*. Estudos apontam que intervenções adequadas auxiliam no desenvolvimento do sujeito, tanto no contexto esportivo como em outros contextos pessoais, melhorando o relacionamento familiar, organização do tempo, controle de estresse e ansiedade, coesão em grupo e liderança (HOLT et al., 2008a; DRAPER et al., 2012; HARDCASTLE et al., 2015).

O último componente foca em como é realizada essa transferência de habilidades. Alguns fatores que estão presentes nessa transferência é a similaridade de situações esportivas e não-esportivas, experiência de transferências anteriores e a crença do atleta em que essas habilidades adquiridas no esporte podem ser utilizadas em outros ambientes.

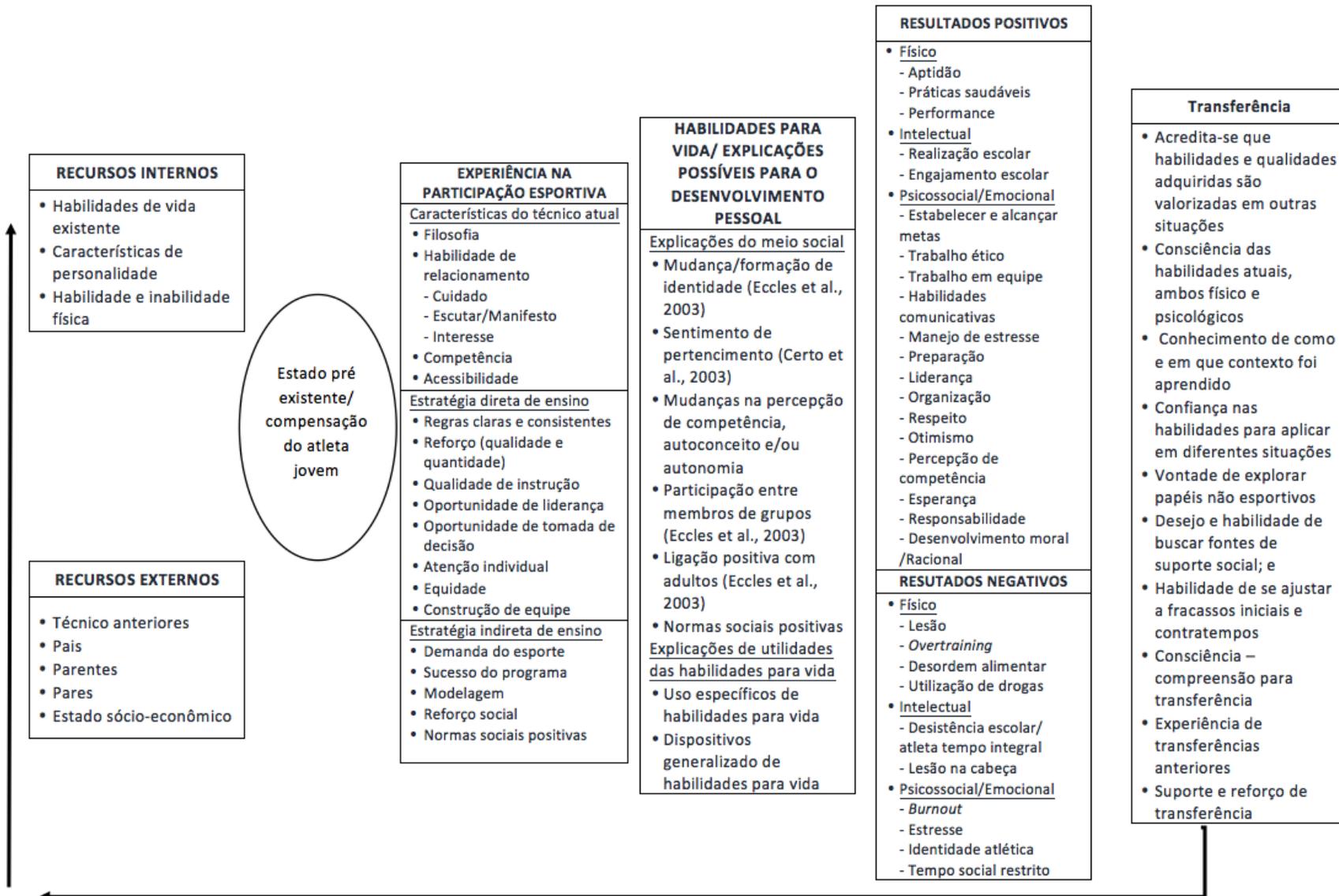


Figura 2. Modelo de *coaching* sobre habilidades para vida através do esporte (GOULD; CARSON, 2008, p.66. Tradução nossa).

Diante dos apontamentos supracitados, são encontradas algumas lacunas para o avanço do conhecimento, dentre elas avaliar as diversas habilidades que podem ser identificadas na transferência do esporte para outros contextos da vida, assim como evidenciar como ocorre a transferência de habilidades para vida em atletas de alto rendimento bem como a falta de construção de um modelo teórico para um contexto específico do voleibol. Desta maneira, a presente tese busca responder a seguinte questão geradora: as habilidades adquiridas por meio do esporte podem ser transferidas para o contexto da vida de atletas de voleibol de esporte de rendimento?

1.2. Justificativa científica e social

O interesse da presente pesquisa iniciou-se no período do curso de mestrado, durante a realização da dissertação intitulada “Motivação, suporte parental e satisfação: estudo da trajetória esportiva de atletas de beisebol”, evidenciando, na fala e no convívio com os atletas, a importância e a valorização do desenvolvimento pessoal e coletivo que o esporte traz na vida dos indivíduos. A utilização do Modelo Desenvolvimental de Participação Esportiva (CÔTÉ, 1999) e a Teoria da Autodeterminação (DECI; RYAN, 1985) auxiliaram na conclusão do trabalho, levando a estas indagações.

Ao buscar elementos que envolvam o desenvolvimento de habilidades no contexto esportivo, pôde-se verificar estudos voltados à transferência destas habilidades, sociais e individuais, para outros contextos do sujeito (TROTIER; ROBITAILLE, 2014; MARQUES; SOUSA; FELIU, 2013, VIERIMAA et al., 2012). Assim, o presente estudo justifica-se pela necessidade de avaliar como o desenvolvimento positivo de atletas no contexto brasileiro está ocorrendo, possibilitando a visualização da melhora nos aspectos psicológicos destes indivíduos, tanto no âmbito pessoal, como educacional e profissional.

O despreparo de treinadores, dirigentes e a cobrança excessiva dentro de casa podem ocasionar a desmotivação dos indivíduos na prática esportiva. Stambulova e colaboradores (2009) citam que os comportamentos destes agentes externos prejudicam a permanência de talentos esportivos em suas modalidades. Diversos estudos têm buscado identificar quais os objetivos dos projetos esportivos para

promover o melhor desenvolvimento positivo de jovens, podendo direcionar para melhores performances, participação no contexto ou desenvolvimento pessoal (CÔTÉ; HANCOCK, 2014). Sendo assim, percebe-se a importância também de avaliar o desenvolvimento de variáveis psicológicas positivas no esporte, identificando como a relação entre treinadores e atletas pode melhorar não somente o desempenho atlético, mas a evolução do sujeito como indivíduo em diversos contextos sociais.

Os resultados desta pesquisa poderão auxiliar as Secretarias de Esportes, Federações e Confederações esportivas de forma que possam criar novas políticas públicas, visando o aperfeiçoamento e o direcionamento na formação de atletas de alto rendimento, sem esquecer do desenvolvimento social do jovem. Além disso, o entendimento das intervenções dos treinadores que tiveram atletas de sucesso permite o avanço no conhecimento para treinamentos, utilizando técnicas e comportamentos apropriados de acordo com a realidade de cada praticante/aluno/atleta.

1.3. Delimitação da pesquisa

A pesquisa foi delimitada a atletas brasileiros acima de 30 anos, participantes da liga nacional (Superliga) de 2016, que já foram da Seleção Brasileira Adulta de Voleibol. A escolha dos critérios foi devido ao fato de alguns atletas estarem atuando em outras ligas internacionais ou estarem aposentados, dificultando o contato não somente com o atleta, como também com os treinadores.

1.4. Limitação da pesquisa

A pesquisa limita-se em avaliar as habilidades e os aspectos psicológicos que podem ser transferidos do ambiente esportivo, especificamente de atletas de voleibol de alto rendimento, para o contexto da vida. Para seguir um direcionamento de avaliação dessas variáveis, o Modelo de *coaching* de habilidades para vida através do esporte (GOULD; CARSON, 2008) auxiliou no desenvolvimento da presente pesquisa na identificação dessas habilidades e sua transferência para outros contextos.

1.5. Definição de termos

Contexto de transferência: São ambientes onde o aprendiz aplica suas habilidades e conhecimentos fora do ambiente de aprendizagem original (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017).

Habilidades para vida: “A habilidade de adaptar comportamentos positivos que possibilitam indivíduos a lidar efetivamente com as demandas e desafios do dia a dia” (OMS, 1999).

1.6. Estrutura da tese

A tese foi estruturada de acordo com o modelo Escandinavo, sendo composta por seis capítulos em formatos de artigos científicos (Quadro 1). Desta maneira, o primeiro capítulo é composto pela introdução geral da tese, evidenciando a relevância do trabalho, as lacunas presentes e a descrição do modelo de *Coaching* de habilidades para vida por meio do esporte (GOULD; CARSON, 2008) e a perspectiva do desenvolvimento positivo de jovens (LERNER et al., 2005). O capítulo 2 traz uma revisão sistemática da literatura sobre o estado da arte das pesquisas avaliando as habilidades para vida em programas esportivos. O capítulo 3 contempla o artigo original da percepção de atletas de voleibol sobre o processo de aprendizagem de habilidades para vida adquiridas por meio do esporte no desenvolvimento da carreira esportiva. O capítulo 4 apresenta o artigo original sobre a análise das habilidades para vida e o processo de transferência das habilidades para vida na percepção dos treinadores. No capítulo 5, foi elaborado um modelo explicativo do processo de transferência de aprendizagem das habilidades para vida no contexto esportivo brasileiro. Por fim, o capítulo 6 apresentou as considerações finais e as contribuições sociais e acadêmicas.

Capítulo 1	Introdução geral da tese Introdução, Justificativa científica e social, objetivos, delimitação do estudo, limitação do estudo, definição de termos e estrutura da tese.
Capítulo 2	Artigo de revisão sistemática Estudo das habilidades para vida aprendidas no contexto esportivo: uma revisão sistemática
Capítulo 3	Artigo original Percepção de atletas de alto rendimento sobre o processo de aprendizagem de habilidades para vida ao longo da trajetória esportiva do voleibol
Capítulo 4	Artigo original Entendendo a transferência das habilidades para vida de atletas de alto rendimento na percepção de treinadores de voleibol
Capítulo 5	Artigo original Modelo explicativo do processo de aprendizagem das habilidades para vida no contexto esportivo brasileiro.
Capítulo 6	Considerações finais

Quadro 1. Estrutura de apresentação da tese

2 OBJETIVOS

Investigar habilidades adquiridas por meio do esporte e seu processo de transferência para contextos da vida em atletas de voleibol.

Estudo 1. Revisar sistematicamente o atual estado da arte de estudos sobre as habilidades para vida no contexto esportivo.

Estudo 2. Analisar o processo de transferência das habilidades para a vida no contexto esportivo em atletas de alto rendimento.

Estudo 3. Entender o processo de transferência de habilidades para vida de atletas na percepção de treinadores.

Estudo 4. Elaborar um modelo explicativo do processo de transferência de habilidades para vida para o contexto esportivo com base nos recursos internos e externos, experiência esportiva e resultados positivos e negativos.

3 MÉTODOS

3.1. Artigo 1

Tipo de pesquisa

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa de revisão do tipo sistemática. Segundo Sampaio e Mancini (2007), a revisão sistemática é definida como pesquisa que se utiliza de fontes de dados presentes na literatura sobre um determinado tema. Para isso, o PRISMA é uma ferramenta, contendo um conjunto mínimo de itens baseado em evidências para relatórios nesse tipo de pesquisa.

Estratégias de busca bibliográfica

Primeiramente, para a realização da revisão sistemática, foram seguidas as descrições das diretrizes PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analyses*, MOHER, et al., 2009). Além disso, o artigo foi acompanhado pelo PROSPERO (International Prospective Register of Systematic Review), registrado no centro de revisões e disseminações, que avaliou seu processo de execução.

As pesquisas sobre a temática foram identificadas e conduzidas pelas seguintes bases eletrônicas: *Pubmed*, *Web of Science*, *PsycINFO*, *SportDiscus*, *Science Direct*, e *Scielo*. Como critério de busca, foram utilizadas as palavras “habilidades para vida” (*life skills*), “experiência esportiva” (*sport experience*), “desenvolvimento pessoal” (*personal development*), “transferibilidade” (*transferibility*), “transferabilidade” (*transferability*), separadas pelo operador booleano “OR”; juntamente pela palavra “esportes” (*sports*), separado pelo operador booleano “AND”. Algumas bases de dados apresentaram diretórios de base de terminologias (*Mesh terms* e *Thesaurus*), utilizando-os para melhor localização dos artigos. Desta forma, utilizou-se uma combinação de termos para melhor abranger os trabalhos relacionados à temática (APÊNDICE A).

Critérios de inclusão e exclusão

Como critérios de elegibilidade foram incluídos: a) Estudos que buscavam avaliar aspectos psicológicos de atletas e praticantes de modalidades esportivas; b) Estudos que buscavam avaliar as habilidades adquiridas no esporte e transferidas para outros contextos da vida; c) Amostra somente com seres humanos, sem limitações físicas ou mentais; d) Somente artigos originais. Definiu-se como critérios de exclusão: a) Artigos publicados em línguas que não inglês, português ou espanhol; b) Revisões da literatura/sistemáticas, artigos de opinião ou cartas de editores.

Procedimentos

Foi realizada a busca pelos artigos dentro das seis bases de dados selecionadas, utilizando as bases de terminologias (*Mesh terms* e *Thesaurus*) e nas buscas por palavras. A seleção ocorreu entre os meses de março e junho de 2015, realizado por dois pesquisadores de forma independente e suas discrepâncias foram resolvidas em consenso. Após as buscas, foram encontrados 5.649 artigos (Pubmed=705; Sciencedirect=1960; Web of science=210; Psychnet=196; Sportdiscus=2578; Scielo=0), de acordo com as buscas realizadas. Na sequência, a extração de dados dos artigos selecionados foi realizada por quatro revisores independentes. Em duplas, a extração das informações dos artigos ocorreu de forma independente e as discordâncias foram resolvidas por um quinto revisor.

Após a seleção dos trabalhos avaliados de acordo com os títulos, resumos e palavras-chave pelos avaliadores, o pesquisador principal agregou os trabalhos que foram contemplados para a pesquisa. Desta maneira, foram excluídos 5.221 artigos que não contemplaram os critérios de inclusão apresentados anteriormente.

Em um segundo momento, foram revisados novamente entre os avaliadores os artigos, eliminando os trabalhos que entrassem nos critérios de exclusão e repetições de artigos entre as bases de dados. Sendo assim, foram encontrados 31 artigos que contemplavam os critérios de inclusão e exclusão do presente estudo (Figura 1). Após a extração dos resultados dos estudos incluídos e agrupamento dos achados relevantes, foram criados temas - representações concisas, mas abrangentes, através de análise de conteúdo dos principais resultados.

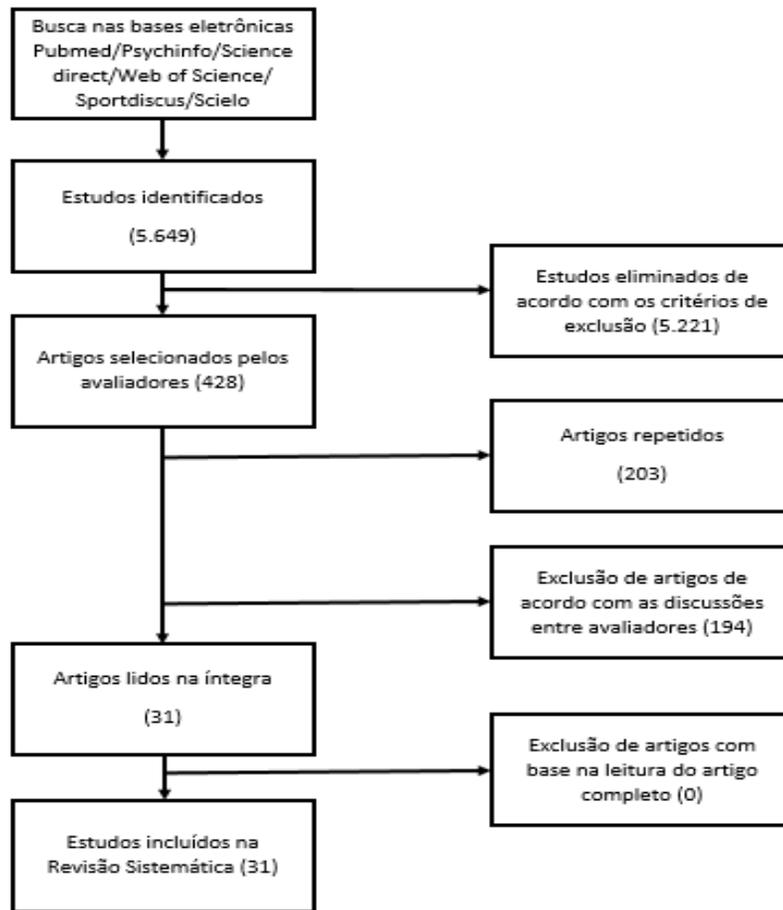


Figura 3. Diagrama do fluxo do estudo.

3.2. Artigo 2

Tipo de pesquisa

O estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa. Segundo Gerhardt e Silveira (2009), esse tipo de pesquisa não se preocupa com representatividade numérica, mas com o aprofundamento dos dados apresentados dentro da amostra avaliada. Uma das formas mais utilizadas para coleta de dados nesse tipo de pesquisa tem sido a entrevista semiestruturada, com o intuito do entrevistado retomar suas vivências de forma retrospectiva (BONI; QUARESMA, 2005).

Participantes

A população-alvo do presente estudo foi de atletas de voleibol participantes da Superliga – 2016, tendo como critérios de inclusão: a) Ter participado da Seleção

Brasileira na Categoria Adulta; b) Estar participando como atleta da competição nacional de voleibol (Superliga) no ano de 2016; c) Ter no mínimo 10 anos de prática da modalidade; d) Ter idade superior a 30 anos, acreditando que o tempo de experiência nacional e internacional pudesse interferir nas aprendizagens das habilidades para vida do sujeito. Atendendo os critérios, foram identificados 18 atletas que foram incluídos no estudo. Para localização da amostra, foi utilizada a lista de atletas participantes da Superliga no ano de 2016.

Foram excluídos do estudo cinco atletas, sendo que um não aceitou fazer parte da amostra e quatro não puderam comparecer no dia da entrevista agendada para coleta de dados. Nesse sentido, participaram da pesquisa treze atletas ($33,85 \pm 0,88$) do sexo masculino. Os atletas iniciaram a prática da modalidade com média de idade de $11,77 \pm 0,97$. Para salientar a importância da amostra do estudo, dos treze atletas em questão, sete ainda fizeram parte da seleção brasileira do ano de 2017. Todos os participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (Apêndice G).

Instrumentos de medida

Para obter as informações do estudo, foi aplicada uma ficha sociodemográfica (Apêndice B) e realizada entrevista retrospectiva semiestruturada com os participantes. A entrevista seguiu um roteiro construído de acordo com uma matriz de análise, contemplando elementos presentes no Modelo de *coaching* de habilidades para vida através do esporte (GOULD; CARSON, 2008) (Apêndice C).

Um estudo piloto com um atleta de handebol da seleção brasileira foi conduzido para possíveis alterações de inclusão e exclusão dos itens que foram questionados, testando a compreensão dos termos e acurácia das respostas na aproximação dos assuntos pertinentes à pesquisa. Profissionais da área da Educação Física, mais especificamente voltados à psicologia do esporte, revisaram o roteiro para melhor clareza (APÊNDICE E).

O roteiro consistiu de questões abertas divididas em cinco tópicos. O primeiro tópico envolve questões sobre o início da modalidade voleibol, entendendo como era a vida do sujeito naquela época, as relações interpessoais com o meio em que vivia e

participava, assim como o comportamento e habilidades (físicas, psicológicas e educacionais). O segundo tópico está relacionado ao treinador mais importante na carreira do atleta, abrangendo questões sobre o comportamento e a intervenção deste dentro e fora do contexto esportivo e as estratégias diretas e indiretas possíveis de identificar. O terceiro tópico dizia respeito às possíveis formas de como ocorre o desenvolvimento das habilidades para vida e como esses atributos podem interferir no seu comportamento. O quarto tópico é sobre as qualidades positivas e negativas que foram desenvolvidas no esporte. Por fim, foi retratada a transferência dessas habilidades para vida pessoal do indivíduo, verificando de que forma essas ocorriam, se ocorreram, e sua similaridade do esporte para outros contextos. Este guia se baseou nos elementos do Modelo de *coaching* de habilidades para vida através do esporte (GOULD; CARSON, 2008) (Quadro 2).

Componentes	Características
Estado pré-existente	Competências, habilidades, fontes internas e externas existentes no jovem indivíduo que influenciam no sucesso e permanência do mesmo no esporte em que se inicia.
Experiências na participação	Foco na experiência dentro do contexto esportivo, levando em consideração as intervenções de ensino e treinamento do treinador. Desta forma, é levado em consideração as características desse treinador, suas intervenções diretas e indiretas no ambiente do voleibol.
Desenvolvimento das habilidades pessoais	Possíveis explicações de como ocorre o desenvolvimento dessas habilidades para vida e como elas são utilizadas na vida do atleta.
Resultados positivos e negativos	Atributos positivos e negativos aprendidos pelos atletas durante sua carreira esportiva.
Transferência	Fatores que podem levar à transferência das habilidades adquiridas no voleibol para outros contextos da vida do atleta.

Quadro 2. Componentes e seus conceitos do Modelo de *coaching* de habilidades para vida através do esporte (GOULD; CARSON, 2008. Tradução nossa).

Coleta de dados

Este estudo foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisas envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Parecer nº 1.823.503, sendo integrado ao projeto “Processo de desenvolvimento de variáveis psicológicas positivas no contexto esportivo” (ANEXO A). O pesquisador

realizou contato com as equipes e os atletas previamente para o agendamento das entrevistas na cidade em que os mesmos residiam.

As entrevistas foram realizadas predominantemente nos clubes dos atletas após seus treinamentos, com duração de aproximadamente 45 minutos. Primeiramente, o indivíduo respondeu a ficha sóciodemográfica, inserindo o treinador mais importante em sua carreira atlética e as pessoas mais importantes nessa trajetória. Na sequência, foi explicado (lido o roteiro) como seria a entrevista, dividindo-as nos cinco tópicos supracitados e que seria feita uma gravação de áudio para transcrições futuras. Em todas as entrevistas, utilizaram-se dois gravadores para evitar possíveis contratempos e problemas eletrônicos. Para gravação, foi utilizado um gravador modelo *Sony* modelo ICD-PX240 e um *Ipod 5* com aplicativo *Smart Recorder*.

Análise dos dados

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Para fins de sigilo e identificação das entrevistas, foram utilizados códigos para cada atleta (A1; A2; A3...) e alteração de nomes próprios como clubes, treinadores e familiares citados. Desta forma, as informações foram transferidas para o programa Nvivo 10 para análise inicial. Após a transcrição, foram enviadas as entrevistas aos atletas para realizarem a confirmação dos dados e/ou possíveis informações adicionais.

Utilizou-se a análise temática de conteúdo do tipo categorial (categorias pré-definidas), seguida pela análise temática (exploração do material e interpretação dos resultados) (BARDIN, 2008). Segundo Minayo (2007), a análise de conteúdo é dividida em três etapas: pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados adquiridos. Na primeira etapa, é o momento de organização dos materiais de acordo com os objetivos do estudo, fundamentação teórica e elaboração de indicativos para melhor discriminar cada variável que o pesquisador busca estudar (OLIVEIRA, 2008).

Para o presente estudo, a matriz teórica foi criada com o intuito de direcionamento da entrevista. Na exploração do material, o investigador buscou encontrar categorias que puderam ser caracterizadas em palavras, envolvendo a codificação, classificação e categorização das informações coletadas com as categorias

pré-definidas. Feito isso, a última etapa foi o tratamento dos dados, o qual consistiu em análise das classificações e categorização de acordo com o modelo teórico escolhido, transformando-o em temas emergentes e categorias de primeira e segunda ordem, realizando uma análise reflexiva e crítica (BARDIN, 2008).

3.3. Artigo 3

Tipo de pesquisa

O estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa. Segundo Gerhardt e Silveira (2009), esse tipo de pesquisa não se preocupa com representatividade numérica, mas com o aprofundamento dos dados apresentados dentro da amostra avaliada. Uma das formas mais utilizadas para coleta de dados nesse tipo de pesquisa tem sido a entrevista semiestruturada, com o intuito do entrevistado retomar suas vivências de forma retrospectiva (BONI; QUARESMA, 2005).

Participantes

Participaram do estudo seis treinadores de voleibol com idades entre 48 e 56 anos de idade ($51,2 \pm 3,56$), que treinaram atletas da Seleção Brasileira da modalidade. Para seleção dos participantes, foram contatados os atletas que participaram do campeonato nacional brasileiro (Superliga) no ano de 2016, que haviam representado a Seleção Brasileira Adulta em competições oficiais, questionando-os sobre o treinador mais importante em sua carreira esportiva. Para critérios de inclusão da amostra dos treinadores, os sujeitos deveriam ter sido indicados pelos atletas, sendo assim pessoas significantes. Os indivíduos deveriam ser brasileiros, estar residindo no país e ter sido treinadores do atleta investigado por mais de um ano. Foram excluídos do estudo aqueles indivíduos que não aceitaram fazer parte do estudo ou não puderam comparecer no dia da entrevista agendada para coleta de dados. Importante salientar que uma das entrevistas foi realizada com o Coordenador do projeto da época que o atleta treinava, devido ao falecimento do treinador. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE G). O quadro 3 apresenta as características sociodemográficas e profissionais dos treinadores.

Amostra	Formação	Idade atual	Categoria que treinou o atleta	Estado que atuou com o atleta
T1	Curso de formação pela UCV* nível 4	54 anos	Mirim – Adulto	Rio de Janeiro
T2	Especialista na área de Educação Física	49 anos	Infantil	Espírito Santo
T3	Mestrado em Educação Física e Curso de formação pela UCV* nível 3	48 anos	Mirim – Adulto	Santa Catarina
T4	Educação Física e Curso de formação pela UCV* nível 4	56 anos	Infantil	São Paulo
T5	Curso de formação pela UCV* nível 3 e Brevet d'état option Volleyball France, Entraîneur Pro France	49 anos	Adulto	Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul
T6	Educação Física	-	Infantil	Rio Grande do Sul

Quadro 3. Características sociodemográficas e profissionais dos ex-treinadores dos atletas.

*Universidade Corporativa do Voleibol pela Confederação Brasileira de Voleibol

Instrumentos de medida

Para obtenção das informações da pesquisa, foi aplicada uma Ficha Sociodemográfica (APÊNDICE B) e realizada uma entrevista semiestruturada individualizada com os treinadores. A entrevista seguiu um roteiro construído de acordo com uma matriz (APÊNDICE D) contemplando elementos presentes no Modelo de *coaching* de habilidades para vida através do esporte (GOULD; CARSON, 2008). Um piloto com um treinador de beisebol foi realizado com intuito de orientar as concepções e a acurácia do guia, abordando questões relevantes para a pesquisa. Profissionais da área da Educação Física, mais especificamente voltados à Psicologia do Esporte, revisaram o roteiro para melhor entendimento (APÊNDICE F).

Os treinadores foram questionados em cinco principais áreas, contendo questões mais específicas dentro de cada sessão com o intuito de melhor compreensão da aprendizagem das habilidades para vida, não somente sobre o atleta indicado, mas de acordo com sua experiência pessoal com outros praticantes. No primeiro momento, os participantes foram questionados sobre as características dos indivíduos que iniciam a prática do voleibol, especialmente sobre importantes competências e habilidades pré-existentes e as fontes externas que auxiliam na entrada da modalidade. Em um segundo momento, os entrevistados falaram sobre sua intervenção (suas

características e estratégias utilizadas) no período que estava com o atleta indicado. Importante ressaltar que, nesse seguimento, a categoria retratada variou de acordo com o momento em que o treinador teve o convívio com seu atleta. A terceira sessão discorreu sobre como o desenvolvimento das competências de habilidades para vida ocorre e como esses atributos podem influenciar no comportamento do jovem atleta. A quarta sessão foi sobre quais resultados são adquiridos de acordo com as competências e dispositivos encontrados na sessão anterior. Por fim, os entrevistados foram indagados sobre como ocorre a transferência das habilidades adquiridas no contexto esportivo para contextos não-esportivos. Este guia se baseou nos elementos do Modelo de *coaching* de habilidades para vida através do esporte (GOULD; CARSON, 2008) (Quadro 4).

Categorias	Características
Estado pré-existente	Competências, habilidades, fontes internas e externas existentes no jovem indivíduo que influenciam no sucesso e permanência do mesmo no esporte em que se inicia.
Experiências na participação	Foco na experiência dentro do contexto esportivo, levando em consideração as intervenções de ensino e treinamento do treinador. Desta forma, é levado em consideração as características desse treinador, suas intervenções diretas e indiretas no ambiente do voleibol.
Desenvolvimento das habilidades pessoais	Possíveis explicações de como ocorre o desenvolvimento dessas habilidades para vida e como elas são utilizadas na vida do atleta.
Resultados positivos e negativos	Atributos positivos e negativos aprendidos pelos atletas durante sua carreira esportiva.
Transferência	Fatores que podem levar a transferência das habilidades adquiridas no voleibol para outros contextos da vida do atleta.

Quadro 4. Componentes presentes no processo de *coaching* das habilidades para vida (Gould; Carson, 2008. Tradução nossa).

Coleta de dados

Este estudo foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisas envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Parecer n° 1.823.503, sendo integrado ao projeto “Processo de desenvolvimento de variáveis psicológicas positivas no contexto esportivo” (ANEXO A). O pesquisador realizou contato com os treinadores previamente para o agendamento das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente nos clubes, nas casas dos treinadores ou em locais públicos com pouca influência sonora, exceto uma das entrevistas, que foi realizado via Skype. Em todas as entrevistas, utilizou-se dois gravadores para evitar possíveis contratemplos e problemas eletrônicos. Para gravação foi utilizado um gravador modelo *Sony* modelo ICD-PX240 e um *Ipod 5* com aplicativo *Smart Recorder*; e para gravação do Skype, os programas *Audacity* (Editor de áudio) e o *Voicemeeter* (drive de som digital). As entrevistas tiveram duração média de 60 minutos. Primeiramente, o indivíduo respondeu a ficha sóciodemográfica, inserindo sua formação acadêmica, início como treinador e equipes que já atuou. Na sequência, foi explicado como seria a entrevista, dividindo-as nos cinco tópicos supracitados e que seria feito uma gravação de áudio para transcrições futuras. Todas as entrevistas foram gravadas digitalmente e transcritas textualmente, resultando em 120 páginas de transcrição (fonte 12 pontos).

Análise dos dados

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Para fins de sigilo e identificação, foram utilizados códigos para cada treinador (T1; T2; T3...) e alteração de nomes próprios como clubes, atletas e familiares citados. Desta forma, as informações foram transferidas para o programa Nvivo 10 para análise inicial. Após a transcrição, foram enviadas as entrevistas aos treinadores para realizarem a confirmação dos dados e/ou possíveis informações adicionais.

A análise de conteúdo seguiu os parâmetros estabelecidos (PATTON, 2002). Desta forma, as transcrições foram lidas diversas vezes, buscando identificar unidades significativas de informação, como passagens de texto, com conteúdo significativo para o estudo. Cada segmento foi codificado como *nós* (nomenclatura usada no programa *Nvivo 10*) que representaram a informação dentro da unidade de significado. A junção dos nós formaram os temas emergentes da pesquisa, os quais foram examinados e comparados com outros padrões de temas para formação das categorias. Assim, a análise de classificação e categorização foi feita de acordo com os componentes do modelo de Gould e Carson (2008), transformando as unidades em temas emergentes e categorias. Apesar de utilizar o modelo como direcionamento para as entrevistas, as

análises dentro dos componentes investigados foram de forma indutiva, com o objetivo de evidenciar resultados reais do contexto em estudo.

4 RESULTADOS

Os resultados foram apresentados em quatro artigos de acordo com os objetivos da presente tese. O primeiro artigo está intitulado como “Estudo das habilidades para vida aprendidas no contexto esportivo: uma revisão sistemática”, buscando revisar sistematicamente o atual estado da arte de estudos sobre as habilidades para vida no contexto esportivo. O segundo artigo “Percepção de atletas de alto rendimento sobre o processo de aprendizagem de habilidades para vida ao longo da trajetória esportiva do voleibol” tem como objetivo analisar o processo de transferência das habilidades para a vida no contexto esportivo em atletas de alto rendimento. O terceiro artigo intitula-se “Entendendo a transferência das habilidades para vida de atletas de alto rendimento na percepção de treinadores de voleibol”, a fim de entender o processo de transferência das habilidades para vida de atletas na percepção dos treinadores. Por fim, foi apresentado “Modelo explicativo do processo de aprendizagem das habilidades para vida no contexto brasileiro do voleibol”.

4.1 Artigo Original 1

ESTUDO DAS HABILIDADES PARA A VIDA APRENDIDAS NO CONTEXTO ESPORTIVO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Resumo: Este estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática sobre os estudos que avaliam as habilidades para vida no contexto esportivo. As buscas foram conduzidas nas bases *Pubmed*, *Sportdiscus*, *Web of Science*, *PsycINFO*, *Science Direct* e *Scielo*, utilizando combinações de palavras referentes às habilidades para vida e ao esporte. Como critério de inclusão, os estudos deveriam avaliar a transferência de aspectos psicológicos de atletas e praticantes de modalidades esportivas para outros contextos da vida. A revisão seguiu as descrições de diretrizes PRISMA, encontrando 31 artigos. Os resultados revelaram uma predominância de estudos no Canadá, Estados Unidos, Reino Unido e Austrália, onde estão localizados grandes quantidades de programas voltados para o desenvolvimento positivo de jovens (*First Tee*, *Super*, *Play it Smart*). Foi identificado que a literatura tem buscado avaliar diversas variáveis psicológicas e como elas podem ser utilizadas em outros contextos da vida, utilizando diferentes modelos teóricos em suas pesquisas. Pode-se concluir que apesar de identificar estudos relacionados à temática, existe a necessidade de realizar trabalhos sobre o processo de transferência e formas de intervenção nas diferentes modalidades esportivas.

Palavras-chave: Atleta, esporte, transferência.

Introdução

No cenário mundial atual, diversos programas esportivos têm sido criados para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, com o intuito de melhora pessoal e de rendimento (CÔTÉ; HANCOCK, 2014). Em alguns locais de intervenção com formação de projetos sistematizados (ex: SUPER GOAL, FIRST TEE), o objetivo de trabalho tem sido ofertar um desenvolvimento positivo de jovens, melhorando não somente suas habilidades esportivas, mas ensinando valores e habilidades para outros contextos da vida. Segundo Goudas (2010), os programas para o ensinamento dessas habilidades podem ser divididos em três categorias: a) programas que ensinam habilidades para vida em salas de aulas, usando metáforas esportivas; b) programas que ensinam habilidades para vida nos treinamentos, além das habilidades esportivas; e c) programas que ensinam habilidades para vida dentro das aulas de Educação Física.

Estudos têm buscado avaliar variáveis psicológicas no esporte, evidenciando as transferências de habilidades sociais, liderança, autonomia, autoconfiança, manejo do estresse e respeito para outras áreas do jovem praticante como o contexto escolar

(JONES; LAVALLEE, 2009; TROTTIER; ROBITAILLE, 2014). Apesar do crescente número de estudos, evidenciando que o esporte pode promover resultados positivos para o indivíduo, ainda não existe consenso sobre a transferência destas habilidades para outros contextos da vida (TURNNIDGE; CÔTÉ; HANCOCK, 2014). Desta maneira, existe a necessidade de realizar uma revisão dos estudos sobre as habilidades esportivas e seu processo de transferência para preencher essa lacuna.

Ao longo dos anos, diversos estudos buscaram explicar maneiras de maximizar o desenvolvimento positivo de jovens praticantes de modalidades esportivas, evidenciando poucos modelos teóricos desenvolvidos para explicar estes fenômenos. Para isso, um dos desafios tem sido buscar definições e classificações coerentes para as habilidades para vida. Segundo a Organização Mundial de Saúde (1999), esta variável é definida como habilidade adaptativa e positiva que possibilita as pessoas lidarem com os desafios cotidianos, dividindo-se em cinco áreas básicas: tomada de decisões e solução de problemas, pensamento crítico e criativo, habilidades interpessoais e comunicativas, empatia e autoconsciência e lidar com estresse e emoções. Outras pesquisas classificam estas variáveis em aspectos comportamentais ou cognitivos, assim como interpessoais e intrapessoais, sendo definidas como valores e características que possibilitam o indivíduo a se desenvolver no esporte e transferi-los para diferentes contextos (DANISH et al., 2004; JONES; LAVALLEE, 2009).

No entanto, a maior parte das pesquisas voltadas a este campo de estudo tem focado no desenvolvimento inicial de crianças e jovens, especialmente no contexto escolar ou em comunidades carentes. Desta maneira, observa-se que programas de implementação esportiva para jovens em comunidades de baixa renda promove aprendizagem de valores sociais (cooperação e diálogo), assim como outras habilidades que podem ser transferidas em outros campos da vida (HOLT et al., 2013; MUELLER et al., 2011). Estudo realizado por Sozen (2012) demonstrou que as aulas de Educação Física nas escolas auxiliam nas habilidades de resolução de problemas de atletas escolares. Entretanto, percebe-se a necessidade de avaliar as habilidades adquiridas no esporte de alto rendimento e sua transferência para a vida adulta.

Face ao exposto, o presente estudo tem como objetivo realizar uma revisão sistemática sobre os estudos que avaliam as habilidades para vida no contexto

esportivo, afim de identificar qual população tem sido foco dos estudos, quais variáveis psicológicas estão ligadas às habilidades para vida, a instrumentalização utilizada para avaliar tais aspectos e quais modelos de suporte teórico para fundamentação têm sido utilizados.

Métodos

Tipo de pesquisa

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa de revisão do tipo sistemática. Segundo Sampaio e Mancini (2007), a revisão sistemática é definida como pesquisa que se utiliza de fontes de dados presentes na literatura sobre um determinado tema. Para isso, o PRISMA é uma ferramenta, contendo um conjunto mínimo de itens baseado em evidências para relatórios nesse tipo de pesquisa.

Estratégias de busca bibliográfica

Primeiramente, para a realização da revisão sistemática, foram seguidas as descrições das diretrizes PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analyses*, MOHER, et al., 2009). Além disso, o artigo foi acompanhado pelo PROSPERO (International Prospective Register of Systematic Review), registrado no centro de revisões e disseminações, no qual avaliou seu processo de execução.

As pesquisas sobre a temática foram identificadas e conduzidas pelas seguintes bases eletrônicas: *Pubmed*, *Web of Science*, *PsycINFO*, *SportDiscus*, *Science Direct*, e *Scielo*. Como critério de busca, utilizou-se as palavras “habilidades para vida” (*life skills*), “experiência esportiva” (*sport experience*), “desenvolvimento pessoal” (*personal development*), “transferibilidade” (*transferibility*), “transferabilidade” (*transferability*), separadas pelo operador booleano “OR”; juntamente pela palavra “esportes” (*sports*), separado pelo operador booleano “AND”. Algumas bases de dados apresentaram diretórios de base de terminologias (*Mesh terms* e *Thesaurus*), utilizando-os para melhor localização dos artigos. Desta forma, utilizou-se uma combinação de termos para melhor abranger os trabalhos relacionados à temática (APÊNDICE A).

Critérios de inclusão e exclusão

Como critérios de elegibilidade foram incluídos: a) Estudos que buscam avaliar aspectos psicológicos de atletas e praticantes de modalidades esportivas; b) Estudos que buscam avaliar as habilidades adquiridas no esporte e transferidas para outros contextos da vida; c) Amostra somente com seres humanos, sem limitações físicas ou mentais; d) Somente artigos originais. Definiu-se como critérios de exclusão: a) Artigos publicados em línguas que não Inglês, Português ou Espanhol; b) Revisões da literatura/sistemáticas, artigos de opinião ou cartas de editores.

Procedimentos

Foi realizada a busca pelos artigos dentro das seis bases de dados selecionadas, utilizando as bases de terminologias (*Mesh terms* e *Thesaurus*) e nas buscas por palavras. A seleção ocorreu entre os meses de março e junho de 2015, realizado por dois pesquisadores de forma independente e suas discrepâncias foram resolvidas em consenso. Após as buscas, foram encontrados 5.649 artigos (Pubmed=705; Sciencedirect=1960; Web of science=210; Psychnet=196; Sportdiscus=2578; Scielo=0). Na sequência, a extração de dados dos artigos selecionados foi realizada por quatro revisores independentes. Em duplas, a extração das informações dos artigos ocorreu de forma independente e as discordâncias foram resolvidas por um quinto revisor.

Após a seleção dos trabalhos avaliados de acordo com os títulos, resumos e palavras-chave pelos avaliadores, o pesquisador principal agregou os trabalhos que foram contemplados para a pesquisa. Desta maneira, foram excluídos 5.221 artigos que não contemplaram os critérios de inclusão apresentados anteriormente.

Em um segundo momento, foram revisados novamente entre os avaliadores os artigos, eliminando os trabalhos que entrassem nos critérios de exclusão e repetições de artigos entre as bases de dados. Sendo assim, foram encontrados 31 artigos que contemplavam os critérios de inclusão e exclusão do presente estudo (Figura 4). Após a extração dos resultados dos estudos incluídos e agrupamento dos achados relevantes, foram criados temas - representações concisas, mas abrangentes, através de análise de conteúdo dos principais resultados.

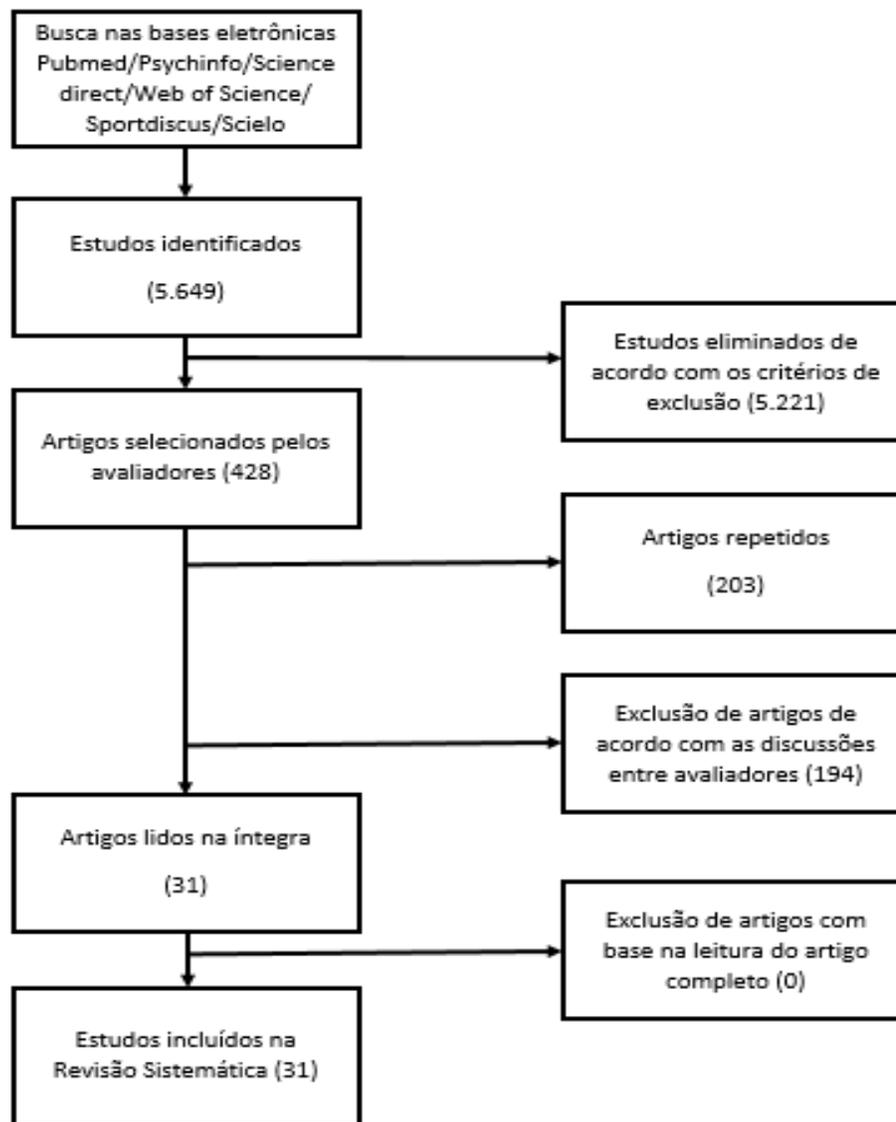


Figura 4. Diagrama do fluxo do estudo.

Resultados

Os resultados do estudo estão apresentados de acordo com os objetivos específicos, buscando investigar a característica da amostra avaliada pelos artigos selecionados, as variáveis relacionadas às habilidades para vida, a instrumentalização utilizada e o suporte teórico base. Desta maneira, o Quadro 1 apresenta os dados metodológicos de cada estudo, incluindo local de coleta, população/amostra, instrumento utilizado e a variável avaliada.

Autores (ano)	Local	População/amostra	Instrumento utilizado	Variável avaliada
Petitpas et al. (2004)	Estados Unidos	252 Atletas de futebol americano	Observação não participativa	Habilidades para vida
Papacharisis et al. (2005)	Grécia	Atletas de voleibol e futebol	Teste de habilidades esportivas, teste de Hogan, teste de Roedel, Schraw e Plake	Habilidades esportivas, teste de conhecimento e autocrença para habilidades de estabelecimento de metas, resolução de problemas, pensamentos positivos
Brunelle, Danish e Forneris (2007)	Estados Unidos	Atletas adolescentes participantes de golf	Interpersonal reactivity index, social and personal responsibility scale, social interest scale, Crandall's social desirability scale, the goal knowledge scale, and goal self-efficacy	Habilidades para vida
Gould et al. (2007)	Estados Unidos	10 treinadores de futebol americano	Entrevista semiestruturada	Desenvolvimento do life skills
Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2008)	Canadá	Atletas nadadores	Entrevista semiestruturada	Motivação para término da modalidade e permanência no contexto
Holt et al. (2008a)	Canadá	Treinadores e jovens atletas	Entrevista semiestruturada	Percepção da facilitação do desenvolvimento positivo
Holt et al. (2008b)	Canadá	12 Atletas de futebol de campo e 1 treinador	Relatos de campo e entrevistas	Habilidades para vida
Fraser-Thomas e Côté (2009)	Canadá	Atletas nadadores	Entrevista semiestruturada	Desenvolvimento positivo e negativo no esporte
Jones e Lavallee (2009)	Reino Unido	19 Atletas adolescentes, 10 treinadores, 4 experts em PE e 5 pós-graduandos	Questionário semiestruturado	Habilidades para vida e desenvolvimento positivo de jovens
Light (2010)	Austrália	43 Atletas nadadores, 20 pais, 4 treinadores	Questionário fechado aos atletas e entrevista com treinadores e pais	Desenvolvimento social, pessoal e cultural
Walsh, Ozaeta e Wright (2010)	Estados Unidos	Atletas estudantes	Entrevista semiestruturada, observações e documentos	Habilidades para vida
Gould e Carson (2011)	Estados Unidos	Atletas estudantes	Youth Experiences Scale (YES2), Coaching Behavior Scale for Sport, compilation of items that assessed specific coaching actions targeting the development of life skills	Experiências no desenvolvimento positivo e negativo, ações do treinador e desenvolvimento das habilidades para vida
Jones, Lavallee e Tod (2011)	Reino Unido	15 Atletas de hóquei e tênis de campo	Instrumento criado com 28 itens para avaliar life-skills	Habilidades comunicativas e organizacionais
Macdonald et al. (2011)	Canadá	Atletas	Youth Experience Survey for Sport (YES-S), Sources of Enjoyment in Youth Sport Questionnaire (SEYSQ), Motivational Climate Scale for Youth Sport (MCSYS)	Desenvolvimento pessoal, alegria para prática, clima motivacional
Azadi (2012)	Irã	Atletas estudantes	Questionnaires of life skills	Habilidades para vida
Camiré, Trutel e Forneris (2012)	Canadá	16 Atletas-estudantes e 9 treinadores	Entrevista semiestruturada	Desenvolvimento positivo de jovens
Draper et al. (2012)	África do Sul	123 Atletas de futebol de campo	Entrevista e questionário de habilidades para vida	Habilidades para vida
Harrist e Witt (2012)	Canadá	Atletas e treinadores de basquetebol	Entrevista semiestruturada	Desenvolvimento positivo

Macdonald et al. (2012)	Canadá	Atletas	yes 2.0	Desenvolvimento positivo para jovens
Ueno (2012)	Japão	Atletas universitários	Belief in life skills through participation in athletic clubs	Habilidades para vida relacionadas à personalidade
Camiré, Trutel e Bernard (2013)	Canadá	21 Atletas escolares de hóquei, 6 treinadores, 7 pais, 1 diretor do programa e 1 diretor da escola	Observação não participativa, entrevistas	Habilidades para vida
Vella, Oades e Crowe (2013)	Austrália	Adolescentes atletas de futebol	Differentiated Transformational Leadership Inventory for Youth Sport (DTLI-YS), Coach–Athlete Relationship Questionnaire (CART-Q), Youth Experience Survey for Sport	Comportamento de liderança do treinador, relacionamento treinador-atleta, sucesso de equipe e experiências positivas desenvolvimentais
Weiss et al. (2013)	Estados Unidos	95 atletas, 26 treinadores e 24 pais	Entrevista semiestruturado individual e coletiva	Desenvolvimento positivo de jovens
Barker et al. (2014)	Austrália, Inglaterra, Suíça e Suécia	3 Atletas olímpicos	Entrevista semiestruturada	Transição de fim de carreira atlética, Habilidades para vida
Bruner et al. (2014)	Canadá	424 Atletas adolescentes	Youth Sport Environment Questionnaire; Yes-s	Coesão de grupo, desenvolvimento positivo atlético.
Martin, Ewing e Gould (2014)	Estados Unidos	Jovens atletas	USADA – survey	Impacto de agentes sociais, valores éticos e morais, motivos para prática.
Neely e Holt (2014)	Canadá	22 pais de crianças praticantes de programas esportivos	Entrevista semiestruturada	Benefícios da participação esportiva para crianças
Ueno (2014)	Japão	307 Atletas universitários	Psychological skills inventory for athletic clubs (Psia); Psychological Skills Inventory for School Life (Psis)	Habilidades para vida – habilidades inter e intrapessoal
Weiss, Bolter e Kipp (2014)	Estados Unidos	533 Atletas de golf, pais e treinadores	Life Skills Transfer Survey (LSTS)	Habilidades para vida
Cronin e Allen (2015)	Reino Unido	202 atletas jovens	Sport Climate Questionnaire, Youth Experience Survey for Sport (yes-s), Self Description Questionnaire II, Positive and negative affect schedule	Forma de treino do treinador; bem estar psicológico
Hardcastle et al. (2015)	Austrália	54 Atletas, treinadores, pais e mediadores	Entrevista semiestruturada individual e coletiva	Atitude, experiência e percepção de eficácia

Quadro 5 – Descrição das características metodológicas dos artigos selecionados que buscaram investigar as habilidades para vida no contexto esportivo.

Características da amostra

De acordo com os 31 estudos que foram incluídos na pesquisa, pode-se observar diversas categorias de amostra, tais como: jovens praticantes de modalidades esportivas (WALSH; OZAETA; WRIGHT, 2010; WEISS et al., 2013; CRONIN; ALLEN, 2015), atletas escolares (GOULD; CARSON, 2011), universitários e olímpicos (UENO,

2014; BARKER et al., 2014) , pais de atletas (WEISS; BOLTER; KIPP, 2014), *experts* da área de psicologia do esporte (JONES; LAVALLEE, 2009), alunos de pós-graduação (JONES; LAVALLEE, 2009), diretor de programas esportivos, diretor de escola e treinadores (CAMIRÉ; TRUDEL; FORNERIS, 2012; GOULD et al., 2007). Foi possível evidenciar que grande parte das pesquisas precisam buscar outras populações para avaliar os programas e as transferências de habilidades no esporte para outros campos da vida, especialmente indivíduos que convivem diretamente com o praticante/atleta.

Além disso, foi confirmado que os estudos foram predominantemente realizados no Canadá (11) (CAMIRÉ; TRUDEL; BERNARD, 2013; CAMIRÉ; TRUDEL; FORNERIS, 2012; HOLT et al., 2008a), Estados Unidos (9) (MARTIN; EWING; GOULD, 2014; BRUNELLE; DANISH; FORNERIS, 2007; PAPACHIRISIS et al., 2005), Austrália (4) (LIGHT, 2010; HARDCASTLE et al., 2015), Reino Unido (3) (JONES; LAVALLEE, 2009; CRONIN; ALLEN, 2015), e outros países (4) (UENO, 2014; UENO, 2012; DRAPER et al., 2012; AZADI, 2012). Foi possível verificar que esses países possuem diversos projetos esportivos voltados para as habilidades para vida, alguns mais conhecidos e mais abrangentes como *First Tee* (WEISS et al., 2013), *Play it Smart* (PETITPAS et al., 2004) e *SUPER* (BRUNELLE; DANISH; FORNERIS, 2007) nos Estados Unidos e Canadá, e outros com programas regionais (CAMIRÉ; TRUDEL; BERNARD, 2013) que visam o mesmo objetivo. No entanto, percebe-se a presença de algumas avaliações com atletas de competitividade, buscando encontrar os benefícios do esporte para a vida desses praticantes. Os pesquisadores investigaram, quando demonstrados nos trabalhos, esportes coletivos (Hóquei, *Rugby*, Basquetebol, futebol, futebol americano, *Cricket*, lacrosse, ginástica, handebol, *curling*, softbol, beisebol, netbol) e individuais (atletismo, patinação artística e no gelo, tênis, golfe, natação, badminton, squash, triatlo, surf, judô) nas diversas fases do desenvolvimento esportivo. Como citado anteriormente, alguns programas oferecidos são específicos às determinadas modalidades, enquanto outros estudos buscaram estudar uma gama de esportes para contemplar o maior número de habilidades possíveis.

De acordo com os resultados encontrados, percebe-se a necessidade de aplicações de novos projetos esportivos com a visão de desenvolvimento positivo de jovens na aprendizagem de habilidades para a vida, assim como analisar fatores

positivos de atletas de alto rendimento que possam ser transferidos para outros campos da vida.

Instrumentalização

Nos artigos foram encontrados diversos tipos de instrumentos para avaliar habilidades de transferência para vida. Entretanto, alguns pontos devem ser levados em consideração para melhor compreensão. Primeiramente, observou-se que alguns estudos buscaram avaliar aspectos psicológicos específicos (CRONIN; ALLEN, 2015; BRUNER et al., 2014), assim como programas que são utilizados para o desenvolvimento positivo de jovens, comparando com outros ambientes (exemplo: meio escolar) (UENO, 2014). Desta maneira, observou-se a utilização de instrumentos de avaliações psicológicas distintas umas das outras, voltando-se para a transferência dessas habilidades. Outro ponto é a avaliação da percepção dos ensinamentos dessas habilidades para vida em diferentes sujeitos, evidenciando a participação de diversas pessoas que estão presentes na vida do atleta.

Assim, houve prevalência de estudos que utilizaram questionários, entrevistas semiestruturadas e relatos de campo para buscar seus resultados, sendo coletados com atletas, treinadores, pais, dirigentes e diretores. Em relação aos instrumentos psicométricos, pôde-se observar a utilização de questionários de liderança, experiências de jovens no esporte (BRUNER et al., 2014; GOULD; CARSON, 2011), relacionamentos interpessoais (BRUNELLE; DANISH; FORNERIS, 2007), responsabilidade e interesse social e pessoal (BRUNELLE; DANISH; FORNERIS, 2007), conhecimento de metas (BRUNELLE; DANISH; FORNERIS, 2007), autoeficácia (BRUNELLE; DANISH; FORNERIS, 2007), relação treinador-atleta (VELLA; OADES; CROWE, 2013), motivação (MACDONALD et al., 2011), fontes de alegria no esporte (MACDONALD et al., 2011). Em alguns estudos, foram realizados a validação de alguns instrumentos específicos para as habilidades para vida, como o *Life Skills Transfer Survey* (LSTS) (WEISS; BOLTER; KIPP, 2014), *Psychological skills inventory for athletic clubs* (PSIA) para o esporte com *Psychological Skills Inventory for School Life* (Psis) (UENO, 2014) ou não informaram a validação dos mesmos (*Skills for Everyday Living, Questionnaires of life skills*) (AZADI, 2012). Assim foi possível

verificar que as avaliações qualitativas podem proporcionar resultados mais específicos para o objetivo de cada estudo, podendo utilizar instrumentos psicométricos para averiguar habilidades específicas dentro do contexto esportivo.

Apesar disso, percebe-se a falta de instrumentos que possam compreender as habilidades para vida, especialmente avaliações de transferência da aprendizagem esportiva para outros contextos da vida. Isso demonstra a necessidade de realizar mais estudos e criar mais instrumentos para entender essas variáveis psicológicas, assim como criações de modelos de entrevistas qualitativas para diferentes áreas da vida e do esporte, de forma que auxilie e siga parâmetros para futuros estudos.

Variáveis relacionadas às habilidades para vida

Quando analisados os artigos incluídos no presente estudo, pôde-se observar diversas variáveis psicológicas que buscaram encontrar sua transferência entre contextos (Quadro 6). Importante ressaltar que cada trabalho apresentou objetivos diferentes, contendo resultados focados nas percepções das habilidades para vida, intervenções para melhora do desenvolvimento positivo de jovens e avaliações de projetos de aperfeiçoamento em modalidades esportivas específicas. Sendo assim, alguns estudos consideraram determinadas variáveis psicológicas importantes e possíveis de serem transferidas para outros contextos, dentre elas as habilidades interpessoais como bons relacionamentos, respeito e trabalho em equipe, coesão para a tarefa, cooperação, responsabilidade social e sentimento pelo próximo. Além disso, as habilidades pessoais também foram citadas como busca por metas e atingir objetivos, *enculturação*, identidade, motivação, autonomia, liderança, iniciativa, gestão do estresse e ansiedade, controle de tempo, confiança, empatia, persistência, resolução de problemas, estimulação intelectual e percepção de competência.

Autores (ano)	Resultados
Petitpas et al. (2004)	Participação no programa leva os atletas a atingirem notas mais altas, sucesso acadêmico, melhores relacionamentos com pares e adultos mentores. Além disso, faz com que experienciem busca por metas e trabalho intenso para alcançar os objetivos.
Papacharisis et al. (2005)	Melhoras nos conhecimentos de habilidades para vida para o grupo controle. Estabelecimento de metas, resolução de problemas, pensamentos positivos e <i>performance</i> foram maiores no grupo experimental em relação ao grupo controle após as intervenções.
Brunelle, Danish e Forneris (2007)	O programa teve impactos positivos para os valores sociais dos adolescentes e os serviços comunitários deram experiências positivamente impactantes nos níveis de empatia e responsabilidade social dos indivíduos.
Gould et al. (2007)	Treinadores não veem o ensinamento de habilidades para vida separados do ensinamento para performance. A alta motivação leva o desenvolvimento pessoal como prioridade máxima.
Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2008)	Observou-se que a desistência dos atletas foram identificadas pelo pico de performance prematuro, tempos limitados com o treinador, pressão dos pais na adolescência, falta de pares durante a adolescência e parentes contra a prática. Em contrapartida, os que permaneceram foram devido à filosofia de desenvolvimento do clube, pais e treinadores com comunicação aberta, suporte dos amigos da escola e influências positivas dos parentes.
Holt et al. (2008a)	A filosofia do treinador foi de construção de relacionamento e envolver os atletas-alunos em tomada de decisões. Três habilidades para vida foram identificadas: iniciativa, respeito e trabalho em equipe/liderança.
Holt et al. (2008b)	Jogos intraescolares são motivantes, se cria pouca atmosfera apropriada para o desenvolvimento durante os eventos. Atletas jovens associam o desenvolvimento positivo com a promoção da empatia e conexões sociais.
Fraser-Thomas e Côté (2009)	Pode-se identificar a importância do papel de programas esportivos, clubes, treinadores e pais para facilitação de experiências de desenvolvimento positivo no esporte.
Jones e Lavallee (2009)	Habilidade para vida é definida como intervalos de competências transferíveis necessários para a vida cotidiana por todos, que ajuda as pessoas a prosperarem. Os participantes descreveram a necessidade de habilidades interpessoais, incluindo habilidades sociais, respeito, liderança, interação familiar e comunicação. Habilidades pessoais, incluindo auto-organização, disciplina, autossuficiência, busca por metas, organização de resultados de desempenho e motivação, também foram reportados. Habilidades sociais foram consideradas as mais importantes para a vida.
Light (2010)	A participação em esportes explora os aspectos sociais, pessoais e culturais da criança. Juntamente a esses apontamentos, existe um aumento de aprendizagem social, “encultramento” e desenvolvimento da identidade nesses indivíduos.
Walsh, Ozaeta e Wright (2010)	Foi identificado transferência de habilidade do contexto esportivo para o educacional, principalmente o respeito, sentimento pelo próprio, trabalho em equipe e esforço, autodireção e estabelecimento de metas, liderança e ajuda.
Gould e Carson (2011)	O comportamento do treinador tem impacto no vasto número de potencialidades no desenvolvimento das habilidades para a vida.
Jones, Lavallee e Tod (2011)	Benefícios na participação do programa ELITE; programa prazeroso com proposta de melhora de habilidades para vida.
Macdonald et al. (2011)	Experiências positivas no esporte são mais predizentes pela filiação de pares, competência, resguardar esforços e clima motivacional para a tarefa. Experiências negativas, no entanto, foram preditas pelo clima motivacional pelo ego, competência referenciada pelos outros. Criar um ambiente que tenha o encorajamento dos pares e metas pessoais pode resultar em desenvolvimentos positivos.
Azadi (2012)	Boa parte do sucesso no esporte é devido às habilidades para vida. Entre as habilidades, houve habilidades relacionados a resolução de problemas e resistência a ansiedade que prediziam o sucesso no esporte.
Camiré, Trutel e Forneris (2012)	Resultados apresentaram que os treinadores compreendiam as individualidades dos atletas e tinham filosofias na promoção do desenvolvimento aluno-atleta. Além disso, os treinadores possuem estratégias para ensinar habilidades para vida e fazer sua <i>transferibilidade</i> . Por fim, acredita-se que as habilidades para vida podem obter nos

	treinamentos de acordo com sua intervenção.
Draper et al. (2012)	O projeto é benéfico para os atletas, dando suporte de gerenciamento da equipe.
Harrist e Witt (2012)	Três domínios foram encontrados entre treinadores e atletas, sendo melhoramento do atleta, desenvolvimento de habilidades para vida e prazer nas experiências de jogo. Importante relatar que os achados por parte dos treinadores tiveram associação com o dos atletas, mostrando que essa visão equiparada leva ao bom desenvolvimento atlético.
Macdonald et al. (2012)	O instrumento é capaz de avaliar o desenvolvimento positivo e negativo do desenvolvimento atlético, dividindo em 5 fatores: habilidades sociais e pessoais, iniciativa, estabelecer metas, habilidades cognitivas, experiências negativas.
Ueno (2012)	Experiências em clubes esportivos influenciam na formação de crença positiva, persistência e que as experiências diárias influenciam nas propriedades de cooperação. As habilidades para a vida estão relacionadas à aquisição de tempo através das experiências atléticas.
Camiré, Trutel e Bernard (2013)	Os resultados do programa estão de acordo com o modelo teórico, tendo melhores relacionamentos entre treinador-atleta e possibilitando estratégias para ensinar habilidades para vida e valores.
Vella, Oades e Crowe (2013)	O comportamento de liderança transformacional do treinador e a relação treinador-atleta possuem relações com o desenvolvimento. Melhores comportamentos de <i>coaching</i> foram as considerações individuais, estimulação intelectual e estimulação de papéis apropriados.
Weiss et al. (2013)	O resultados providenciam dados iniciais que <i>The First Tee</i> tem tido um impacto positivo na promoção do desenvolvimento de jovens no contexto do golfe e sua transferência em outros contextos.
Barker et al. (2014)	Mover para novos contextos sociais ocasiona abandono de alguns elementos atléticos e desenvolver novos elementos; a transição é afetada pelas aprendizagens anteriores nos esportes e as características novas; a aprendizagem no contexto esportivo é normalmente intencional e implícita.
Bruner et al. (2014)	Maiores percepções de coesão para a tarefa refletem em melhor desenvolvimento atlético.
Martin, Ewing e Gould (2014)	Treinadores e pais são os agentes que apresentam mais influências positivas para os adolescentes. Adolescentes mais velhos têm influências maiores pelos treinadores e indivíduos no final da infância têm os pais como influência. Houve diferença entre sexos, mostrando que as mulheres acreditam que os pais e os professores são mais influentes positivamente e para os homens os atletas profissionais. Ligas escolares têm pais e professores como influências positivas, enquanto equipes de clubes têm os atletas olímpicos ou colegiais como referência.
Neely e Holt (2014)	Na percepção paterna, jovens que participam de programas esportivos adquirem benefícios pessoais, sociais e físicos, explorando suas habilidades e construindo autopercepções positivas. Clima motivacional dos treinadores é um fator importante para este desenvolvimento. Crucialmente, os pais desempenham um papel importante na transferência das habilidades esportivas para outros contextos da vida.
Ueno (2014)	Observou-se que os dois instrumentos apresentaram boa fiabilidade, podendo utilizar os dois instrumentos para averiguar o desenvolvimento esportivo e sua transferência para o contexto acadêmico.
Weiss, Bolter e kipp (2014)	O instrumento conteve validade e consistência interna. Além disso, o programa tem sucesso em ensinamentos sociais, psicológicos e comportamentais, fazendo com que consigam transferir suas habilidades esportivas para outros contextos.
Cronin e Allen (2015)	O ambiente de treino está relacionado com a melhora de diversas habilidades positivas. O desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais media a relação do ambiente de treino e bem estar psicológico. Sugere-se também que o técnico tenha comportamentos de suporte autônomo para os atletas desenvolverem experiências e obterem bem estar psicológico.
Hardcastle et al. (2015)	Alguns pontos foram encontrados (alcance do equilíbrio nas tarefas, gestão do estresse, controle do tempo, ajuste de objetivos, confiança). O programa ajuda a desenvolver comportamentos adaptativos tanto no esporte como em outros contextos

Quadro 6. Resultados encontrados nos trabalhos selecionados que buscaram investigar as habilidades para vida no contexto esportivo.

De acordo com os estudos avaliados, pôde-se perceber que diversos fatores psicológicos, tais como coesão de grupo, autonomia e motivação, puderam ser transferidos para outros contextos da vida, evidenciando a importância do esporte na vida dessas pessoas. No entanto, foi possível identificar que muitos dos resultados foram relatados pela percepção dos pais, treinadores e dirigentes e em alguns momentos pelos próprios atletas. Esses dados demonstram a transferência dessas habilidades para vida do sujeito, mas em determinados momentos não foi possível identificar os contextos e citações de exemplos específicos dessas transferências. Desta forma, percebe-se a necessidade de realizar estudos que apresentem similaridades dessas habilidades em outros contextos e como elas são desenvolvidas no contexto esportivo.

Abordagens teóricas

Quando analisados os artigos, pôde-se observar algumas teorias, abordagens e modelos que seguiram como abordagem teórica para formulação das entrevistas, questionários semiestruturados e apresentação dos resultados encontrados. Desta forma, percebeu-se que o desenvolvimento positivo de jovens (n=07) (LERNER et al., 2005) foi o suporte mais utilizado para explicar os resultados encontrados sobre as habilidades para vida. Além disso, percebeu-se outros suportes teóricos como a teoria de aprendizagem social (BANDURA, 1977), Modelo de desenvolvimento de participação esportiva (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003), Perspectiva do Sistema Bioecológico (BROFENBRENNER, 1977), Modelos de Desenvolvimento de Habilidades (BENSON, 1997), Modelo de Petitpas e colaboradores (2005) para programas de treinadores, Perspectiva de Aprendizagem (LAVE; WENGER, 1991), Modelo de Responsabilidade Social e Pessoal (HELLISON, 1978), Modelo de Benson e Saito (2001) para desenvolvimento de jovens, Teoria da Aprendizagem Sociocultural, Modelo de intervenção para o desenvolvimento da vida (DANISH; PETITPAS; HALE, 1992), Teoria de Liderança Transformacional (AVOLIO; BASS, 2002) e o Modelo de Responsabilidade Pessoal e Social (HELLISON, 2003). Os modelos teóricos variaram de acordo com os objetivos e os resultados encontrados em cada estudo, possibilitando melhores explicações do contexto. Dentre todos os suportes teóricos utilizados, Modelo

Heurístico Treinamento de Habilidades para Vida através do Esporte de Gould e Carson (2008) foi o único específico que apresenta o desenvolvimento dessas habilidades na vida atlética.

De acordo com os resultados supracitados, percebe-se a possibilidade de utilizar uma gama de fundamentações teóricas para explicação das habilidades para a vida. Ao mesmo tempo, observa-se a necessidade de mais modelos ou propostas que possam avaliar o processo de transferência das habilidades no esporte para outros contextos da vida nessa área de conhecimento.

Discussão

Este estudo buscou investigar de forma sistemática a literatura nacional e internacional com o intuito de levantar os estudos sobre as habilidades para vida no contexto esportivo, a fim de identificar a população avaliada, quais variáveis psicológicas estão ligadas a esta transferência, os instrumentos utilizados e modelos de suporte teóricos que fundamentam os achados. Um total de 31 artigos foram selecionados, baseados nos critérios de inclusão e exclusão. Foram investigados praticantes e seus agentes externos em diversas modalidades (individuais e coletivas) presentes em diferentes níveis de formação atlética. Este é o primeiro estudo que busca avaliar as habilidades para vida de forma sistematizada, visando contribuir para futuros estudos e avanços na área da Psicologia do Esporte.

Quando avaliadas as características da amostra, pôde-se observar a importância de avaliar diversos personagens que se encontram no processo de desenvolvimento positivo de atletas, demonstrando a presença de pais, treinadores, diretores de programas e da escola e profissionais da área de psicologia do esporte. A utilização das informações fornecidas por sujeitos auxiliam no entendimento de assuntos pertinentes em relação à melhora das habilidades, podendo verificar os planejamentos e as diferentes perspectivas de aprendizagem (LIGHT, 2010; CAMIRÉ; TRUTEL; BERNARD, 2013; HARDCASTLE et al., 2015). Outro ponto identificado no trabalho foram os locais de estudos, que apresentam maiores concentrações nos Estados Unidos, Canadá, Austrália e Reino Unido. Isso se deve ao número alto de programas nessas regiões, encontrados nos estudos de Camiré, Trutel e Bernard (2013) (*Hockey*

Program, Canadá), Peptitpas et al. (2004) (*Play it Smart*, Estados Unidos), Weiss, Bolter e Kipp (2014), Weiss et al. (2013) (*The First Tee*, Estados Unidos) e Papacharisis et al. (2005) (SUPER, Grécia).

Em relação às habilidades para a vida, pôde-se identificar a avaliação de diversas variáveis psicológicas presente na transferência dos comportamentos esportivos para outras áreas da vida. Segundo Jones e Lavallee (2009), essas habilidades podem ser divididas em habilidades interpessoais e pessoais. As habilidades interpessoais podem ser caracterizadas por habilidades que envolvem desenvolvimento nas conexões sociais com outras pessoas (HANSEN; LARSON; DWORKIN, 2003). Assim, bons relacionamentos, respeito com os outros, cooperação, responsabilidade social e coesão foram encontrados nos estudos analisados (JONES; LAVALLEE, 2009; LIGHT, 2010; HOLT et al., 2008a; BRUNER et al., 2014; MACDONALD et al., 2012; BRUNELLE; DANISH; FORNERIS, 2007; MACDONALD et al., 2011; WALSH; OZAETA; WRIGHT, 2010).

As habilidades pessoais são caracterizadas por habilidades e processos desenvolvimentais que ocorrem dentro do indivíduo (HANSEN; LARSON; DWORKIN, 2003). Sendo assim, os estudos sustentam que a participação de programas esportivos, seja focada no rendimento seja no desenvolvimento dessas habilidades, auxilia na aprendizagem de diversas habilidades psicológicas no esporte e possibilita sua transferência em outros contextos. Nos estudos de Lavallee e Jones (2009), Papacharisis et al. (2005), e Azadi (2012), atletas adolescentes demonstraram a importância da auto-organização, resistência à ansiedade, liderança, disciplina, estabelecimento por metas, resolução de problemas, pensamentos positivos e motivação para outras tarefas da vida. Além disso, Light (2010) avaliou jovens praticantes de natação, podendo verificar a formação de “encultramento” dentro da comunidade e formação da própria identidade, no sentido de vivenciar ações fornecidas pela modalidade e aprender valores (disciplina), conhecimentos, busca de metas e a cultura do ambiente social em que vive. Holt e colaboradores (2008a) também observaram a presença de transferência em atletas escolares de futebol de campo, reportando iniciativa (compromisso com os horários, propor metas e responsabilidade), respeito (caráter e regras culturais) e liderança dentro e fora de campo.

Alguns trabalhos tiveram mais ênfase nas influências de agentes externos para o desenvolvimento positivo dos atletas. Estudo realizado com treinadores por Gould e colaboradores (2007) demonstra que as estratégias de treinamento para performance não separa dos ensinamentos das habilidades para vida, informando que as próprias ações esportivas levam a aprendizagem para outros contextos. Seguido a isso, Gould e Carson (2011), Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2008), Fraser-Thomas e Côté (2009), Neely e Holt (2014) e Vella, Oades e Crowe (2013) apresentam a importância da participação de treinadores e pais na formação das crianças, na qual a criação de climas motivacionais no ambiente esportivo, estimulação intelectual e de papéis apropriados ao contexto pelo treinador e o reforço dos pais, do que foi aprendido em campo e dentro de casa, fazem com que ocorra aprendizagem em ambos contextos. Em resultados similares, é possível indagar que praticantes mais velhos têm maiores influências dos treinadores e jovens adolescentes atletas são mais apegados aos pais, demonstrando ainda a importância do treinador nas equipes escolares (MARTIN; EWING; GOULD, 2014).

Avaliando atletas de alta performance no programa “Developing Champions” (DC), Hardcastle e colaboradores (2015) verificaram que algumas habilidades foram possíveis ser transferidas para a vida dos atletas, especialmente no contexto escolar, como manejo do estresse, equilíbrio nas prioridades da vida, utilização adequada do tempo, traçar objetivos, controle e confiança. Fazendo também comparações com o ambiente educacional, Petitpas e colaboradores (2004), Harrist e Witt (2012), Walsh, Ozaeta e Wright (2010) e Ueno (2014) demonstram que indivíduos que participam de modalidades esportivas apresentam melhores rendimentos escolares com boas notas, maiores participações, respeito, esforço, liderança e estabelecimento de metas.

Quando analisados os instrumentos utilizados para avaliar as habilidades para vida, percebeu-se a presença de diversas estratégias para identificar as variáveis psicológicas de *transferibilidade*. Observou-se um grande número de artigos que utilizou avaliações qualitativas, apresentando um direcionamento específico e questionamentos sobre a temática em diferentes grupos presentes no esporte (JONES; LAVALLEE, 2009; WEISS et al., 2013; CAMIRÉ; TRUTEL; BERNARD, 2013; PETITPAS et al., 2004; LIGHT, 2010; CAMIRÉ; TRUTEL; FORNERIS, 2012; GOULD et

al., 2007; HOLT et al., 2008a; DRAPER et al., 2012; HARDCASTLE et al., 2015; BARKER et al., 2014; NEELY; HOLT, 2014; HOLT et al., 2008b; HARRIST; WITT, 2012; WALSH; OZAETA; WRIGHT, 2010; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; 2009; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008). Sobre os instrumentos psicométricos, foi possível identificar a utilização de questionários, buscando analisar as variáveis no contexto esportivo e transferi-las para outras áreas da vida (CRONIN; ALLEN, 2015; BRUNER et al., 2014; UENO, 2014; MACDONALD et al., 2012; UENO, 2012; MARTIN; EWING; GOULD, 2014; PAPACHARISIS et al., 2005; BRUNELLE; DANISH; FORNERIS, 2007; VELLA; OADES; CROWE, 2013; MACDONALD et al., 2011; GOULD; CARSON, 2011).

Alguns trabalhos buscaram elaborar instrumentos específicos para as habilidades para vida, entretanto não foi possível identificar o processo de validação dos mesmos (WEISS; BOLTER; KIPP, 2014; AZADI, 2012). A instrumentalização de avaliação dessas habilidades tem sido um grande desafio para a comunidade acadêmica, demonstrando certa dificuldade de investigar de forma quantitativa esses elementos. Congruente com esses resultados, Gould e Carson (2008) compartilham essas frustrações propondo que sejam realizados estudos quantitativos e qualitativos dada complexidade da temática e destacam a necessidade de desenvolver uma mensuração validada para as habilidades para vida dentro do contexto esportivo. Seguindo essa lógica, Goudas (2010) critica as ferramentas de medição dessa área devido à fragmentação dos resultados, limitando a sua generalização. Desta forma, o mesmo propõe a criação de medidas relacionadas às atitudes, conhecimentos e comportamentos aplicados às habilidades para melhor representar essa *transferibilidade*.

A dificuldade destacada se deve à falta de suporte teórico que possa auxiliar no entendimento dessas transferências de habilidades aprendidas no esporte. Isso é demonstrado nos estudos da presente revisão, de modo que foram identificados 15 suportes teóricos distintos, sendo o Desenvolvimento Positivo de Jovens (LERNER et al., 2005) o modelo mais utilizado. Dentre eles, o único modelo que apresenta um trabalho específico do desenvolvimento dessas habilidades é o Modelo Heurístico de Treinamento de Habilidades para Vida através do Esporte (GOULD; CARSON, 2008). Camiré, Trutel e Forneris (2012) buscaram contemplar os cinco componentes para

entender o processo de treinamento das habilidades e sua transferência para outros contextos: 1) Recursos preexistentes do atleta; 2) experiências dos treinadores para treinar as habilidades; 3) como o desenvolvimento das habilidades para vida ocorre e como ela é influenciada; 4) resultados positivos e negativos do esporte; e 5) Discussão da *transferibilidade* dessas habilidades esportivas para outros contextos. Importante relatar que esse modelo foi originado a partir das definições e afirmações do próprio modelo de Desenvolvimento Positivo de Jovens (LERNER et al., 2005). Sendo assim, percebe-se a necessidade de realização de novos estudos contemplando ou criando novos modelos que visam investigar a mesma temática para obtenção de informações mais robustas sobre o assunto.

Importante relatar que o presente estudo buscou artigos em seis bases de dados voltados para a área da Educação Física, limitando-se às línguas Portuguesa, Inglesa e Espanhola, assim como trabalhos investigando atletas/participantes sem limitações sociais, econômicas, físicas, emocionais e psicológicas. Existem diversos projetos esportivos voltados para a comunidade com o intuito de desenvolver características positivas para vida das pessoas, sendo importante a análise desse processo em futuros estudos. Uma segunda limitação foi a falta de análise das referências bibliográficas dos artigos selecionados, que de forma consistente poderiam proporcionar mais informações para discussões sobre essa temática.

Considerações finais

De acordo com os resultados encontrados no presente estudo, pôde-se verificar aumento nos estudos envolvendo as habilidades para vida, sendo possível identificar diversos programas voltados para a área educacional e de rendimento que tem como objetivo o desenvolvimento positivo de indivíduos. Junto a isso, a literatura tem buscado avaliar diversas variáveis psicológicas (interpessoais e intrapessoais) específicas e como elas podem ser utilizadas em outros contextos da vida. No entanto, deve-se realizar mais estudos do processo de *transferibilidade* dessas variáveis.

Este trabalho buscou contribuir para sistematização de informações pertinentes ao desenvolvimento de atletas ao longo do desenvolvimento esportivo e sua transferência para outros campos da vida. Treinadores, pais, dirigentes e clubes devem

atentar-se nas possíveis formas de intervenção com crianças e adolescentes nas práticas, de forma que estimulem não só o rendimento da modalidade, mas também fatores importantes para auxiliar na vida do sujeito, como meio educacional, profissional e familiar.

4.2 Artigo 2

PERCEPÇÃO DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO SOBRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE HABILIDADES PARA VIDA AO LONGO DA TRAJETÓRIA ESPORTIVA DO VOLEIBOL

Resumo: O objetivo do presente estudo foi analisar a percepção do atleta sobre os recursos (internos e externos), buscando verificar as estratégias diretas e indiretas adotadas pelo treinador e os resultados (positivos e negativos) que estiveram ao longo do desenvolvimento das habilidades para vida no contexto esportivo. Participaram do estudo treze atletas de voleibol masculino, que jogaram pela Seleção Brasileira Adulta. Para obtenção das informações, foi aplicada uma ficha sócio-demográfica e realizada uma entrevista retrospectiva semiestruturada construída de acordo com uma matriz de análise, contemplando elementos presentes no Modelo de *coaching* de habilidades para vida através do esporte. Foi realizada análise temática e análise de conteúdo para categorização dos temas emergentes e as categorias de primeira e segunda ordem. Os resultados demonstraram a importância das características pessoais (dedicação, caráter, controle emocional e problemas de saúde) e vivências motoras, assim como os agentes externos (primeiro treinador, pares, pais, escola e clube) presentes na vida do atleta ao iniciar a modalidade, sendo importantes para a intervenção dos treinadores nos treinamentos. Durante as experiências esportivas no voleibol, as ações da equipe (cobranças, objetivos e maturidade), do meio (mídia, ídolos e clube) e do treinador (oportunidades, cobranças e ensinamentos) foram importantes para a aprendizagem de habilidades intelectuais, físicas e psicológicas utilizadas na vida do atleta. Pode-se concluir que conhecer os aspectos da vida do indivíduo e propiciar uma intervenção ligada não somente ao meio esportivo, mas também voltada ao âmbito pessoal do atleta, pode proporcionar resultados positivos na vida do sujeito.

Introdução

Atualmente, o voleibol brasileiro se encontra como primeiro do ranking, demonstrando a grande potência da modalidade no cenário mundial (FIVB, 2017). Segundo a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV, 2017), o voleibol masculino conquistou medalhas significativas em três Pan-americanos, sete Ligas Mundiais e três Jogos Olímpicos nos últimos 10 anos, observando-se uma ascendência em suas conquistas, que conseqüentemente melhorou sua qualidade de treinamento para formação de atletas. Isso pode ser confirmado pelo reconhecimento da Federação Internacional de Voleibol (FIVB) como “Federação Nacional de Voleibol mais bem sucedida do mundo” nos anos de 1997, 1998 e 1999 (CBV, 2017). Para obter maior maestria no rendimento, atletas utilizam-se de habilidades e comportamentos positivos

como tomadas de decisões corretas (CASTRO et al., 2016), eficiência mental (PASHABADI et al., 2011) e coesão de grupo (BACKER et al., 2011).

Essas e outras habilidades têm sido foco de pesquisa no desenvolvimento positivo do sujeito, demonstrando que as aprendizagens comportamentais dentro do esporte auxiliam na formação do indivíduo como um todo. Estudos evidenciam que as habilidades para vida, tanto nos aspectos interpessoais como intrapessoais, aprendidas nas diversas modalidades esportivas, podem melhorar o desempenho escolar e familiar de jovens atletas (WALSH; OZAETA; WRIGHT, 2010; JONES, LAVALLEE, 2009). No entanto, ainda existe necessidade de estudar o desenvolvimento dessas habilidades e, como ocorrem as transferências, ocorrem para outros contextos além do cenário esportivo, sendo a lacuna do presente estudo (GOULD; CARSON, 2008).

Para melhor explicar essa temática, Gould e Carson (2008) propuseram um Modelo Heurístico de *Coaching* para Habilidades para Vida, que busca explicar o processo de aprendizagem do atleta no meio esportivo e como este consegue transferir tais habilidades para outros contextos da vida pessoal. Tal modelo agrega cinco grandes componentes para compreender a aprendizagem dessas habilidades: estado pré-existente; experiências na participação; desenvolvimento das habilidades pessoais; resultados positivos e negativos; e a transferência.

O primeiro componente deve levar em consideração aspectos já presentes nos indivíduos que iniciam a modalidade e que irão influenciar no sucesso da aprendizagem, sendo dividido em interno (exemplo: personalidade, habilidades já existentes) e externo (exemplo: pais, diretores e pares). Estudos como de Heidrich e Chiviacowsky (2015) são exemplos de qualidades internas pré-existentes, mostrando que os estereótipos das pessoas influenciam na aprendizagem motora, como o drible. Em relação às qualidades externas, pode-se verificar que os diferentes subsídios dados por agentes externos, no intuito de auxiliar o início da prática de jovens, favorecem a permanência e aprendizagem psicossocial (HOLT et al., 2008b; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008).

O segundo componente diz respeito às intervenções do treinador, que são determinantes para a formação do praticante em sua vida esportiva e pessoal, devendo utilizar estratégias apropriadas (diretas e indiretas) e ter ligações positivas com seus

atletas (MARTIN; EWING; GOULD, 2014; VELLA; OADES; CROWE, 2013). As características do treinador, suas atitudes frente à equipe e a relação com seus atletas apresentam influências positivas, mudando a performance e o bem-estar dos mesmos e promovendo um ambiente agradável e produtivo (JOWETT, 2017; MARTIN; EWING; GOULD, 2014).

O terceiro componente menciona as possíveis explicações de como as habilidades para vida ocorrem e como influenciam no desenvolvimento atlético, dividindo-se em explicações relacionadas ao ambiente social e a similaridade na utilização das mesmas em contextos distintos. Estudos, como de Eccles e colaboradores (2003) e Certo, Cauley e Chafin (2003), discorrem sobre a importância desses meios, promovendo sentimentos de pertencimentos, aproximação positiva com adultos e mudança na identidade e formação dos atletas.

Com isso, o quarto componente demonstra que essas competências e dispositivos aprendidos pelos atletas podem tornar em resultados positivos, podendo levá-los à melhores rendimentos escolares, trabalho em equipe e metas a serem alcançadas (WALSH; OZAETA; WRIGHT, 2010); ou negativos, como desvalorização esportiva e a percepção de *burnout* (PIRES et al., 2016).

Por fim, o modelo relata os fatores em que a transferência acontece no âmbito esportivo para o não esportivo. Dentre esses fatores, podem ser citados a valorização da habilidade, confiança em transferir tais capacidades, compreender a transferência e suporte e reforço (CAMIRÉ; TRUDEL; FORNERIS, 2012).

De acordo com as informações supracitadas, o objetivo do presente estudo buscou analisar o processo de transferência das habilidades para a vida no contexto esportivo em atletas de alto rendimento.

Participantes

A população-alvo do presente estudo foi atletas de voleibol participantes da Superliga – 2016, tendo como critérios de inclusão: a) Ter participado da Seleção Brasileira na categoria Adulta; b) Estar participando como atletas da competição nacional de voleibol (Superliga) no ano de 2016; c) Ter no mínimo 10 anos de prática da modalidade; d) Ter idade superior a 30 anos, acreditando que o tempo de

experiência nacional e internacional possa interferir nas aprendizagens das habilidades para vida do sujeito. Atendendo aos critérios, foram identificados 18 atletas que foram incluídos no estudo. Para localização da amostra, foi utilizada a lista de atletas participantes da Superliga no ano de 2016.

Foram excluídos do estudo cinco atletas, sendo que um não aceitou fazer parte da amostra, e quatro não puderam comparecer no dia da entrevista agendada para coleta de dados. Nesse sentido, participaram da pesquisa treze atletas ($33,85 \pm 0,88$) do sexo masculino. Os atletas iniciaram a prática da modalidade com média de idade de $11,77 \pm 0,97$. Para salientar a importância da amostra do estudo, dos treze atletas em questão, sete ainda fazem parte da Seleção Brasileira do ano de 2017. Todos os participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE G).

Instrumentos de medida

Para obter as informações do estudo, foi aplicada uma ficha sóciodemográfica (APÊNDICE B) e realizada uma entrevista retrospectiva semiestruturada com os participantes. A entrevista seguiu um roteiro construído de acordo com uma matriz de análise, contemplando elementos presentes no Modelo de *coaching* de habilidades para vida através do esporte (GOULD; CARSON, 2008) (APÊNDICE C).

Um estudo piloto com um atleta de handebol da Seleção Brasileira foi conduzido para possíveis alterações de inclusão e exclusão dos itens que foram questionados, testando a compreensão dos termos e acurácia das respostas na aproximação dos assuntos pertinentes à pesquisa. Profissionais da área da Educação Física, mais especificamente voltados à Psicologia do Esporte, revisaram o roteiro para melhor clareza (APÊNDICE F).

O roteiro consistiu de questões abertas divididas em cinco tópicos. O primeiro tópico envolvia questões sobre o início da modalidade voleibol, entendendo como era a vida do sujeito naquela época, as relações interpessoais com o meio em que vivia e participava, assim como o comportamento e habilidades (físicas, psicológicas e educacionais). O segundo tópico estava relacionado ao treinador mais importante na carreira do atleta, abrangendo questões sobre o comportamento e a intervenção deste

dentro e fora do contexto esportivo e as estratégias diretas e indiretas possíveis de identificar. O terceiro tópico diz respeito às possíveis formas de como ocorre o desenvolvimento das habilidades para vida e como esses atributos podem interferir no seu comportamento. O quarto tópico era sobre as qualidades positivas e negativas que foram desenvolvidas no esporte. Por fim, foi retratada a transferência dessas habilidades para vida pessoal do indivíduo, verificando de que forma essas ocorriam, se ocorreram e sua similaridade do esporte para outros contextos. Este guia se baseou nos elementos do Modelo de *coaching* de habilidades para vida através do esporte (GOULD; CARSON, 2008) (Quadro 7).

Componentes	Características
Estado pré-existente	Competências, habilidades, fontes internas e externas existentes no jovem indivíduo que influenciam no sucesso e permanência do mesmo no esporte em que se inicia.
Experiências na participação	Foco na experiência dentro do contexto esportivo, levando em consideração as intervenções de ensino e treinamento do treinador. Desta forma, é levado em consideração as características desse treinador, suas intervenções diretas e indiretas no ambiente do voleibol.
Desenvolvimento das habilidades pessoais	Possíveis explicações de como ocorre o desenvolvimento dessas habilidades para vida e como elas são utilizadas na vida do atleta.
Resultados positivos e negativos	Atributos positivos e negativos aprendidos pelos atletas durante sua carreira esportiva.
Transferência	Fatores que podem levar a transferência das habilidades adquiridas no voleibol para outros contextos da vida do atleta.

Quadro 7. Componentes e seus conceitos do Modelo de *coaching* de habilidades para vida através do esporte. (GOULD; CARSON, 2008. Tradução nossa)

Coleta de dados

Este estudo foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisas envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Parecer n° 1.823.503, sendo integrado ao projeto “Processo de desenvolvimento de variáveis psicológicas positivas no contexto esportivo” (ANEXO A). O pesquisador realizou contato com as equipes e os atletas previamente para o agendamento das entrevistas na cidade em que os mesmos residiam.

As entrevistas foram realizadas predominantemente nos clubes dos atletas após seus treinamentos com durações de aproximadamente 45 minutos. Primeiramente, o indivíduo respondeu a ficha sóciodemográfica, inserindo o treinador mais importante em sua carreira atlética e as pessoas mais importantes nessa trajetória. Na sequência, foi explicado (lido o roteiro) como seria a entrevista, dividindo-as nos cinco tópicos supracitados e que seria feita uma gravação de áudio para transcrições futuras. Em todas as entrevistas, utilizaram-se dois gravadores para evitar possíveis contratempos e problemas eletrônicos. Para gravação, foi utilizado um gravador modelo *Sony* modelo ICD-PX240 e um *Ipod 5* com aplicativo *Smart Recorder*.

Análise dos dados

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Para fins de sigilo e identificação das entrevistas, foram utilizados códigos para cada atleta (A1; A2; A3...) e alteração de nomes próprios como clubes, treinadores e familiares citados. Desta forma, as informações foram transferidas para o programa Nvivo 10 para análise inicial. Após a transcrição, foram enviadas as entrevistas aos atletas para realizarem a confirmação dos dados e/ou possíveis informações adicionais.

Utilizou-se a análise temática de conteúdo do tipo categorial (categorias pré-definidas), seguida pela análise temática (exploração do material e interpretação dos resultados) (BARDIN, 2008). Segundo Minayo (2007), a análise de conteúdo é dividida em três etapas: pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados adquiridos. Na primeira etapa, é o momento de organização dos materiais de acordo com os objetivos do estudo, fundamentação teórica e elaboração de indicativos para melhor discriminar cada variável que o pesquisador busca estudar (OLIVEIRA, 2008).

Para o presente estudo, a matriz teórica foi criada com o intuito de direcionamento da entrevista. Na exploração do material, o investigador buscou encontrar categorias que puderam ser caracterizadas em palavras, envolvendo a codificação, classificação e categorização das informações coletadas com as categorias pré-definidas. Feito isso, a última etapa foi o tratamento dos dados, a qual consistiu em análise das classificações e categorização de acordo com o modelo teórico escolhido e

a transformação em temas emergentes e categorias de primeira e segunda ordem, realizando uma análise reflexiva e crítica (BARDIN, 2008).

Resultados

O processo de análise resultou em quatro componentes relacionados ao processo de *coaching* de habilidades para vida por meio do esporte, destacando os recursos pré-existentes no início da modalidade, estratégias diretas e indiretas do treinador mais relevantes para os atletas, resultados positivos e negativos conquistados dentro do esporte e a transferência dessas habilidades para outros contextos. Foram identificadas categorias de primeira e segunda ordem, de acordo com as temáticas emergentes dentro de cada tópico.

Estado pré-existente no início da modalidade

Os participantes foram questionados sobre sua vida no momento que iniciou a modalidade do voleibol, descrevendo características físicas, comportamentais e emocionais, condições financeiras e educacionais, e quem eram as pessoas presentes em suas vidas dentro e fora do contexto esportivo. Foi possível identificar nove temas de primeira ordem de acordo com as perguntas do primeiro tópico, sendo três voltados aos recursos internos e cinco aos recursos externos (Figura 5).

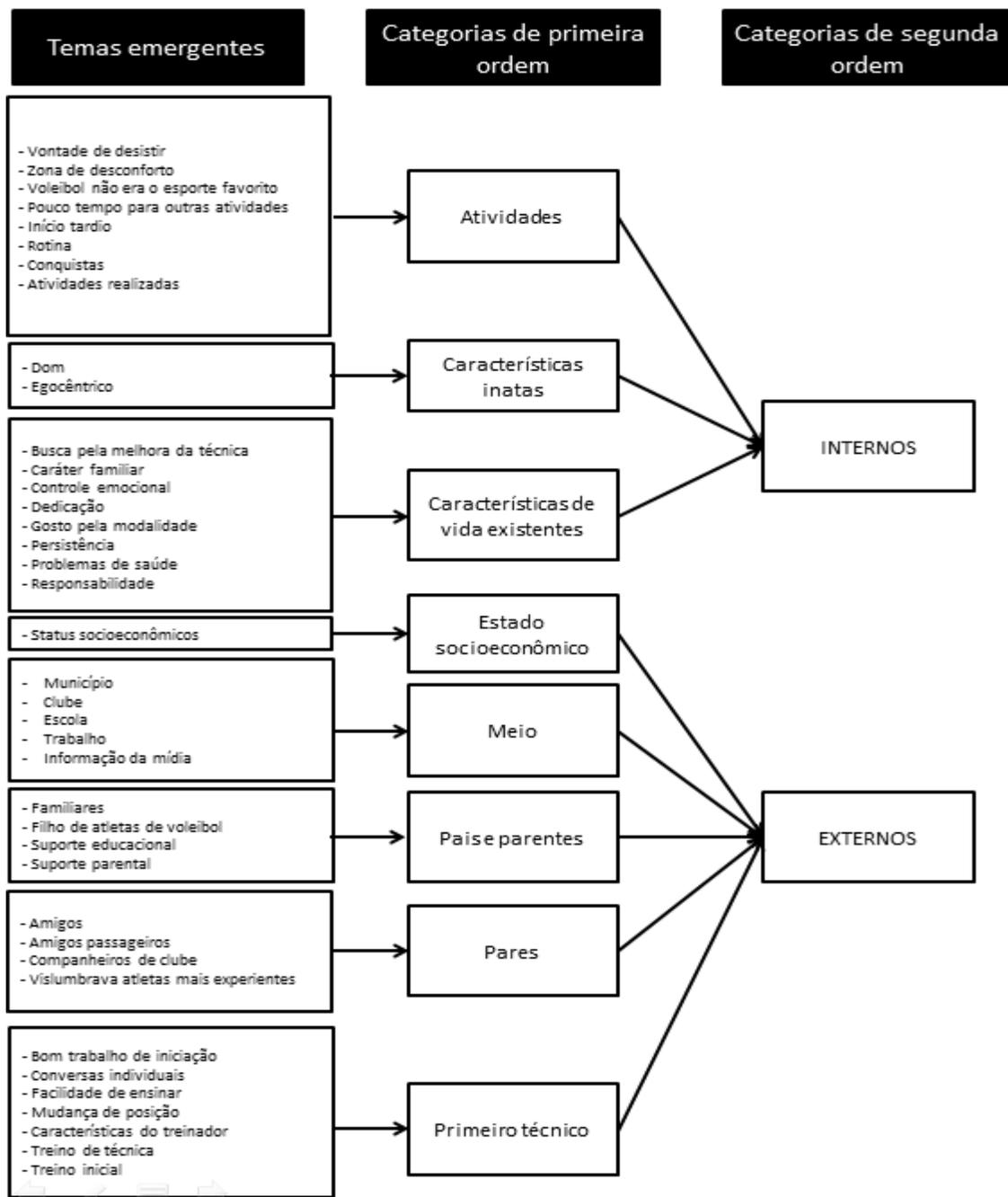


Figura 5. Recursos internos e externos pré-existent em atletas de Seleção Brasileira Adulta no início da prática de voleibol.

O primeiro tema está relacionado às atividades praticadas pelos indivíduos antes e no início do voleibol. Foram identificados oito temas emergentes, descrevendo o sentimento e o pensamento dos atletas frente aos treinamentos. Para alguns, a

preferência pelo voleibol não esteve presente nesse momento de descoberta, evidenciando desconforto, vontade de desistir e pouco tempo para outras atividades:

A1. “Então eu tive muita dificuldade nesse período quando meus amigos entravam de férias. Eu não entrava de férias, eu continuava a treinar e jogar.”

A10. “Eu já jogava vôlei, mas não era, digamos assim, meu esporte preferido.”

A9. “Não. Acho que foi mais essa influência que a gente tinha em casa, então era um esporte que eu me identificava. Na verdade, gostar, gostar mesmo, eu gostava mais de futsal, porque menino não tem jeito, nego acaba gostando mais de futebol.”

Sobre o início da prática, os atletas iniciaram a prática do voleibol em idades distintas, podendo evidenciar indivíduos começando desde os seis anos de idade até os 16 anos. Importante ressaltar que os atletas que iniciaram a prática com idades inferiores aos oito anos eram filhos ou parentes de atletas da modalidade, demonstrando a influência familiar na apresentação do esporte. No entanto, alguns indivíduos entraram para o contexto do voleibol nas categorias infantil (15-16 anos).

Apesar da modalidade não ter sido a predileta por alguns atletas, foi possível identificar que os treinamentos e jogos fizeram do esporte parte de suas rotinas, levando a conquistas:

A4: “Na parte da manhã eu ia para o colégio e ia de ônibus [...] Entre 14h30 e 15h00 já tinha treino. Era o tempo de você almoçar [...] e ir para o treino. Uma categoria (Infante) treinava das 14h30 às 15h30 com bola. Depois entrava juvenil, que treinava das 13h30 às 17h30 e depois entrava o adulto, que sempre treinou no período mais da noite, depois das 17 horas. Então, entrava às 17h30 e ia até às 20h00 da noite. Era tudo muito automatizado.”

Outro tema identificado foram características de vida já existentes, inclusive as inatas, que segundo o A10: “Acho que tenho um dom, claro, senão também não conseguiria chegar”. Alguns elementos dificultaram a entrada do sujeito para o âmbito do voleibol, como as dificuldades motoras, falta de técnica e algumas características físicas. Entretanto, outros fatores foram determinantes para que o atleta continuasse a prática e quisesse seguir na carreira atlética, evidenciando características físicas, como a altura e as características psicológicas como caráter familiar, busca pela melhora da técnica, dedicação, persistência e responsabilidade. Em alguns casos, os problemas de saúde foram o principal motivo para o começo da prática:

“A1. Eu fiz uma cirurgia. Tinha um tumor benigno na cabeça do fêmur. Aos 7 anos de idade eu descobri isso. Meu pai descobriu, por causa das minhas brincadeiras de rua e eu sentia muita dor no quadril. [...] Resumindo, meu irmão já praticava voleibol no Banespa, em São Paulo. O que ocorreu foi meu pós-cirúrgico, que deveria fazer alguma atividade física. Eu não podia ficar em casa, então eu tinha que fazer alguma atividade física depois da minha escola. E eu fiquei uns 6, 7 meses engessado do peito até praticamente a perna direita totalmente. Quando tirei o gesso, precisava de uma atividade esportiva, correr, pegar uma bola. Foi quando meu irmão pediu para o técnico dele, se eu poderia pegar a bola no período que ele estava treinando, para eu me movimentar. Daí, foi onde tudo começou. Esse técnico, na hora que eles iam tomar água, tinha um tempo ali, e ele começou a colocar no paredão e ensinar a tocar, dar manchete. Falou que eu ia aprender a jogar voleibol.”

A11. “... eu fui ao médico para ver o que era melhor para mim, porque estava ficando muito grande, as dificuldades de um rapaz grande de 15 anos... coordenação, isso e aquilo. Ele me aconselhou jogar basquete na época, mas como já existia aquela febre do voleibol de 92 e tudo, eu segui o caminho do voleibol que era uma coisa que eu me identificava mais.”

Em relação aos recursos externos, foram divididos em cinco temas de primeira ordem: Estado socioeconômico, meio, pais/parentes, pares e o primeiro treinador. As condições financeiras dos atletas determinaram o caminho que o levaram para a prática da modalidade. Enquanto alguns tiveram a possibilidade de treinar em clubes e escolas privadas, outros tiveram a passagem em centros esportivos ou eram bolsistas. Segundo os atletas, o meio em que se encontravam facilitou suas passagens pelo voleibol. As escolas, municípios, e clubes tiveram um papel importante no incentivo à prática da modalidade, auxiliando-os em forma de transporte para os treinos, lanches, remuneração e entradas para treinar em clubes privados:

A5: “Eu era bolsista em um colégio por causa de outro esporte, que era basquete. Acabou encerrando as atividades do basquete e para continuar com a bolsa eu deveria fazer outro tipo de esporte como atletismo ou o voleibol que tinha entrado no masculino há uns 4 anos (atrás). Acabou que o técnico de vôlei veio conversar comigo e conseguiu me convencer. No início eu comecei fazendo as duas atividades ao mesmo tempo, mas quando encerrou o basquete de vez, eu acabei ficando no vôlei.”

A13: “Financeiramente minha família nunca teve muito dinheiro, tanto é que eu era bolsista. Não tinha dinheiro para pagar a passagem, quem pagava era a prefeitura.”

Outro ponto a ser considerado foi o momento em que estes indivíduos iniciaram a prática do voleibol. A maior parte dos atletas citou a vitória olímpica da Seleção

Brasileira no ano de 1992 em Barcelona e a primeira vitória na Liga Mundial em 1993, evidenciando a mídia como produto influenciador na vida dos atletas:

A8: “Eu iniciei aos 10 anos de idade. Eu sou nascido em 82 e foi na época de 92, que o Brasil foi campeão olímpico. Era febre o voleibol no Brasil [...] Eu em casa assistindo e vendo o Brasil ser campeão olímpico em 92. Gostei muito, me emocionei muito naquela geração. Tive grandes ídolos, Tande, Giovani e no ano seguinte o Brasil em 93, eu com 11 anos, o Brasil era campeão da primeira liga mundial aqui no Brasil. Giovani foi eleito o melhor do mundo, era um ídolo... ainda é um ídolo para todos nós brasileiros, e com isso eu me encaminhei no vôlei e peguei gosto e já tive um incentivo muito grande dentro de casa, porque ao mesmo tempo que comecei no vôlei, minha irmã jogava vôlei.

A10: “... e em 92, o Brasil foi campeão Olímpico pela primeira vez. Eu já jogava vôlei, mas não era, digamos assim, meu esporte preferido. E aí em 92, depois da Olimpíada, eu lembro que fiquei apaixonado pelo vôlei, aquele boom que o voleibol teve no Brasil com a geração do Tande, Marcelo Negrão, Mauricio. Aquilo mexeu comigo, e eu decidi que era aquilo que eu queria.”

Além do meio em que viviam, pessoas ajudaram e influenciaram a prática da modalidade esportiva. Pais, avós, tios, irmãos e outros parentes foram relevantes na apresentação da modalidade, tanto na apresentação dos atletas aos centros de treinamentos, como suportes educacionais, emocionais e financeiros:

A3: “Olha, meu pai foi uma pessoa muito importante para minha vida. Ele como treinador, hoje também, ele me passou muitas coisas na minha vida, não só coisas relacionadas ao voleibol, mas coisas extra quadra. Então, apesar de durante parte da minha vida não ter morado com ele, ele sempre foi um cara muito presente. A gente se falava até mais de uma vez por dia, mesmo quando ele estava viajando com a seleção feminina, que ficava mais de um mês fora do Brasil e tudo mais, a gente sempre se falava. Ele sempre foi muito presente. Ele foi o cara que me passou muitas coisas positivas em relação à vida. Foi um cara muito importante, mesmo não estando diariamente comigo.”

A10: “Eu pedi para meus pais no Natal de 92, que me levassem a São Paulo como presente de natal para fazer a peneira do Banespa, que era uma peneira muito tradicional na época. [...] Foi muito importante na minha vida em todos os aspectos, porque na época eu não entendia muito bem, mas minha mãe chora até hoje, porque era um garoto de 13 anos, que saiu de casa, de Rezende interior do Rio, atrás do meu sonho e numa responsabilidade muito grande para meus pais me deixarem morar sozinho...”

Um ponto enfatizado pelos atletas foi o papel dos pares em suas vidas, ajudando uns aos outros nos alojamentos e ensinando no conhecimento do voleibol. Neste momento é possível citar os companheiros de clube, amigos pessoais e atletas mais experientes de categorias acima:

A13: “Na época, eu jogava mais com as pessoas mais velhas, eram mais ou menos todos mais velhos que eu, e alguns eu tinha uma empatia muito grande, me dava muito certo com eles. Porque quando eu fui jogar, eu não sabia nada, então eu saltava e caía no chão, corria e caía no chão, caía na rede, não conseguia fazer nada [...] os outros me ajudavam e incentivavam mesmo, falavam que eu tinha futuro naquela, então basicamente é isso.”

Em relação ao treinador, os atletas apontaram os primeiros treinadores como mais importantes na carreira e na vida pessoal, de forma a contribuir na aprendizagem de habilidades esportivas e pessoais. As intervenções nesse momento se encontram proeminentes, pois o bom trabalho de iniciação esportiva, a escolha da posição a ser jogada, as características do treinador e sua relação com os atletas motivaram os mesmos a continuar no esporte:

A13: “Cara, envolvia tudo. Ele ensinava tudo, coordenação motora, questões de trabalhar em grupo, de saber lidar com o certo, ele foi uma pessoa que ajudou muito no começo. Quando você começa alguma atividade, o que você aprende no começo é o que fica, né? Então ele ensinou muito bem, principalmente trabalhar em grupo, trabalhar em equipe e saber lidar com erros e acertos, sempre foi muito importante para mim.”

A9: “Bem sistemático, bem técnicas que eu trago até hoje para minha carreira, que eu julgo que foram muitos importantes para meu aprendizado básico de fundamento, de manchete, de toque, de ataque, de saque. Lembro de aprender as rotações na quadra, que é uma coisa básica, mas eu aprendi muito cedo. Hoje, a gente as vezes chega aqui no Sesi, com os meninos que se apresentam com 15, 16 anos, muito crus ainda. Muito cedo já tive acesso a essa informação, então por isso eu acho que ele foi o cara mais importante”

Experiências esportivas diretas e indiretas dos atletas

As experiências na participação do atleta estão relacionadas às ações que acontecem dentro do contexto esportivo, podendo interferir de forma positiva ou negativa na aprendizagem do indivíduo. Importante ressaltar que, no presente estudo, este componente é referente ao treinador que os atletas consideraram mais importante em suas vidas. Desta forma, os relatos foram feitos em categorias diferentes, uma vez que para alguns, os treinadores das categorias de base foram mais importantes, e para outros a categoria adulta. Esse componente enfatizou o treinamento e aprendizagem das habilidades para vida envolvendo as pessoas presentes nesse contexto, especialmente o treinador. Ações da equipe, do meio e do treinador fizeram parte dos temas de segunda ordem (Figura 6).

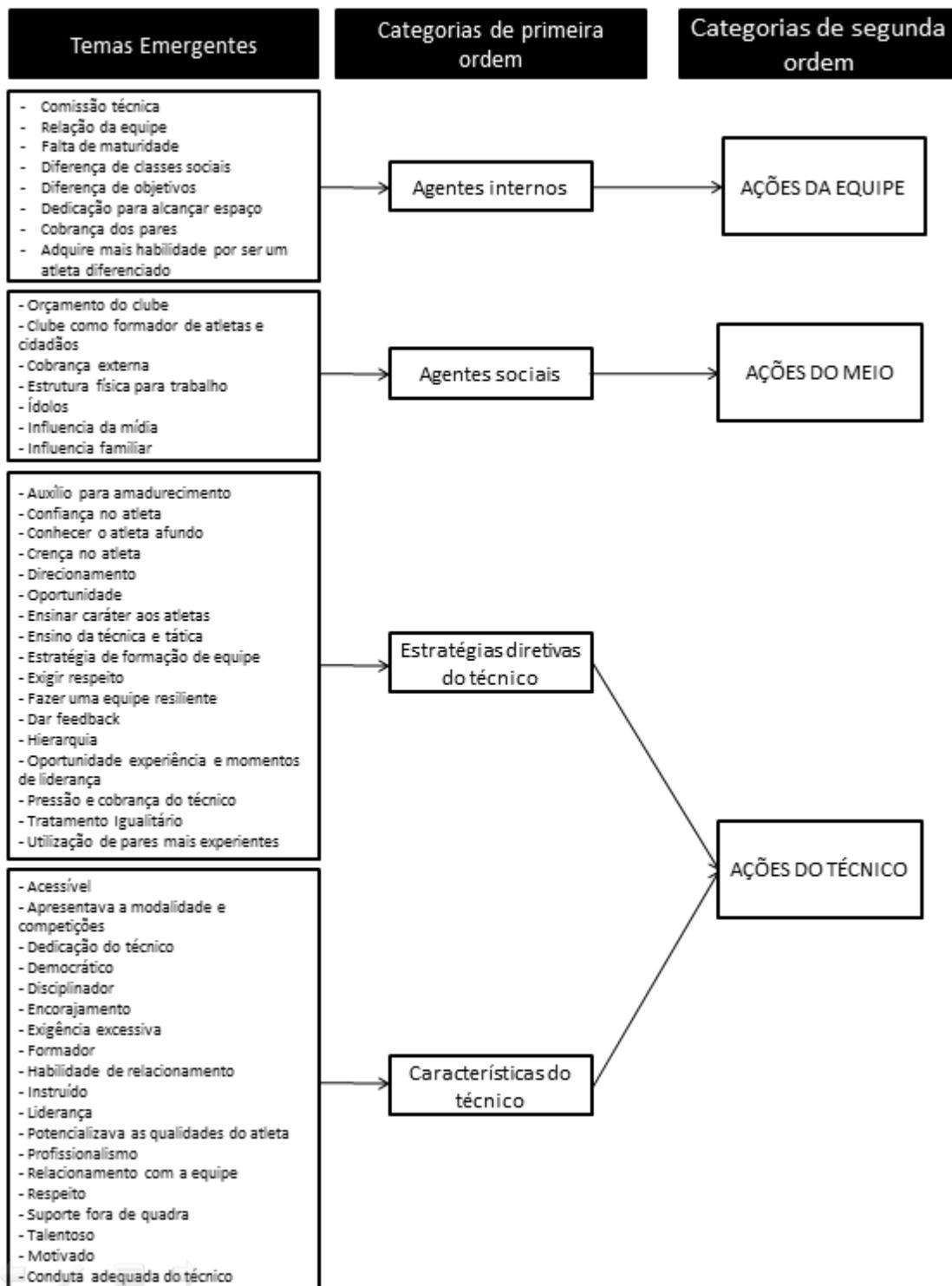


Figura 6. Experiências esportivas de atletas de Seleção Brasileira de Voleibol de acordo com as ações diretas e indiretas do contexto do indivíduo.

Os participantes falaram sobre os membros internos da equipe, como a comissão técnica e a relação da equipe da época, evidenciando fatores que dificultaram

a aprendizagem e rendimento naquele momento, como a falta de maturidade, diferença de objetivos e diferença de classes sociais. Em contrapartida, foi possível identificar outras ações que os ajudaram como dedicação para alcançar espaço dentro da equipe, cobrança dos pares, motivação do atleta e a diferenciação do mesmo com os demais.

A11 “Como trabalhava com classes sociais muito diferentes em um clube privado, existiam sócios e existiam pessoas convidadas como eu. Existiam jogadores... existiam jogadores não, porque na verdade eram praticantes. Existiam praticantes que não almejavam uma coisa muito grande. Isso ai limitava em algum momento. Você precisava de um pouco mais para alcançar às vezes para evoluir um pouquinho mais, isso ai te limitava, porque as vezes... cara, estudante, tinha potencial para jogar voleibol, só que não eram apaixonados por aquilo, como eu era, que enxergava muito além daquilo e vivendo daquilo. Isso eu coloco como ponto realmente negativo, porque as vezes você até via alguns atletas, alguns praticantes com potencial até de crescimento, só que acabavam estagnados por ter um conforto, por estar em uma zona de conforto que não valia a pena o grande sacrifício, né? Aquele algo a mais ele não via. Por mais que você se esforçasse, aquele algo a mais não via. Isso era um ponto extremamente negativo.”

A8. “Cada um se respeitando, sabe que sua vida é na quadra, todo mundo querendo ganhar, entendeu? Brigando pela bola, cobrando um ao outro, quando você é adulto tem muita cobrança. Quando você é juvenil e adulto, você já começa a cobrar, porque “po cara, vamos jogar bem, a gente precisa ganhar”, cobrar o companheiro, porque você sabe que é um esporte coletivo e você depende um do outro. Não adianta você estar bem, jogar bem e os 5 do teu lado jogar mal que você não vai ganhar.”

Sobre as ações do meio, o papel dos clubes, da mídia e dos familiares foram fatores influenciadores na aprendizagem dos atletas. O orçamento dos locais de treinamento, a política do clube como formadora de atletas e cidadãos, a cobrança externa, a importância dos ídolos dos jogadores e a influência dos pais foram citados pelos atletas nesse tema:

A1: “Sem dúvida alguma como formadora de pessoas responsáveis. Eu senti muito isso. A importância do Banespa para a sociedade e para o clube era fundamental. Porque realmente ali foi uma fábrica de jogadores. Era uma fábrica de fazer seres humanos. Porque até hoje, dos jogadores que eu lembro, que não chegaram a essa fase final de juvenil, mas meio que cresceram juntos comigo ali no meu período, jogadores até 2 anos mais velhos e mais novos, sei que são pessoas que eu vejo hoje na rua, que eu encontro, que são pessoas maravilhosas. Eu acho que isso foi fundamental para a formação de algumas pessoas, alguns seres humanos. Uma bondade imensa, uma sensibilidade de ajudar o próximo. Acho que isso o Banespa fez, infelizmente não existe mais, mas acho que foi fundamental para a formação de muitos seres humanos.”

A9: “Meu irmão mais velho em 94, eu acho, ele veio para São Paulo para fazer um teste e se tornou profissional. Então aquilo eu meio que tracei como objetivo também. Essa era minha motivação.”

As ações do treinador foram separadas entre suas características e as estratégias utilizadas para o ensinamento das diferentes habilidades. Os participantes referiram diversas estratégias adotadas pelo treinador, especialmente a oportunidade de experiências e momentos de liderança, exigência do respeito, utilização de atletas mais experientes e a procura de conhecer melhor o sujeito com quem estava trabalhando.

A5: “Era extremamente positivo. Todo mundo gostava dele demais, mesmo ele sendo um carrasco rígido, mas ao mesmo tempo ele sabia levar os atletas na “mão”. Ele era amigo, ele ia trocar ideia sobre namorada, sobre colégio, sobre a mãe, sobre o pai, pagava churrasco, levava, a gente comia um churrasco de final de semana.”

A6: “Em relação a questão da experiência, ele sempre dava oportunidade da pessoa crescer dentro da quadra. [...] Agora, você adquire experiência jogando, atuando. E isso ele dava, entendeu? [...] Eu com 21 anos de idade, 20 anos de idade. Ou seja, com ele não tinha essa questão da idade. Se você mostrar para ele que você tem capacidade, técnica e já tem uma certa experiências que você consegue controlar esses momentos e decisões mais difíceis dentro da quadra, ele vai dar essa oportunidade e ele vai te ajudar, entendeu? Então, ele é meio que esse tipo de técnico. Ele não tem medo de arriscar não.”

Ao falar sobre as características dos treinadores, foram apontadas diversas características positivas, exceto pela exigência excessiva. É possível entender que o treinador não atua somente dentro de quadra, mas tem um papel formador e acolhedor fora de quadra:

A3: “Ele tentava formar cidadãos, tentava formar adolescentes em homens. Eu acho que foi um cara bem importante pelo primeiro técnico que tive mesmo.”

A2: “Ele sempre foi fenomenal dentro e fora de quadra. Para mim ele sempre foi... tudo que eu precisei ele me ajudou. Se eu tinha um problema. Eu até lembro que teve um episódio, que eu comprei meu primeiro carro nesse ano, que ele conhecia e já tinha comprado um, dois carros numa concessionária, e ele foi comigo lá, direto com a gerente para negociar e tal. Me ajudou nessa parte fora de quadra. Então ele sempre foi muito preocupado com isso.”

Resultados positivos e negativos conquistados dentro do esporte

Durantes as entrevistas, foram perguntadas questões sobre as habilidades aprendidas no contexto esportivo. Nesse componente, foram observados resultados positivos e negativos, sendo divididos em financeiro, físico, intelectual, psicológico interpessoal e intrapessoal (Figura 7).

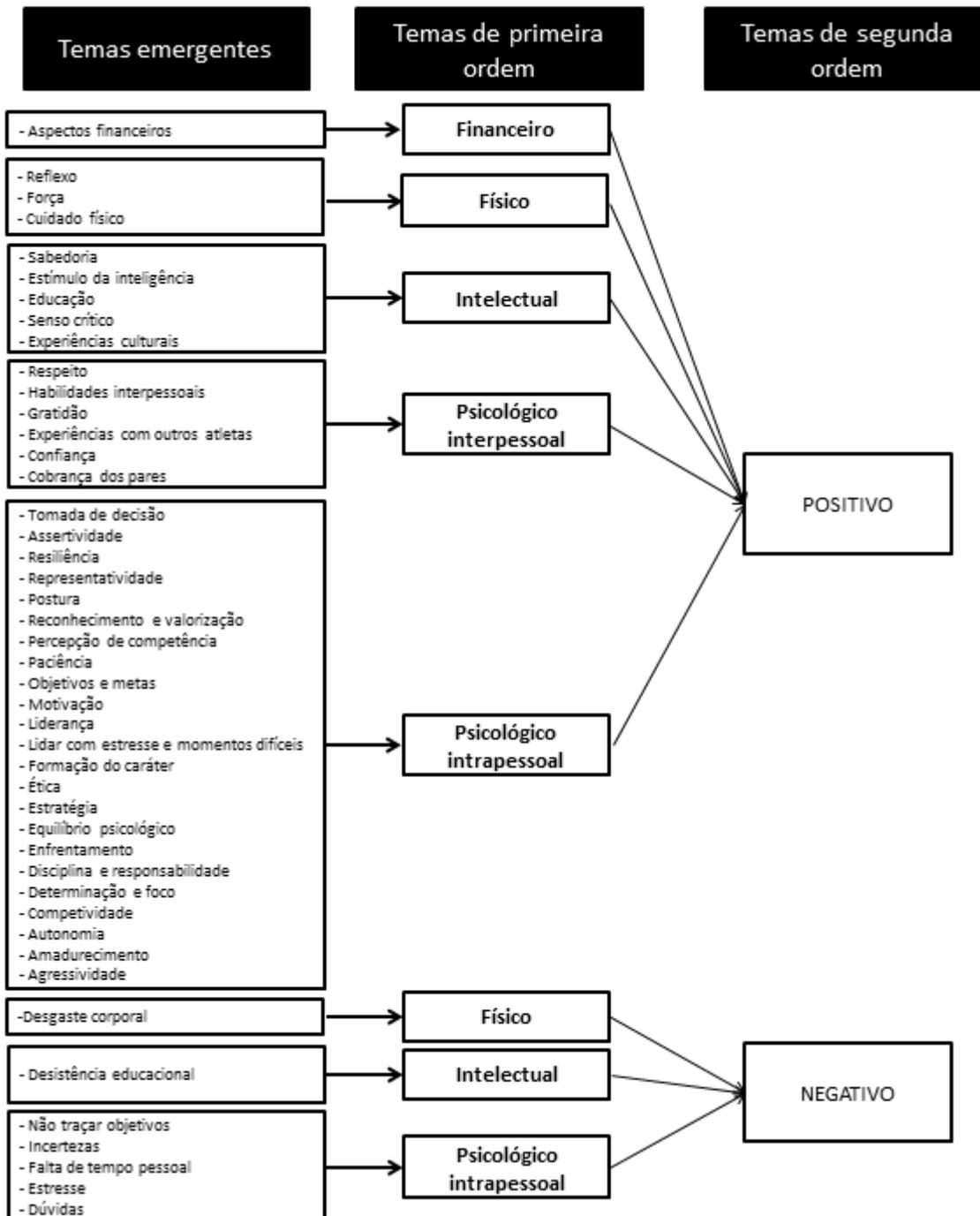


Figura 7. Resultados positivos e negativos conquistados dentro do esporte pelos atletas de Seleção Brasileira de Voleibol.

Ao falar sobre os resultados positivos, um dos entrevistados cita a importância da questão financeira: A1 “Foi o que me deu tudo. Foi o que deu minha condição financeira”. Outro resultado importante foi a consciência do cuidado com o corpo e o

desenvolvimento físico: A4: “Hoje, eu como atleta, conheço 100% do meu corpo. Eu começo a sentir se vou ter uma lesão ou não, pelo fato de ter muitas lesões na minha carreira”.

Além disso, foram retratadas as questões do desenvolvimento intelectual, especialmente valorizando a modalidade por ser um esporte diferenciado e a obrigatoriedade de estudar com boas notas para continuar nos treinamentos.

A13: “O voleibol é um esporte ao meu ver muito diferenciado dos outros. Um esporte que você tem que ser muito inteligente para jogar.”

A4: “Eu tinha que acordar de manhã cedo para ir à escola. [...] Eu ia para a escola e se fosse mal na escola naquela época, eu era mandado embora do clube. Então uma coisa levava a outra. Eu tinha que ter muita responsabilidade. [...] A partir do momento que você para de estudar, você termina a escola, aqui no (clube) é obrigatório terminar a escola, entendeu? Você começa a treinar de manhã.”

Os participantes também relataram aprendizagem nas habilidades interpessoais, admitindo que o esporte coletivo auxilia no entendimento de confiança, gratidão, respeito, relacionamentos e cobrança. Um dos atletas apresenta algumas dessas características em seu depoimento.

A3: “É o lance da equipe, né? Eu acho que do senso comum de uma equipe. Esse é um grande valor que eu acredito que eu aprendi, não só com ele, mas com outros técnicos também, de como você tem que se colocar dentro de uma equipe. A generosidade de cada um, de saber dar a mão, de saber estar sempre sendo o melhor para a equipe e não só para você.”

A5: “Eu era um cara extremamente tímido. Com certeza o esporte coletivo e essa parte de ter que viajar, ter que conhecer pessoas novas, vai para seleção conhece gente, seleção do estado conhece, as viagens me fizeram ser um cara mais eloquente, conseguia falar com as pessoas com um jeito melhor, e eu acho que essa foi a principal mudança, me abriu um pouco mais, porque eu era um cara extremamente fechado e frio para as coisas.”

Sobre os resultados intrapessoais foram citadas diversas habilidades psicológicas alcançadas ao longo da carreira dos atletas. Frente a isso, foi possível entender que muitas dessas habilidades puderam ser transferidas para outros contextos da vida pessoal desses atletas:

A2: “Eu consigo transferir toda experiência que tive no vôlei. Tanto na parte de metas e disciplina, como comprometimento.”

A8: “Eu, quando era mais novo, era muito indisciplinado e ele me ensinou muita disciplina, muita disciplina, (técnico). Ele tirava toda aquela malandragem que todo garoto novo tem, de não querer fazer, querer contar menos, fazer menos, e ele tentava mudar a postura, colocava

postura de atleta, “quer ser atleta, tem que ter postura de atleta. Não pode ter postura de garoto”, querendo amadurecer a gente, quanto antes melhor, sabendo que isso ia gerar frutos para gente.

Apesar de ser apontado diversos resultados positivos nas dimensões supracitadas, também foram identificados alguns pontos negativos durante a trajetória da carreira esportiva desses atletas. Desta forma, alguns entrevistados citam o desgaste corporal, necessidade de desistir do estudo (ao contrário de outros atletas), dúvidas e incertezas sobre o futuro e o estresse psicológico ao longo do tempo:

A6: “É complicado. Porque eu não completei o segundo grau, justamente que tive que fazer uma escolha. Eu tive uma proposta de uma equipe (cidade) para poder jogar uma Superliga. [...] Porque eu queria jogar e apareceu essa oportunidade, então tipo assim, estava no 3 ano do segundo grau e tive que tomar uma decisão. Ou termino meus estudos e vejo o que acontece. Entro numa faculdade. Sei lá. Ou eu sigo aquele meu sonho, entre aspas, de momento, que eu estava começando a traçar. Então, tive que abandonar. [...] Não tem como você conciliar o estudo com a prática esportiva profissional. É muito difícil. [...] Você vai até os seus 38, 39, 40 anos e depois acaba. E depois você vai fazer o que? O que te dá uma base para você ter algo na sua vida, não adianta, é sua formação acadêmica. E a gente infelizmente fica muito... não que a gente não possa fazer depois disso, mas a gente tem um atraso muito grande.”

A11: “Existe uma dúvida muito grande quando você está no juvenil e passa para o adulto, porque você não sabe onde jogar, não sabe quem vai apostar em você, você não sabe se vai ganhar dinheiro, se você não vai. Existem dúvidas.”

Transferência de habilidades para outros contextos

O último componente a ser avaliado foi a transferência das habilidades aprendidas no esporte para outros contextos da vida dos atletas. Emergiram sete temas de primeira ordem que foram relatados na entrevista (Figura 8).

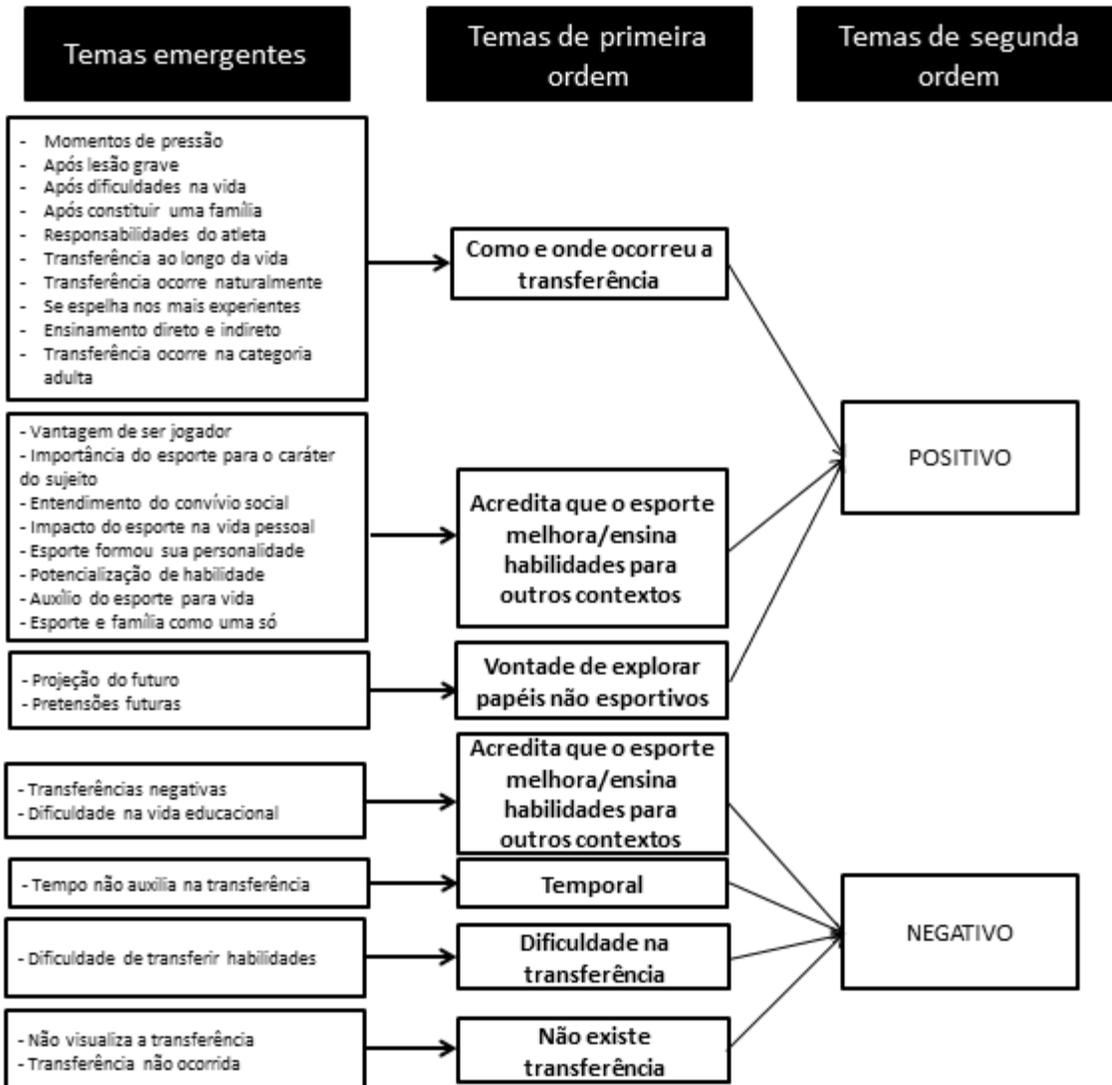


Figura 8. Fatores de transferência de habilidades adquiridas no esporte para outros contextos da vida de atletas de Seleção Brasileira de Voleibol.

Ao perguntar sobre como e onde perceberam a transferência em suas vidas pessoais, houve uma prevalência de respostas, de acordo com os participantes, confirmando a transferência após momentos de dificuldade e pressão, ou após o amadurecimento, as conquistas, ou na construção familiar. Importante salientar que a maior parte dos atletas afirma que o reconhecimento dessas transferências acontece ao longo da vida.

A6: "... quando tudo está indo bem, você não consegue enxergar isso. Você pode enxergar uma coisa ou outra, mas quando a coisa desanda é que você para e pensa. Por que está acontecendo? Ai você analisa com um pouco mais de lucidez, com um pouco mais de calma, com um pouco mais de sabedoria, um pouco mais de carinho a coisa, e você consegue enxergar muita coisa que pode ser corrigida e você só consegue corrigir com isso, tendo muita calma e muita lucidez."

A4: “Não dá pra saber da época, porque foi uma coisa que foi acontecendo durante a vida para mim. Eu acho que fui amadurecendo com o tempo [...] Acho que isso foi uma coisa que foi automatizando. Quando eu conheci minha mulher, eu mudei muito a minha forma de ser. [...] Eu acho que é uma coisa que vai acontecendo inconscientemente.

A11: “Acho que ela é adquirida. Adquirida no dia-a-dia. Isso lógico, as pessoas com quem você conviveu, você extrai alguma coisa, mas acho que é uma experiência adquirida. É o tempo que vai fazer isso com você. Não tem como. Não tem como você jogar vôlei com 15, parar com 17 e descobrir que você, né? Experiência de vida. Dentro do nosso ambiente, dentro das nossas temporadas, isso faz com que isso se torne um cotidiano. Quando isso se torna um cotidiano, você transmitir isso, é uma maneira tão natural que a gente nem repara.”

A crença de que o esporte ensina ou melhora as habilidades para vida foi evidenciada pelos atletas, demonstrando as vantagens de estar no contexto esportivo, a importância do esporte para o caráter do sujeito, o entendimento do convívio social e, ainda, colocar a família e o voleibol como um ambiente único. Assim, existe a crença de que as habilidades e qualidades adquiridas no âmbito esportivo são valorizadas em outros contextos.

A8: “Ajudou a ouvir os outros. Isso é muito importante, ajudou a ouvir os outros, respeitar a opinião dos outros, cada um tem sua opinião; e convivência, saber que cada ser humano é de um jeito e a gente tem que se adaptar a cada um.”

A10: “Na verdade, digamos assim, elas afloraram. Elas foram potencializadas com o esporte, na minha opinião. Esse é o grande negócio do esporte, ele potencializa tudo isso que você tem, e o esporte fez isso em mim.”

A1: “Então acho que o voleibol... eu não tenho como não associar a minha vida pessoal e o voleibol. [...] No meu caso, o voleibol é minha paixão, o voleibol é minha vida num todo. Eu vivo 24 horas de voleibol, quer dizer, chego em casa, a conversa é voleibol. Então, não tem como desvincular [...] O voleibol caminha realmente lado a lado comigo a cada instante da minha vida.”

Para alguns, existiu a aprendizagem de habilidades para vida, demonstrando a ligação dessas habilidades dentro e fora do esporte. Desta maneira, foi identificada a vontade de explorar futuras projeções fora do contexto esportivo.

A12: “Mas com certeza, quando tiver chegando próximo ao fim da carreira, já vou começar a estudar. Os 4 anos finais, que eu ver que vou parar de jogar, eu vou estudar. Ao final desses 4 anos eu vou ter uma formação, vou analisar o contexto do mercado e vou ter uma reserva financeira, que vai me permitir fazer um investimento e seguir trabalhando em outra área.”

No entanto, durante as entrevistas, alguns participantes citaram que as habilidades aprendidas no voleibol não estão ligadas com outros contextos pessoais, demonstrando a não existência ou dificuldades de visualizar as transferências devido às situações serem diferentes umas das outras.

A7: “É bem diferente. Uma coisa é você tentar se controlar dentro de quadra, outra coisa é você se controlar fora de quadra no seu ambiente social. Eu digo em questão de discussão ou brigar por alguma coisa. Mas tem algumas coisas que não tem como você se controlar.”

A9: “Cara, eu não sei assim se adquiri em função do vôlei, ou se as minhas características pessoais me ajudaram a se tornar o jogador que eu sou. Eu acho que elas caminham muito juntas assim. Não existe uma regra, ou uma característica específica que te faça ser jogador de vôlei, e nem todos os jogadores de vôlei são iguais na sua vida pessoal. Eu acho que não tem muito assim... relação.”

Discussão

O objetivo do presente estudo foi investigar as habilidades adquiridas por meio do esporte e sua transferência para contextos da vida em atletas de voleibol. Este é o primeiro estudo da literatura brasileira a buscar investigar o contexto do voleibol através de uma visão holística do modelo de habilidades para vida, englobando os fatores iniciais da prática da modalidade, as características do meio e a aprendizagem de transferência dessas habilidades para vida pessoal. Os achados evidenciaram quatro componentes importantes no desenvolvimento das habilidades para vida em atletas de voleibol, sendo os recursos pré-existentes no início da modalidade, experiências esportivas diretas e indiretas dos atletas, resultados positivos e negativos conquistados no esporte e a transferência para outros contextos.

Os recursos pré-existentes demonstraram as principais características pessoais mais recorrentes em atletas de voleibol e quais as contribuições dos agentes externos para o início da modalidade. Foi possível verificar as atividades praticadas no antes e no início da modalidade, as características pré-existentes e inatas do sujeito, envolvendo aspectos psicológicos (exemplo: dedicação e caráter) e aspectos físicos (altura e dificuldades motoras). Assim como os achados do presente estudo, os modelos de Gould e Carson (2008) e Pierce, Gould e Camiré (2017) sobre habilidades para vida no esporte citam que essas habilidades, valores e recursos serão grandes influenciadores para o sucesso da transferência de algum conhecimento de um

contexto para outro, devendo ser considerado no processo de aprendizagem das habilidades para vida.

Sobre os agentes externos no contexto do voleibol, a mídia e os familiares direcionaram esses atletas a iniciar as modalidades e almejar a profissionalização esportiva. Especificamente no voleibol brasileiro, o sucesso da gestão esportiva influencia jovens das diversas idades a praticar o esporte (VLASTUIN; ALMEIDA; MARCHI JUNIOR, 2008; MARCHI JUNIOR, 2005). Sobre os familiares, Knight, Berrow e Harwood (2017) afirmam que o envolvimento dos pais de forma positiva leva a permanência dos atletas no esporte.

A segunda contribuição para a literatura foi identificar as estratégias indiretas e diretas dos treinadores mais importantes para os participantes, uma vez que suas ações influenciam o indivíduo no esporte e possuem um papel essencial na criação de climas motivacionais nos atletas (CAMIRÉ; TRUDEL; FORNERIS, 2012). Os relatos dos indivíduos sobre o comportamento dentro da equipe envolveu atletas e comissão técnica; assim como outros sujeitos ligados à equipe (clube, mídia e família) fizeram parte das ações indiretas do treinador, facilitando ou dificultando o trabalho na aprendizagem das habilidades e na performance. A ligação entre o treinador e as famílias dos atletas, clube e gestores devem ser mais pró-ativa de forma que possam melhorar a continuidade no trabalho e promover suporte aos atletas (HARDCASTLE et al., 2015). Algumas ações dentro da equipe como cobrança dos pares, congruência nos objetivos a serem alcançados e busca por posições devem ser trabalhados corretamente para a evolução não somente do indivíduo, mas de toda a equipe. Os programas para jovens devem fortalecer as ligações entre múltiplos contextos que influenciam o desenvolvimento positivo, como fortes vínculos entre atletas, familiares e clubes, para maximizar o sucesso (LEE; MARTINEK, 2013).

Durante as entrevistas, os participantes citaram características e estratégias utilizadas pelos seus treinadores, não sendo possível discriminar um comportamento específico pelo fato de esses treinadores atuarem em momentos diferentes de suas carreiras. No entanto, deve-se entender que muitos desses comportamentos foram essenciais para a aprendizagem de habilidades para vida dentro e fora de quadra, tais como conhecer o atleta a fundo, dar oportunidade de autonomia e liderança e ter bons

relacionamentos. Diversas características dos treinadores corroboraram com os estudos de Chinkov e Holt (2016) e Gould e Carson (2011), em que evidenciaram a relação do comportamento do treinador e as experiências desenvolvidas pelos atletas de diversas modalidades. Desta maneira, treinadores que buscam ensinar sobre estratégias, definição de metas, resiliência e promoção de relacionamentos interpessoais estão relacionados à atletas com desenvolvimento de resultados pessoais e menos comportamentos de risco na fase adulta, enfatizando o desenvolvimento de caráter dos jovens. O bom relacionamento treinador-atleta acarreta no desenvolvimento de habilidades e comportamentos positivos aos participantes no contexto pessoal e esportivo (JOWETT, 2017).

A terceira evidência do presente trabalho refere-se aos resultados positivos e negativos adquiridos no contexto do voleibol de acordo com a amostra, ainda não evidenciados na literatura. Segundo Weiss e colaboradores (2013), a maior parte dos estudos sobre habilidades para vida está ligada a variáveis específicas, sendo poucos estudos que avaliam o processo e as diversas qualidades adquiridas. No entanto, os resultados corroboram com estudos de Hardcastle e colaboradores (2015), Azadi (2012), Walsh, Ozaeta e Wright (2010) e Holt e colaboradores (2008b), demonstrando a melhora em habilidades como relacionamentos interpessoais, ajuste de objetivos, tomadas de decisão, o manejo do estresse e ansiedade e aprimoramento educacional. Além disso, os resultados estão atrelados à diversos estudos sobre o desenvolvimento positivo de jovens. Especialmente, Lerner e colaboradores (2005) descrevem um constructo desse desenvolvimento através dos cinco Cs (Competência, Confiança, Caráter, Conexão e Compaixão), evidenciado na fala dos participantes pela percepção de competência, confiança nos companheiros, formação do caráter, as experiências positivas com outros atletas e a gratidão.

Sobre os resultados negativos, os aspectos apontados pelos entrevistados são confirmados no estudo de Gould e Carson (2008), demonstrando o desgaste corporal, desistência escolar, estresse e falta de tempo pessoal presentes em suas carreiras esportivas. Estudos sobre essa temática, focam nos resultados positivos, obtendo pouco conhecimento dos efeitos negativos na participação de esporte (CAMIRE, 2016). Pesquisas sobre desenvolvimento de jovens praticantes de esportes escolares apontam

alguns resultados negativos como formação de grupos isolados, favoritismo, estresse e discriminação, que muitas vezes levam o praticante ao abandono da modalidade (DWORKIN; LARSON, 2006; BUFORD-MAY, 2001).

O último achado do estudo refere-se à ação da transferência dessas habilidades para outros contextos pessoais, verificando como e onde foi percebida a transferência dessas habilidades. As dificuldades e pressões encontradas na trajetória esportiva e pessoal, assim como o amadurecimento e as vitórias conquistadas ao longo da vida, foram fatores primordiais para enxergar a transferência de valores, habilidades e comportamentos no voleibol para o ambiente familiar, entre amigos e durante seu dia a dia. Entende-se que algumas habilidades para vida são aprendidas simplesmente pela participação no contexto competitivo, desde que o treinador desenvolva um relacionamento saudável com os atletas, criando um clima motivacional voltado à tarefa (CAMIRÉ; TRUDEL; FORNENIS, 2012, JONES; LAVALLEE, 2009). Estudo realizado com atletas de Jiu-Jitsu aponta que os principais responsáveis pela aprendizagem das habilidades para vida foram os papéis dos instrutores e o suporte dos pares nos clubes (SHINKOV; HOLT, 2016).

Importante frisar que alguns atletas tiveram dificuldades em identificar a transferência das habilidades aprendidas no voleibol para outros contextos não-esportivos ou não acreditaram que essa transferência ocorra em suas vidas. Segundo Camiré, Trutel e Forneris (2012), a transferência poderia acontecer somente com atletas que atingem certo nível de maturidade ou poderá ocorrer em outros estágios da vida do indivíduo. Além disso, é possível entender que a transferência principalmente através da construção pessoal do inconsciente, quer dizer, muito do que se aprende e se transfere é tácito, assim as ações acontecem sem estarem cientes de suas origens (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017).

Os resultados do presente estudo mostram os componentes para aprendizagem de habilidades para vida e sua transferência aos contextos não esportivos em atletas de voleibol. Esses achados podem auxiliar treinadores que buscam não só melhorar a performance de suas equipes, mas ser um formador de indivíduos cidadãos. Ademais, existe a contribuição acadêmica para auxiliar na exploração do processo de

aprendizagem das habilidades para vida no contexto esportivo, como citam os trabalhos de Gould e Carson (2008).

O estudo se limitou a avaliar a percepção dos atletas de voleibol masculino, entendendo que outras modalidades poderiam resultar em realidades diferentes. Desta maneira, futuros estudos devem avaliar essa temática também em esportes individuais de alto rendimento, assim como diferentes sexos, podendo evidenciar possíveis distinções de comportamento no esporte brasileiro.

Considerações finais

Os achados destacam o processo de aprendizagem das habilidades adquiridas no contexto esportivo e a transferência para outros âmbitos da vida na percepção de atletas de alto rendimento de voleibol masculino. Treinadores que trabalham com iniciação esportiva devem levar em consideração as características pessoais do praticante e os ambientes a sua volta, buscando entender suas capacidades psicossociais e atividades realizadas anteriormente, assim como os agentes externos a sua volta. As experiências esportivas dependem diretamente das ações do treinador, da equipe e do meio em que o atleta vive, devendo buscar estímulos positivos para o desenvolvimento das habilidades para vida.

Uma vez ensinada tais habilidades, os atletas terão a oportunidade de transferi-las para outros contextos ao longo de vida, acreditando que a aprendizagem no esporte ajudará nos obstáculos da vida. Sendo assim, treinadores e professores de voleibol devem se preocupar em entender esses componentes, que possibilitam o aperfeiçoamento de seus atletas no futuro.

4.3 Artigo 3

ENTENDENDO A TRANSFERÊNCIA DAS HABILIDADES PARA VIDA DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO NA PERCEPÇÃO DE TREINADORES DE VOLEIBOL

Resumo: O presente artigo teve como objetivo estudar o processo de transferência de habilidades para vida de atletas na percepção dos treinadores. Foram entrevistados seis treinadores, que foram considerados os mais importantes na vida dos atletas de Seleção Brasileira. Foi aplicada uma ficha sociodemográfica e realizada entrevista retrospectiva semiestruturada baseada no Modelo de *Coaching* de habilidades para vida através do esporte. Análise temática e análise de conteúdo foram feitas para obtenção dos resultados, formando categorias e temas emergentes. Os resultados mostraram a preocupação dos treinadores nos aspectos internos (Capacidades e características pessoais) e externos (Treinamento, família, clubes e ambientes) voltados aos praticantes, desenvolvendo atividades motivadoras nas categorias de iniciação. Não foi possível identificar uma característica predominante dos treinadores, entretanto ser acessível, ter habilidades de relacionamento, liderança e ser disciplinador se encontram presentes nas interações com os jovens. Segundo os treinadores, as experiências esportivas podem proporcionar resultados positivos e negativos nos aspectos físicos, comportamentais, emocionais, educacionais e financeiros, que são transferidos para outros contextos da vida do atleta. O processo de transferência das habilidades para vida está relacionado às características do indivíduo (personalidade, confiança e maturidade) e às vivências adquiridas ao longo de sua vida.

Introdução

O esporte é visto como atividade promotora do desenvolvimento de experiências positivas (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008). Nos últimos anos, diversas pesquisas têm se interessado sobre as habilidades adquiridas nos diversos contextos esportivos e possíveis transferências das mesmas para outros cenários da vida dos praticantes (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). Para melhor compreensão dessa temática, Turnnidge, Côté e Hancock (2014) analisaram programas esportivos com diferentes abordagens, sendo explícitas (ensino deliberado sobre as habilidades para vida) ou implícitas (não é focado em utilizar estratégias diretas na promoção dessas habilidades) para estas transferências, demonstrando que a aprendizagem dos praticantes depende da intervenção realizada pelos programas. Desta maneira, entende-se que o treinador tem sido uma peça importante para que esse desenvolvimento, especialmente em crianças e jovens, ocorra de forma positiva e prazerosa (COLLINS; GOULD; LAUER; CHUNG, 2009).

Estudos têm demonstrado que o comportamento do treinador esportivo tem promovido estilo de vida saudável e respeito uns aos outros, associado à diversão e prazer dos praticantes (HOYE et al., 2016). Especificamente sobre modalidades coletivas, Dimas, Rebelo e Lourenço (2016) citam que o comportamento do treinador tem efeitos diretamente ligados à satisfação dos membros da equipe, contribuindo para a qualidade de experiências do grupo. No entanto, ainda existe a necessidade de estudos sobre o papel das ações de treinadores para o desenvolvimento de habilidades para vida, especialmente no âmbito nacional, sendo a lacuna do presente estudo.

Quando treinadores esportivos possuem o interesse de ensinar seus atletas como transferir as habilidades aprendidas para outros contextos da vida, deve-se levar em consideração as características já existentes dos indivíduos, utilizar-se de estratégias de ensinamento e promover oportunidades de praticar tais comportamentos (CAMIRÉ; TRUDEL; FORNERIS, 2012). Estudo realizado por Weiss e colaboradores (2013) avaliou um programa de desenvolvimento positivo para jovens (The First Tee), em que os treinadores foram instruídos a ensinar as habilidades para vida de forma intencional e direta, evidenciando aprendizagem nos aspectos interpessoal e na autonomia.

Pesquisas têm utilizado modelos teóricos para discutir sobre as habilidades para vida e a importância do treinador nesse processo. No entanto, cada modelo se enquadra em contextos de transferência (exemplo: escolares e família) e populações (exemplo: atletas de alto rendimento, atletas escolares e praticantes recreativos) específicas (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). Assim, Gould e Carson (2008) sistematizaram um modelo de *coaching* de habilidades para vida através do esporte, criando cinco componentes evidenciados no treinamento: recursos pré-existent, experiências de participação esportiva, possíveis explicações do desenvolvimento, resultados positivos e negativos e a transferência. Esse modelo emergiu por uma revisão extensa de literatura sobre o desenvolvimento positivo de jovens através de atividades extracurriculares e o esporte.

De acordo com as informações supracitadas, o objetivo do estudo foi entender o processo de transferência de habilidades para vida de atletas de voleibol de Seleção Brasileira na percepção dos treinadores. Sendo assim, buscou-se investigar as

estratégias utilizadas pelos treinadores para ensinar essas habilidades e como ocorre essa transferência para outros ambientes.

Métodos

Participantes

Participaram do estudo seis treinadores de voleibol com idades entre 48 e 56 anos de idade ($51,2 \pm 3,56$), que treinaram atletas da Seleção Brasileira da modalidade. Para seleção dos participantes, foram contatados os atletas que participaram do Campeonato Nacional (Superliga) no ano de 2016 que já haviam representado a Seleção Brasileira Adulta em competições oficiais, questionando-os sobre o treinador mais importante em sua carreira esportiva. Para critérios de inclusão da amostra dos treinadores, os sujeitos deveriam ter sido indicados pelos atletas, sendo assim pessoas significantes. Os indivíduos deveriam ser brasileiros, estar residindo no país e ter sido treinador do atleta investigado por mais de um ano. Foram excluídos do estudo aqueles indivíduos que não aceitaram fazer parte do estudo ou não puderam comparecer no dia da entrevista agendada para coleta de dados. Importante salientar que uma das entrevistas foi realizada com o coordenador do projeto da época, que o atleta treinava com o treinador devido ao falecimento do mesmo. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice F). O quadro 8 apresenta as características sociodemográficas e profissionais dos treinadores.

Amostra	Formação	Idade atual	Categoria que treinou o atleta	Estado que atuou com o atleta
T1	Curso de formação pela UCV* nível 4	54 anos	Mirim – Adulto	Rio de Janeiro
T2	Especialista na área de Educação Física	49 anos	Infantil	Espírito Santo
T3	Mestrado em Educação Física e Curso de formação pela UCV* nível 3	48 anos	Mirim – Adulto	Santa Catarina
T4	Educação Física e Curso de formação pela UCV* nível 4	56 anos	Infantil	São Paulo
T5	Curso de formação pela UCV* nível 3 e Brevet d'état option Volleyball France, Entraîneur Pro France	49 anos	Adulto	Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul
T6	Educação Física	-	Infantil	Rio Grande do Sul

Quadro 8. Características sociodemográficas e profissionais dos ex-treinadores dos atletas.

*Universidade Corporativa do Voleibol pela Confederação Brasileira de Voleibol

Instrumentos de medida

Para obtenção das informações da pesquisa, foi aplicado uma ficha sociodemográfica e realizada uma entrevista semiestruturada individualizada com os treinadores. A entrevista seguiu um roteiro construído de acordo com uma matriz contemplando elementos presentes no Modelo de *coaching* de habilidades para vida através do esporte (GOULD; CARSON, 2008). Um piloto com um treinador de beisebol foi realizado com intuito de orientar as concepções e a acurácia do guia, abordando questões relevantes para a pesquisa. Profissionais da área da Educação Física, mais especificamente voltados à Psicologia do Esporte, revisaram o roteiro para melhor entendimento.

Os treinadores foram questionados em cinco principais áreas, contendo questões mais específicas dentro de cada sessão com o intuito de melhor compreensão da aprendizagem das habilidades para a vida, não somente sobre o atleta indicado, mas de acordo com sua experiência pessoal com outros praticantes. No primeiro momento, os participantes foram questionados sobre as características dos indivíduos que iniciam a prática do voleibol, especialmente sobre importantes competências e habilidades pré-

existentes e as fontes externas que auxiliam na entrada da modalidade. Em um segundo momento, os entrevistados falaram sobre sua intervenção (suas características e estratégias utilizadas) no período em que estava com o atleta indicado. Importante ressaltar que nesse seguimento, a categoria retratada variou de acordo com o momento em que o treinador teve o convívio com seu atleta. A terceira sessão discorreu sobre como o desenvolvimento das competências de habilidades para vida ocorre e como esses atributos podem influenciar no comportamento do jovem atleta. A quarta sessão foi sobre quais resultados são adquiridos de acordo com as competências e dispositivos encontrados na sessão anterior. Por fim, os entrevistados foram indagados sobre como ocorre a transferência das habilidades adquiridas no contexto esportivo para contextos não-esportivos. Este guia se baseou nos elementos do Modelo de *coaching* de habilidades para a vida através do esporte (GOULD; CARSON, 2008) (Quadro 9).

Categorias	Características
Estado pré-existente	Competências, habilidades, fontes internas e externas existentes no jovem indivíduo que influenciam no sucesso e permanência do mesmo no esporte em que se inicia.
Experiências na participação	Foco na experiência dentro do contexto esportivo, levando em consideração as intervenções de ensino e treinamento do treinador. Desta forma, é levado em consideração as características desse treinador, suas intervenções diretas e indiretas no ambiente do voleibol.
Desenvolvimento das habilidades pessoais	Possíveis explicações de como ocorre o desenvolvimento dessas habilidades para vida e como elas são utilizadas na vida do atleta.
Resultados positivos e negativos	Atributos positivos e negativos aprendidos pelos atletas durante sua carreira esportiva.
Transferência	Fatores que podem levar a transferência das habilidades adquiridas no voleibol para outros contextos da vida do atleta.

Quadro 9. Componentes presentes no processo de *coaching* das habilidades para a vida (Gould; Carson, 2008. Tradução nossa).

Coleta de dados

Este estudo foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisas envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Parecer n° 1.823.503, sendo integrado ao projeto “Processo de desenvolvimento de

variáveis psicológicas positivas no contexto esportivo”. O pesquisador realizou contato com os treinadores previamente para o agendamento das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente nos clubes, nas casas dos treinadores ou em locais públicos com pouca influência sonora, exceto uma das entrevistas, que foi realizada via Skype. Em todas as entrevistas, utilizou-se dois gravadores para evitar possíveis contratempos e problemas eletrônicos. Para gravação, foi utilizado um gravador modelo *Sony* modelo ICD-PX240 e um *Ipod* 5 com aplicativo *Smart Recorder*; e para gravação do Skype, os programas *Audacity* (Editor de audio) e o *Voicemeeter* (drive de som digital). As entrevistas tiveram duração média de 60 minutos. Primeiramente, o indivíduo respondeu a ficha sócio-demográfica, inserindo sua formação acadêmica, início como treinador e equipes em que já atuou. Na sequência, foi explicado como seria a entrevista, dividindo-as nos cinco tópicos supracitados e que seria feita uma gravação de áudio para transcrições futuras. Todas as entrevistas foram gravadas digitalmente e transcritas textualmente, resultando em 120 páginas de transcrição (fonte 12 pontos).

Análise dos dados

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Para fins de sigilo e identificação das entrevistas, foram utilizados códigos para cada treinador (T1; T2; T3...) e alteração de nomes próprios como clubes, atletas e familiares citados. Desta forma, as informações foram transferidas para o programa *Nvivo 10* para análise inicial. Após a transcrição, foram enviadas as entrevistas aos treinadores para realizarem a confirmação dos dados e/ou possíveis informações adicionais.

A análise de conteúdo seguiu os parâmetros estabelecidos (Patton, 2002). Desta forma, as transcrições foram lidas diversas vezes, buscando identificar unidades significativas de informação, como passagens de texto, com conteúdo significativo para o estudo. Cada segmento foi codificado como *nós* (nomenclatura usado no programa *Nvivo 10*) que representou a informação dentro da unidade de significado. A junção dos nós formaram os temas emergentes da pesquisa, os quais foram examinados e comparados com outros padrões de temas para formação das categorias. Assim, a análise de classificação e categorização foi feita de acordo com os componentes do

modelo de Gould e Carson (2008), transformando as unidades em temas emergentes e categorias. Apesar de utilizar o modelo como direcionamento para as entrevistas, as análises dentro dos componentes investigados foram de forma indutiva, com o objetivo de evidenciar resultados reais do contexto em estudo.

Resultados

Após a análise dos dados, foram identificados quatro componentes relacionados ao processo de *coaching* de habilidades para vida e sua transferência para outros contextos dos atletas, evidenciando: a) os recursos pré-existentes ao iniciar o voleibol; b) as experiências participativas no esporte, que contemplam as estratégias diretas e indiretas do treinador assim como suas características; c) as habilidades adquiridas no contexto esportivo, que possivelmente podem ser transferidas para outros ambientes da vida do atleta; e d) a forma como ocorre a transferência e fatores influenciadores. A Tabela 1 apresentou os temas emergentes e as categorias, que foram discutidos no primeiro componente. Os recursos pré-existentes foram agrupados em quatro categorias de ordens maiores, relacionados aos recursos internos (4=temas), treinamento (5=temas), meios (4=temas) e família (2=temas).

Tabela 1. Recursos internos e externos pré-existent do indivíduo no início da prática do voleibol.

Categoria	Tema emergente
1. Aspectos internos voltados aos indivíduos que iniciam a prática	a) Capacidades físicas e motoras, envolvendo estimulações motoras anteriores de outros esportes, ou iniciação à prática devido à falta dessas capacidades. b) Características físicas, especialmente a altura. c) Características psicossociais presentes no sujeito, que facilitam sua inserção no início da prática. d) Aspectos relacionados à sexualidade, demonstrando um interesse maior pelo sexo feminino e questões voltadas ao homossexualismo.
2. Treinamento	a) Tipos de atividades realizadas nos treinamentos de iniciação. b) Idade ideal para iniciar a modalidade. c) Importância do treinador da iniciação e sua comissão técnica. d) As amizades presentes dentro da equipe. e) Fazer o atleta gostar da modalidade.
3. Meios	a) Oferta de bolsa de estudos pelas escolas e prefeituras. b) Ambientes como praias e regiões com projetos importantes na região são incentivadores para prática. c) Autorização dos clubes para atletas de baixa renda participem das equipes e usufruam da estrutura disponível. d) Mídia como fator importante para o início da prática.
4. Família	a) Proximidade entre atleta e familiares (pais, irmãos, tios). b) Pais buscam oportunidade para os filhos.

Segundo os entrevistados, alguns recursos são importantes e influenciadores para o início da prática do voleibol, podendo ser pelas características próprias dos interessados, como os agentes presentes em suas vidas. Os treinadores citaram algumas capacidades físicas e motoras, características físicas e características psicossociais já presentes nos praticantes:

T2: “Ai tem capacidades físicas que são importantes, de força muscular dos membros inferiores, ter coordenação, porque é um esporte que depende muito da habilidade técnica, e para ter resultados a longo prazo, sem duvida nenhuma, a atitude do atleta faz muita diferença.”

T4: “Ele sempre foi muito disciplinado, muito focado, muito concentrado, e isso exige muito, e exige dos companheiros.”

A orientação sexual foi outro fator apontado pelos treinadores ligados ao interesse pela prática da modalidade:

T1: “A gente não pode deixar de citar a questão do homossexualismo no voleibol, que cresceu bastante. Crianças que também tem tendências mais femininas, o esporte preferido delas é o vôlei. Não tem como negar isso.”

T4: “Hoje eu não posso deixar de ponderar que o voleibol, sim, ele tem uma diferença na questão da orientação sexual para meninos. O universo do voleibol masculino, ele é um universo que meninos gays se identificam muito mais.”

Outra categoria emergente apontada pelos entrevistados foi a importância do treinamento para iniciantes, demonstrando preocupações com a qualidade das atividades selecionadas, os métodos de ensino e a comissão técnica preparada para dar continuidade nas categorias posteriores. Sendo assim, os treinadores T3 e T4 abordam a importância da intervenção do treinador na iniciação:

“O diferencial de outros técnicos não é a parte em si dos fundamentos, e sim, a preocupação de como você vai estabelecer uma didática e a tomada de decisão, certo? A tomada de decisão e a resolução de problemas. Para que a criança possa automatizar.”

“Muitos técnicos que trabalharam comigo e que entenderam que você não pode pular etapas na formação motora e técnica do jogador, é que de fato ele consegue desenvolver um trabalho sério. Então, eu começo com 11, 12 com iniciantes; 13 no pré-mirim, 14 com mirim, 15 com infantil, e 16, 17, 18 no infanto-juvenil”.

Ao perguntar a idade ideal para o início da prática do voleibol, todos os participantes entraram no consenso entre 9 e 11 anos. O bom trabalho dessas intervenções, assim como boas amizades dentro da equipe, pode proporcionar o prazer pelo indivíduo em praticar o voleibol:

T3: “Eu acho que primeiro de tudo é o gosto. Tem que ter o gosto pela prática. Isso eu acho que é primordial. Uma das coisas que interferem bastante no vôlei, são aquelas questões de crianças, que ela tem várias experiências motoras.”

T4: “Ah sempre foi muito bom. Ele sempre foi muito bom em relação ao grupo. Muito amigo, muito companheiro, muito parceiro, muito brincalhão. Brincava com todo mundo.”

Aparentemente, o meio ao qual o indivíduo vivencia tem grandes influências sobre o mesmo para começar a prática do esporte. Desde as ofertas de bolsas de estudos e a liberação dos clubes para treinar em seus estabelecimentos, como características culturais da região e a mídia, foram relatadas pelos entrevistados, indicando fontes preciosas no momento da escolha de um esporte.

T1: “Crianças de praia, que gostam muito de brincar na praia, pelo voleibol de praia ser muito forte, muito presente aqui no Rio de Janeiro, há uma tendência muito grande a levar as crianças para o voleibol.”

T6: “Nós começamos no ano 2000. A Olimpíada de Barcelona foi em 80 e... 92. 92. Isso aí. Então, o vôlei já era uma ascensão. Já existia o Bernardinho, já existia o Zé Roberto, já tinha campeão Olímpico. O vôlei vinha crescendo. E o vôlei naquela época no Rio Grande do Sul era

bem mais forte do que está hoje. Tinha bem mais resultados. Cara, hoje tu vais olhar aqui em (Cidade), nós temos mais meninas que fazem escolinha de vôlei, que meninos que jogam futebol. São poucos lugares que vai achar isso. Começou lá. Pessoal sempre gostou bastante de vôlei aqui. A região.”

A presença da família também foi apontada pelos treinadores, demonstrando que alguns jovens já conviviam no âmbito do voleibol, pois algum familiar (pais, irmãos e outros parentes) já praticava o esporte. Além disso, identificou-se pais que buscaram oportunidades para seus filhos praticar algum exercício físico na melhora da saúde ou evitar frequentar lugares de condutas negativas:

T2: “Quando o pai dele chegou lá no clube, perguntando se tinha condições de aceitar o filho treinando lá e tal. Na época, o pai queria realmente que ele fizesse uma atividade, que ele tivesse uma atividade física que ajudasse a ele... não ficar somente no ambiente em que ele estava, e ter contato com outras pessoas. Até tinha passado uma situação difícil na época, acho que um amigo da família, alguma coisa assim, tinha falecido ali por alguma situação no bairro...”

T1: “Desde o mirim, eu treino o [nome do atleta]. A irmã dele jogava voleibol, então ele já cresceu dentro do clube, vendo a irmã jogar. Então foi mais fácil ele ter escolhido o voleibol.”

Na Tabela 2 são demonstradas as ações dos treinadores, representados pelas experiências na participação esportiva. Esse componente foi agrupado em cinco categorias: As características dos treinadores (6=temas), estratégias diretas do treinador (13=temas), ações do meio (6=temas), locais de treinamento (4=temas) e objetivos (4=temas).

Tabela 2. Experiências na participação esportiva de atletas da Seleção Brasileira de Voleibol.

Categoria	Tema emergente
1. Características do treinador	<ul style="list-style-type: none"> a) Acessível b) Prazer nos treinos e formação c) Habilidade de relacionamento d) Diferentes tipos de comportamento (autoritário, autocrático e democrático) e) Comportamento de liderança f) Disciplinador e educador
2. Ações diretas	<ul style="list-style-type: none"> a) Atletas tinham que se adequar aos seus métodos, que em alguns momentos eram criados pelos próprios treinadores. b) Traziam outras modalidades para melhorar a performance. c) Buscavam conhecimentos para melhorar os treinos. d) Buscavam melhorar não somente a performance, mas outros aspectos pessoais como caráter, valores e educação. e) Ensino direto e indireto das habilidades para vida. f) Distribuição de regras e normas. g) Proximidade com os atletas, buscando ajudá-los e conhecê-los melhor dentro e fora de quadra. h) Tratava os atletas igualmente, porém maiores cobranças técnicas aos atletas que buscavam o profissionalismo. i) Oportunizava tomadas de decisões e momentos de liderança. j) Ajudou o atleta mesmo depois de ser seu treinador. k) Auxiliava os atletas mesmo em outros contextos. l) Condutas adequadas e inadequadas. m) Participação do treinador em todas as categorias de base, fazendo com que o atleta jogasse para diferentes idades.
3. Ações do meio	<ul style="list-style-type: none"> a) Busca de recursos em escolas, prefeitura e clubes. b) Relacionamento da equipe. c) Atletas eram apostas no cenário nacional. d) Voleibol como cultura ou principal esporte na região. e) Motivação (objetivo) de atletas e treinadores. f) Confiança dos pais.
4. Locais de treinamento	<ul style="list-style-type: none"> a) Centro de treinamento (público) b) Clube privado e de formação c) Projeto social d) Equipe profissional
5. Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> a) Formação do atleta (qualidades humanas) b) Crescimento do projeto c) Formar atletas profissionais d) Ser representativo

Os treinadores foram questionados sobre suas características na época em que treinavam os atletas que os indicaram como mais importantes em suas carreiras esportivas. Foram evidenciados diferentes tipos de comportamentos frente às equipes, no entanto a maior parte dos treinadores se mostrou acessível, com habilidade de

relacionamento e com comportamentos de liderança, buscando ser disciplinadores e educadores daqueles jovens. Dois treinadores destacaram essas características: “Eu sempre fui um cara muito, muito, como posso te dizer, de cobrar, de cumprir as coisas. Disciplinador. Sempre fui um cara disciplinador.” (T4); “Creio que o técnico, ou o treinador, às vezes ele é muito mais educador, do que muito pessoal pensa” (T3).

Estratégias eram realizadas pelos entrevistados para que atingissem seus objetivos dentro do contexto vivenciado. Diversas ações foram citadas para melhora da *performance* e os aspectos pessoais dos praticantes (caráter, valores e educação), como busca de outros conhecimentos para melhora dos treinos, oportunidade de tomadas de decisões e momentos de liderança, distribuição de regras e normas e ajuda em outros contextos não-esportivos. Não foi encontrada nenhuma padronização de comportamento entre os treinadores, evidenciando diferentes estratégias de acordo com as suas necessidades específicas. Entretanto, existia participação assídua do treinador na vida do atleta. Os treinadores que treinaram nas categorias de base participaram em todas as categorias iniciais, fazendo com que os mesmos jogassem para outras categorias. Um dos entrevistados cita a participação de seu atleta em diferentes categorias: “Ele era um menino que treinava com o infantil, treinava no infante, participava no infante, e às vezes ele ficava no adulto para pegar bola, para ficar junto e muitas vezes já entrando no adulto.” (T3).

Outra categoria relatada pelos entrevistados foram ações indiretamente ligadas com as intervenções dentro de quadra, demonstrando que a busca por recursos, o relacionamento e a motivação da equipe, a visibilidade que tinham no cenário nacional, a importância da modalidade no ambiente em que viviam e a confiança dos pais foram temas emergentes que ajudaram no desenvolvimento do jovem atleta na aprendizagem de diversas habilidades:

T6: “Nós precisamos oferecer alguma coisa. Então vamos oferecer bolsa de estudo para as meninas que moram aqui na região, para os meninos de (cidade, cidade, cidade). Dinheiro eu arrumo e a escola da bolsa para estudo”.

T5: “Na verdade, essa situação do (atleta) e desses outros jogadores que eu estou te citando, era uma situação meio que incógnita e aposta no voleibol brasileiro. Eles não tinham a certeza que seriam jogadores confirmados, que teria um futuro pela frente. A (clube) deu essa

possibilidade de fazer trabalhar de uma forma muito seria um grupo, e que acabou surgindo e confirmando.”

Ainda dentro desse componente, houve diversidade de locais onde os entrevistados atuaram, sendo centros de treinamentos financiados pelo órgão público, clubes privados e de formação, projetos sociais com auxílio de órgãos educacionais e municipais e equipes profissionais. Desta maneira, verificou-se que os objetivos de trabalho eram diferentes em cada ambiente de trabalho. Os relatos apontaram como objetivos a formação da qualidade humana a profissionalização dos atletas, crescimento dos projetos encaminhados e a representatividade para o clube e região.

A Tabela 3 retrata os resultados positivos e negativos dos atletas identificados pelos treinadores ao longo de suas carreiras. Para melhor compreensão dos dados, os resultados foram separados em cinco categorias: físico (temas=4), comportamental/emocional (temas=2), financeiro (temas=2) e educacional (temas=4).

Tabela 3. Resultados positivos e negativos adquiridos ao longo das experiências esportivas de atletas da Seleção Brasileira de Voleibol.

Categoria	Tema emergente
1. Físico	a) Alimentação adequada b) Cuidado com o corpo c) Habilidades motoras d) Comprometimento da saúde
2. Comportamental/ emocional	a) Habilidades interpessoais b) Habilidades intrapessoais
3. Financeiro	a) Cuidado financeiro b) Valorização material
4. Educacional	a) Educação escolar b) Experiências culturais c) Raciocínio rápido d) Aprendizagem cognitiva por meio do estudo

Os treinadores relataram diversos resultados que atletas podem adquirir dentro da prática do voleibol, dentre elas os aspectos físicos, podendo ser positivo ou negativo. Observou-se o cuidado que tinham com a estimulação das habilidades motoras, a alimentação adequada e a preservação do corpo. Um dos treinadores cita a preocupação com seus atletas da época: “gente conversava bastante esse tipo de coisa. A gente sempre procurou, desde a maneira de como eles se alimentam, de dividir, em viagens e tudo, a gente sempre procurou com que eles se ajudassem” (T3).

No entanto, admitiram que intervenções mal sucedidas poderiam incentivar o comprometimento da saúde, especialmente no alto rendimento. Esta constatação é identificada na fala de outro treinador: “O fato de você muitas vezes viver situações de sacrifício no sentido da superação física, muitas vezes para ter uma vida legal, ou para buscar o sonho que você tem, que é um competição ou uma medalha, você sacrifica sua saúde.”

Os aspectos psicológicos foram os mais citados pelos entrevistados, evidenciando diversas habilidades inter e intrapessoais. Fatores como saber trabalhar em grupo, liderança, respeitar o próximo e a solidariedade foram exemplos de habilidades sociais, como foi verificado no depoimento do T5 ao falar desses resultados: “a capacidade de se inserir em grupo, de ter uma vida em grupo, a capacidade de viver longe da família e mesmo assim constituir uma família”. Sobre os resultados intrapessoais, houve relatos sobre comportamentos como disciplina, autonomia, respeito e resiliência, demonstrando já uma transferência para a vida pessoal do atleta: “Um atleta amadurece antes do que os outros jovens. Um atleta sai de casa, aprende a se virar. Ele cozinha, ele lava sua roupa” (T1).

Alguns dos treinadores indicaram a melhora do cuidado financeiro na vida do atleta de voleibol, seja ela em forma de bolsa ou salário. Um dos treinadores relata a preocupação de ensinar os jovens a terem valor por seus pertences e administrar suas próprias finanças: “A condição de uniforme, de ter várias camisas, ou ‘não tenho mais, não tenho mais’, bom agora tem mais uma. Não chegar e dar tudo ao mesmo tempo. A gente sempre conversava sobre esses valores. De como eles iam conquistar.” (T3).

Além disso, um dos resultados importantes na vida de um atleta durante sua carreira esportiva são os valores educacionais, que os entrevistados tinham a consciência de incentivá-los a obter boas notas na escola, pois poderiam ajudá-los futuramente. As experiências culturais nas viagens em outras cidades e países foram apontadas por um dos treinadores, sendo um dos privilégios dos jovens praticantes.

T6: “Experiências, viajar, culturais, trocar informações, conhecer lugares, conhecer pessoas diferentes, culturas diferentes. Nós, pela proximidade hoje, nós vamos 4, 5 vezes ao ano jogar nas competições na Argentina. Essas experiências, as mães, as gurias vão levar para o resto da vida. Elas vão passar para o filho e para filha. Cara, o esporte para mim é a salvação do nosso país. Esporte e educação.”

O último componente mostrou a percepção dos treinadores sobre a transferência das habilidades adquiridas no esporte para outros contextos não esportivos, evidenciando oito categorias relacionadas aos processos que influenciam nessa transferência e os momentos que os atletas transferem para suas vidas pessoais (Tabela 4).

Tabela 4. Processo de transferência das habilidades para vida adquiridas no voleibol para outros contextos da vida.

Categoria	Tema emergente
1. Aprendizagem temporal	a) Maturidade b) Transferência acontece ao longo do tempo
2. Eventualidades	a) Momentos de fracasso ou trauma na vida do atleta. b) Momentos de sucesso e disciplina na vida do atleta.
3. Conhecimento de outros ambientes	a) O conhecimento e a vivência de outros contextos faz com que facilite a transferência. b) Similaridade das situações.
4. Confiança	a) Confiança em aplicar as habilidades em outros contextos.
5. Momento da aprendizagem	a) Nível competitivo não é relevante nas aprendizagens e transferências. b) Adolescência apresenta melhor e maior assimilação.
6. Personalidade do atleta	a) O tempo para fazer a transferência depende da personalidade de cada um.
7. Relações entre agentes	a) Transferência acontece com a junção de trabalho entre o esporte, família e escola.
8. Inconsciente	a) O atleta utiliza tais habilidades para vida em outros contextos de forma involuntária.

As categorias destacadas informam como os resultados apontados anteriormente podem ser transferidos para outros contextos da vida do atleta. Assim, os entrevistados confirmam que a utilização das habilidades para vida em outros contextos é um processo temporal, precisando de maior maturidade dos jovens e as experiências vivenciadas ao longo do tempo. Sendo assim, essas experiências estão ligadas às eventualidades na vida de um atleta, podendo ser negativas como momentos de fracasso, lesões ou traumas, ou positivas como momentos de sucesso, constituir família, conquistas de títulos. Essas experiências foram evidenciadas pelos treinadores:

T1: “Alguns já percebem já na quadra, que são os diferenciados, e outros vão perceber, quando ficam mais velhos, vão ficando mais velho, e quando a vida começa a dar rasteiras, que eles começam a perceber.”

T4: "... hoje eles sendo adultos, profissionais, já formados nas suas carreiras. Hoje quando eles me reencontram eles me dão esse *feedback*... É onde eu tenho a maior resposta da minha carreira. Exatamente onde eu ganho abraço e aquele momento que o atleta olha para você e 'Cara, muito obrigado...'"

Um ponto relevante citado pelos entrevistados foi o conhecimento de outros ambientes vivenciados. Não basta ter as habilidades no contexto esportivo. O conhecimento e a vivência nesses outros contextos são notáveis para a transferência. Desta forma, a confiança em aplicá-las nesses ambientes será maior e com mais sucesso. Isso foi demonstrado pela fala do treinador:

T6: "Eu acho que eles devem ter certos receios, porque às vezes você ainda não domina bem a sua profissão. Acredito que isso aconteça. A autonomia, iniciativa de querer fazer ou de ir atrás de resolver, eu acredito que elas têm sem dúvida. Às vezes pode faltar experiência da formação específica, que isso também é bem normal. Você leva um tempo até dominar, e dominar mesmo você nunca vai dominar, mas iniciativa, essa atitude de fazer as coisas, sem dúvida."

Outro fator apontado pelos entrevistados foi o momento mais propício para a aprendizagem das habilidades para vida, destacando que a adolescência é a fase que possui maior captação de informações, a qual possibilita transferi-los posteriormente. Além disso, foi apontado que em qualquer nível competitivo é possível ter a aprendizagem dessas habilidades e transferi-las em âmbitos não-esportivos.

T2: "É um processo, mas tem idades [...] adolescência ali, o garoto entre 14 e 18 anos, eu acho que ele assimila uma quantidade de coisa, que acho que mais novo, é menino para receber uma cobrança. Ali ele está num momento que consegue abrir as portas... mas é um processo. Com certeza é um processo [...] eu acredito que o esporte bem feito, independente de ser em um nível de competitividade alta, ou em um nível mais baixo, mais recreativo, eu acho que você pode aproveitar vários momentos."

Outras categorias articuladas estão relacionadas à personalidade do atleta e à relação dos agentes externos na vida do praticante. O tempo que o indivíduo leva para conseguir transferir essas habilidades para vida também depende das suas características pessoais. Segundo o entrevistado, "em uma temporada muda. Tem jogador que muda e você consegue ver uma resposta só a médio prazo. Vai muito da personalidade do jogador. Da personalidade dele, do perfil dele como pessoa. Eu já tive os dois". Quanto aos agentes, apontou-se que o trabalho coletivo (especialmente esporte, família e escola), na formação, incentiva a prática dessas habilidades em todos os âmbitos:

T4: “Eu acho que eles aprenderam exatamente por conta da escola... a escola que foi constituída dentro desse trabalho. [...] nós, eu e mais essa equipe de técnicos tinha que trabalhar exemplificando o tempo todo, fazendo relação na vida pessoal e a relação vida esporte. Por isso que fazia reuniões sempre com os pais, porque os pais tinham que me ajudar. Os pais tinham que trabalhar junto comigo. Não adiantava o atleta voltar para casa, e o pai não entender o que ele estava vivenciando dentro do treinamento. Então eu tinha que ter o pai e mãe trabalhando junto comigo. Então era um trabalho muito amplo.”

A última categoria discorre sobre a transferência das capacidades individuais de forma inconsciente. Quer dizer, é possível identificar a utilização dos recursos aprendidos no esporte para outros espaços, no entanto essa prática pode ocorrer de forma involuntária.

Discussão

O objetivo do presente estudo foi investigar o processo de aprendizagem das habilidades para vida e sua transferência para outros contextos da vida de atletas de alto rendimento na percepção dos treinadores, sendo o primeiro trabalho na literatura brasileira a estudar o desenvolvimento dessas habilidades no contexto do voleibol, evidenciando os meios internos e externos dos atletas e as estratégias diretas e indiretas do treinador no ensino dos mesmos. De acordo com as entrevistas realizadas com os treinadores, considerados mais importantes na vida dos atletas de sucesso esportivo, identificaram-se quatro componentes importantes no desenvolvimento das habilidades para vida em atletas de voleibol: a) a importância de recursos pré-existentes no início da modalidade, b) as experiências de participação esportiva, c) os resultados positivos e negativos e d) como ocorre a transferência para outros contextos.

Sobre as características pessoais dos indivíduos que iniciam a modalidade e os agentes externos presentes na vida deles, os entrevistados afirmaram que as características físicas, psicológicas e as capacidades físicas e motoras, estimuladas anteriormente, ajudam os praticantes a gostarem do esporte. Estudo realizado por Camiré, Trudel e Forneris (2012) cita a necessidade de explorar elementos pré-existentes do atleta que influenciam em sua aprendizagem. Mesmo não apresentando pontos específicos nesta fase, os autores apontam que treinadores levam em consideração tais características quando elaboram suas estratégias de intervenção e sua filosofia de treinamento. Outro ponto relatado pelos treinadores foi a questão da

orientação sexual, apontando o voleibol como grande interesse de indivíduos homossexuais. Carvalho e colaboradores (2017) destacam que a modalidade é importante para a aceitação da própria orientação sexual e descrevem que a grande procura de homossexuais pelo esporte se deve pela liberdade de expressões corporais dos praticantes.

Outro ponto nesse componente foi o ambiente de treinamento, que se preocupa com as atividades realizadas, idade para iniciar e as relações dentro da prática. No treinamento esportivo para iniciantes, os tipos de atividades propostas pelos treinadores são importantes para a permanência desses indivíduos na prática da modalidade e ensinamento de habilidades para vida (HOLT et al., 2008a). Especificamente no voleibol, o atleta é motivado pelas amizades em quadra (CAMPOS; VIGÁRIO; LURDOF, 2011) e o treinador deve ter bons relacionamentos com seus aprendizes para obter sucessos nos resultados e autoeficácia coletiva (VIEIRA et al., 2015).

Os meios em que os atletas se encontram também são grandes incentivadores, seja de forma cultural, financeira ou educacional. Apesar de não seguirem cartilhas específicas para desenvolver as habilidades para vida como os programas SUPER, The First Tee ou Teaching Personal and Social Responsibility, os programas que incentivam a prática de modalidades esportivas auxiliam na formação dos praticantes, podendo melhorar seus valores e habilidades em outros ambientes da vida (TURNNIDGE; CÔTÉ; HANCOCK, 2014). Outros agentes importantes são os familiares, que praticam a modalidade, incluindo o jovem em suas rotinas ou buscam oportunidades para seus filhos. Knight, Berrow e Harwrod (2017) dizem que apesar do envolvimento parental no esporte ser complexo, as consequências no seu envolvimento pode ser extremamente positivos.

Ao retratar sobre as experiências de participação esportiva, os entrevistados relataram suas características e quais estratégias direta e indireta utilizaram nos treinamentos. Assim, características como acessível, habilidades de relacionamento, liderança e disciplinador se encontravam presentes nas interações com os jovens atletas. O modelo de Gould e Carson (2008) corrobora com os achados do presente estudo, citando que a competência, acessibilidade, a filosofia do treinador, assim como as habilidades de relacionamento estão presentes em treinadores que buscam ensinar

as habilidades para vida. Além disso, a compreensão das características do treinador é certamente um elemento importante para o sucesso do desenvolvimento de crianças e adolescentes, uma vez que a interação treinador-atleta pode levar ao desenvolvimento pessoal dos praticantes (ERICKSON; CÔTÉ, 2016; LACROIX; CAMIRÉ; TRUDEL, 2008). Junto a isso, as estratégias praticadas pelos entrevistados foram relevantes para melhora da *performance* e dos aspectos pessoais dos indivíduos, não encontrando uma padronização de ações diretas por parte dos treinadores devido às necessidades específicas de cada grupo. O modelo identifica que essas estratégias podem aumentar as oportunidades de liderança e o engajamento da equipe (GOULD; CARSON, 2008). O comportamento e a forma de trabalho do treinador podem variar de acordo com as necessidades e objetivos da equipe, podendo adotar diferentes abordagens no ensino das habilidades para vida (ERICKSON; CÔTÉ, 2016; TURNNIDGE; CÔTÉ; HANCOCK, 2014).

Além das estratégias diretas, foram verificadas ações indiretas voltadas para a busca por recursos, relacionamento e motivação da equipe, visibilidade do esporte/atleta no cenário nacional, cultura regional e a confiança dos pais dos praticantes, que colaboraram para melhor aprendizagem dos jovens naquela etapa da carreira esportiva. Segundo o modelo proposto por Gould e Carson (2008), entende-se que a demanda do esporte nas regiões praticadas (motivações necessárias para o treino, trabalho em equipe), o sucesso dos programas e reforços e normas positivas sociais fazem parte dessas estratégias indiretas, em que o treinador possui menos controle sobre as situações. Para corroborar com esses resultados, Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2008) e Light (2010) apontam que a permanência na participação esportiva está relacionada ao desenvolvimento de amizades próximas e o sentimento de comunidade, assim como programas estruturados que podem tornar uma cultura esportiva para região e facilitam no desenvolvimento de outras habilidades não esportivas e aumentam a participação dos pais no contexto.

Ao identificar que as intervenções dos entrevistados ocorreram em diferentes locais de treinamento e variação de objetivos entre eles, demonstrou-se que a aprendizagem das habilidades para vida pode ser encontrada em qualquer nível competitivo. Apesar do suporte teórico do presente trabalho evidenciar somente

estudos com jovens praticantes, foi possível identificar essas aprendizagens também na fase adulta. Junto a isso, Pierce, Gould e Camiré (2017) discorrem que essas transferências são visíveis tanto para o desenvolvimento educacional na evolução de crianças e adolescentes, quanto para atletas de elite, ajudando-os em suas transições para a aposentadoria. Contudo, ainda existe a necessidade de realizar pesquisas empíricas sobre os diferentes programas esportivos ligados aos resultados positivos (ROTH; BROOKS-GUNN, 2015).

O terceiro componente apontou os resultados positivos e negativos de acordo com a percepção dos entrevistados, dividindo-os em resultados físicos, comportamentais/emocionais, financeiros e educacionais. No modelo apresentado por Gould e Carson (2008), esses resultados são apresentados de forma generalizada, havendo uma listagem de características adquiridas baseadas nos estudos revisados. Desta maneira, a contribuição do presente estudo está relacionada a esta categorização dos resultados aprendidos dentro do contexto do voleibol nacional, uma vez que a maior parte das pesquisas sobre habilidades para vida busca avaliar variáveis específicas, sendo poucos os estudos que avaliam o processo e as diversas qualidades adquiridas (WEISS et al., 2013). Entretanto, é possível verificar achados congruentes dentro de cada categoria identificada. Estudos evidenciam resultados físicos positivos (cuidados com o corpo e a alimentação) (HARDCASTLE et al., 2015; DANISH et al., 2004), como negativos (uso de drogas, estresse e *burnout*) (GOULD; CARSON, 2008). Sobre os resultados comportamentais e emocionais, os achados corroboram com os estudos de Jones e Lavallee (2009) e Holt e colaboradores (2008b), relatando diversas habilidades interpessoais (como respeito, liderança e trabalho em equipe) e habilidades intrapessoais (disciplina, autonomia e orientação de metas).

Sobre os resultados financeiros e educacionais, os treinadores citam o ensino implícito na aprendizagem dessas habilidades com intuito de melhorar a vida pessoal dos praticantes. Apesar de não estar presentes no modelo seguido, alguns estudos confirmam a transferência dessas habilidades com a melhora ou aprendizagem das habilidades de organizações financeiras, notas escolares e sucessos acadêmicos (JONES; LAVALLEE, 2009; PETITPAS et al., 2004).

As ações da transferência das habilidades para outros contextos da vida são as últimas contribuições do presente estudo, propondo oito processos influenciadores na transferência. Alguns modelos (GOULD; CARSON, 2008; PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017) apresentam pontos que podem ser relevantes na transferência das habilidades esportivas para ambientes não esportivos na vida do praticante, no entanto não foram encontrados trabalhos empíricos, especialmente para a realidade brasileira.

O primeiro processo diz respeito à aprendizagem de forma temporal. De acordo com os entrevistados, a transferência de tais habilidades depende da maturidade que o atleta tem para executá-la em uma determinada tarefa. Desta forma, o processo de transferência ocorre ao longo de suas vidas. O modelo de Gould e Carson (2008) não relata a variável tempo, contemplando de forma mais prevalente os fatores contextuais e individuais. Sendo assim, para corroborar com os dados, Camiré, Trudel e Forneris (2012) sugerem que a transferência das habilidades para vida depende exponencialmente da sua idade e maturidade cognitiva em entender os conceitos de valores, habilidades e capacidades.

O segundo processo corresponde às eventualidades ocorridas na vida do atleta. Quer dizer, momentos positivos como sucessos e conquistas ou momentos negativos como fracassos, traumas e lesões graves, fazem o atleta refletir sobre suas aprendizagens e utilizá-las em suas vidas. Ao contrário dessa evidência, o modelo de *coaching* apresenta a capacidade de ajustamento nas falhas iniciais ou contratempos ao utilizarem tais habilidades (GOULD; CARSON, 2008).

O terceiro processo é referenciado pelo conhecimento de outros ambientes. Desta forma, não basta aprender valores e competências no esporte se não vivenciou o suficiente em outros contextos para entender a similaridade das situações. Este fator é congruente com os achados de Pierce, Gould e Camiré (2017), alertando que as tarefas podem ser mais próximas (o relacionamento com o professor e o treinador), ou mais distantes (resolver um problema de matemática) da realidade esportiva, que se torna difícil apontar elementos exatos que determinam sua similaridade. Desta forma, novos estudos devem ser avaliados para compreender tal fenômeno.

A confiança em transferir essas habilidades faz parte do quarto processo, sendo uma variável importante para ter sucesso em outros contextos não esportivos. Esta

variável psicológica está presente em outros modelos, indicando que a crença da utilidade de tais capacidades em múltiplos contextos ajuda nessa transferência (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017; JONES; LAVALLEE, 2009).

O quinto processo diz respeito ao momento da aprendizagem das habilidades para vida, demonstrando que a fase da adolescência tem melhores assimilações, independente do nível competitivo. Apesar da aprendizagem dessas habilidades ocorrer neste estágio da vida, o jovem pode não ter a capacidade cognitiva suficiente para transferir a outros contextos, podendo ocorrer em estágios futuros de suas vidas (CAMIRÉ; TRUDEL; FORNERIS, 2012).

O sexto processo evidencia a personalidade do atleta, demonstrando que o tempo para entender essa transferência depende das características pessoais de cada indivíduo. Ao falar sobre esta variável, estudos apontam a importância de conhecer no início da modalidade, entretanto não há evidências que o tipo de personalidade possa influenciar no momento da percepção de transferência (GOULD; CARSON, 2008). No entanto, Vollstädt-klein e colaboradores (2010) citam que a personalidade tem um papel importante nas atividades intelectuais do sujeito, podendo auxiliá-lo na compreensão de conceitos importantes.

O sétimo processo se aplica na relação entre os agentes de diferentes contextos, devendo existir um diálogo entre líderes do ambiente esportivo e outros representantes de ambientes não esportivos. Alguns estudos corroboram com esse processo ao identificar o suporte de colegas de estudo, diretores e professores no contexto escolar, e os pais no contexto familiar, em transferir essas habilidades (ALLEN et al., 2015; MARTINEK; LEE, 2012; ATKINS et al., 2015). A comunicação entre treinadores, dirigentes, pais, diretores e professores é extremamente importante para o suporte na transferência das habilidades para vida, devendo incentivar o atleta a utilizá-los nos diferentes espaços de sua vida.

O último processo diz respeito à inconsciência das ações de transferência pelo indivíduo. Quer dizer, o atleta aprende tais valores, capacidades e habilidades para vida no voleibol e consegue transferi-los para outros ambientes de forma involuntária. Este fator é apontado pelo modelo de Pierce, Gould e Camiré (2017), demonstrando que a transferência pode ser tácita através da reconstrução pessoal do inconsciente.

Os resultados do presente estudo apontam os componentes para a aprendizagem das habilidades para vida, especialmente sobre as ações dos treinadores e como ocorre a transferência dessas habilidades para outros contextos da vida dos atletas de voleibol. Tais achados podem auxiliar os profissionais de Educação Física que trabalham no contexto do voleibol em diferentes níveis de rendimento, além de clubes, projetos, escolas e equipes com interesse na formação de seus praticantes/atletas. A importância dos componentes apresentados comprova o benefício da prática esportiva em diferentes idades e níveis técnicos para o indivíduo, entendendo que o esporte não é somente uma forma de melhorar os aspectos técnicos e motores, mas para a formação de cidadania, valores e melhoramento na vida pessoal.

O estudo apresentou algumas limitações, como o número reduzido de entrevistados pela dificuldade de encontrar treinadores que, em alguns casos, treinaram os atletas há um período de tempo longo. Outro ponto que deve ser relatado foi a especificação do voleibol, devendo-se realizar novos estudos com outras modalidades devido à peculiaridade dos aspectos culturais e históricos de cada esporte. A aprendizagem das habilidades para vida é um processo duradouro, assim pesquisas longitudinais podem evidenciar novos achados importantes para a temática.

Considerações finais

Diante dos achados do presente estudo, conclui-se que as experiências esportivas permitem desenvolver habilidades e capacidades dentro da modalidade e transferi-las para outros contextos da vida na percepção de treinadores. Para que isso ocorra, treinadores precisam se preocupar em conhecer bem seu atleta (internamente e externamente) no início da prática para utilizar estratégias diretas e indiretas em suas intervenções, possibilitando resultados positivos aos jovens.

A transferência das habilidades para vida está ligada às características do indivíduo e suas vivências ao longo da vida. No entanto, o treinador tem o papel de facilitar tal aprendizagem frente às suas ações dentro e fora de quadra, propondo atividades adequadas em cada estágio de desenvolvimento e interagindo com outros agentes presentes no convívio do atleta (professores, pais, diretores, colegas).

Entender os processos de transferência facilita clubes, escolas e projetos a promover uma valorização na vida pessoal dos praticantes da modalidade.

4.4 Artigo original 4

MODELO EXPLICATIVO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DAS HABILIDADES PARA VIDA NO CONTEXTO BRASILEIRO DO VOLEIBOL

Resumo: O presente trabalho procurou elaborar um modelo explicativo do processo de transferência de habilidades para vida para o contexto esportivo com base nos recursos internos e externos, experiência esportiva e resultados positivos e negativos. Dentro do processo de aprendizagem dessas habilidades, é possível identificar quatro componentes importantes. O primeiro componente está relacionado aos recursos pré-existentes, sendo caracterizados pelos elementos internos (físico, motor, psicossocial e gênero) e externos (situação sócioeconômica e agentes externos) presentes na vida do praticante. A aprendizagem no contexto do voleibol é o segundo componente, envolvendo as ações do treinador, da equipe e do meio. Estas vivências irão proporcionar o terceiro componente, constituído pelos resultados adquiridos, podendo ser positivas ou negativas na vida do atleta. Por fim, o componente sobre o processo de transferência das habilidades para vida para outros contextos deve levar em consideração os aspectos contextuais e individuais. Este modelo tem o propósito de auxiliar o trabalho de profissionais esportivos para o desenvolvimento pessoal na vida de seus atletas.

Estudos envolvendo o desenvolvimento positivo de jovens dentro do contexto esportivo têm demonstrado ser importante para a formação das capacidades físicas, comportamentais e emocionais de crianças e adolescentes (HOLT, 2008a). A literatura tem buscado entender a ligação existente entre a participação esportiva e o desenvolvimento de habilidades para vida (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). Theokas e colaboradores (2008, p. 72) definem as habilidades para vida como “aquelas habilidades que permitem aos indivíduos ter sucesso em ambientes diferentes em que vivem, como escola, casa, em seus bairros e com seus grupos de amigos”. Apesar de relacionar a participação esportiva com aprendizagens de elementos que possam ajudar na vida de jovens, deve-se entender como podemos desenvolvê-los de forma positiva, evitando possíveis resultados indesejáveis.

Nos últimos anos, modelos teóricos buscaram entender tal processo para auxiliar nas intervenções profissionais, principalmente com jovens em formação. Gould e Carson (2008) criaram um modelo heurístico de *coaching* das habilidades para vida de acordo com os resultados evidenciados na literatura, criando cinco componentes identificados no contexto esportivo. Sendo assim, o primeiro componente aponta que o treinador deve entender os recursos internos (características pessoais) e externos

(agentes externos) do indivíduo. O segundo componente está direcionado às experiências que o atleta vivencia na modalidade, sendo importante observar as características do treinador e suas estratégias diretas e indiretas. Em seguida, é apresentado como e o porquê o desenvolvimento das habilidades para vida ocorre. O quarto componente foca nos resultados positivos e negativos identificados na participação esportiva. Por fim, é apontada a transferência dessas habilidades para a vida adquiridas durante as experiências esportivas para contextos não esportivos.

Em um modelo mais recente, Pierce, Gould e Camiré (2017) propõem apresentar possíveis fatores que influenciam no processo de transferências das habilidades para vida. Segundo os autores, tais transferências fazem parte de um processo de interação desenvolvimental entre o contexto esportivo e outros contextos não esportivos, devendo considerar as características do aprendiz de forma integral e ativo. Assim, de acordo com as experiências vivenciadas no programa esportivo, o atleta poderá internalizar suas habilidades aprendidas para melhor utilizá-las ao longo da vida.

Baseando-se nos dois modelos apresentados, dois estudos (artigos originais 2 e 3) foram realizados para atender uma lacuna de estudo no campo da Psicologia do Esporte nacional, não evidenciando nenhum estudo sobre habilidades para a vida no âmbito do esporte brasileiro. Buscou-se entender o processo de desenvolvimento dessas habilidades na modalidade voleibol, sendo considerada uma das modalidades mais praticadas no país e demonstrando sucesso competitivo nos últimos anos (CBV, 2017).

Os dois estudos buscaram investigar as habilidades adquiridas por meio do esporte e sua transferência para outros contextos da vida em atletas com passagem pela Seleção Brasileira, sendo a primeira focada na visão do atleta e a segunda na percepção do treinador considerado mais importante na carreira esportiva desses sujeitos. O intuito da seleção da amostra foi identificar que o sucesso na carreira esportiva de um atleta ainda propicia resultados positivos em sua formação como cidadão. De acordo com os resultados, foram evidenciados quatro componentes relacionados ao processo de *coaching* dessas habilidades para vida, os quais deram origem a um modelo explicativo para o contexto brasileiro do voleibol (Figura 9).

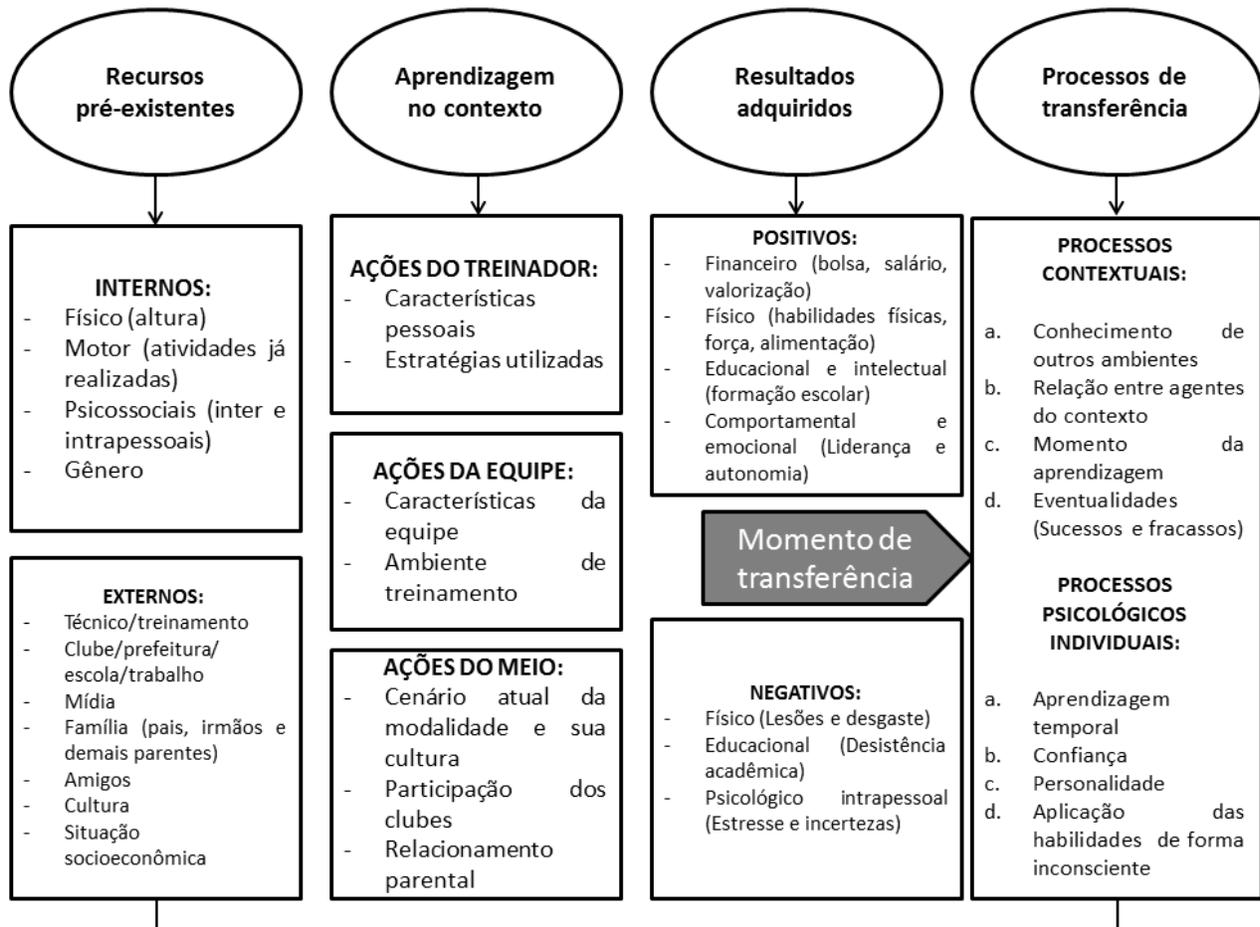


Figura 9. Processo de desenvolvimento das habilidades para vida adquiridas no voleibol e o processo de transferência para outros contextos da vida.

Recursos pré-existentes

O primeiro componente está direcionado *aos recursos pré-existentes do indivíduo no início da modalidade*, identificando características internas e externas. Nas características internas, foi possível identificar os aspectos físicos, especialmente a questão da altura dos jovens e problemas de saúde na época, que levaram a buscar a modalidade para melhora da postura e do sistema respiratório. Entende-se que modalidades esportivas são atividades que beneficiam diversas qualidades da saúde do praticante, sendo um dos grandes motivos de adesão aos treinamentos (HOYE et al., 2016). Outro ponto encontrado foram as capacidades motoras, representadas pelas atividades realizadas anteriormente e a presença das facilidades e dificuldades em

fazer as tarefas propostas pelo treinador. Para obtenção de sucesso no voleibol, qualidades físicas como força, velocidade e flexibilidade são necessárias para a evolução do atleta na modalidade, podendo ser uma barreira para aqueles com dificuldades nessas variáveis (BENETTI et al., 2005). Além disso, percebe-se que outras práticas realizadas na iniciação, inclusive as atividades esportivas não estruturadas, são importantes para o aprimoramento do voleibol (COUTINHO et al., 2016).

As características psicossociais foram identificadas pelos entrevistados, citando habilidades intrapessoais (exemplo: caráter e persistência) e interpessoais (exemplo: liderança e facilidade de relacionamento). Nesse sentido, a exploração e o conhecimento dessas capacidades psicossociais pré-existentes devem ser usadas pelos treinadores dentro das suas estratégias de intervenção (CAMIRÉ; TRUDEL; FORNERIS, 2012). Além disso, a situação socioeconômica foi um fator evidenciado, demonstrando a presença de indivíduos de famílias humildes sem muitas condições financeiras. Segundo Vandermeerschen e Scheerder (2017) e Higgs, Langford e Norman (2015), ao avaliarem as condições de seus países, a oportunidade e a presença de projetos de incentivo da prática esportiva para população de baixa renda varia de acordo com cada região e município. Esta temática deve ser também avaliada no âmbito brasileiro, uma vez que é possível identificar talentos esportivos nas diferentes classes sociais. Por fim, aspectos relacionados à sexualidade foram destacados, demonstrando interesse maior pelo sexo feminino e questões voltadas ao homossexualismo. Segundo Camiré, Trudel e Forneris (2012), os recursos pré-existentes internos devem ser fatores influenciados sobre a forma de trabalho no contexto esportivo. Desta forma, os presentes achados buscam promover elementos importantes, que podem melhorar e facilitar a intervenção de profissionais, servindo como padrão para outras modalidades esportivas.

Sobre os recursos externos, foi apontado o primeiro treinador a trabalhar com o praticante e seu treinamento, devendo proporcionar um ambiente motivador, propor atividades de acordo com a idade e realizar um bom trabalho de iniciação. Estudo realizado por Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2008) cita que ações do treinador, como trabalho de alta performance em idades iniciais, levam à desistência dos praticantes,

enquanto a boa comunicação entre treinador-atleta está ligada à permanência do indivíduo na modalidade. A presença de outros meios como clubes, prefeituras, escolas e trabalhos contribuíram no auxílio financeiro e educacional para os atletas. A mídia foi percorrida pelos indivíduos como fonte preciosa para escolha da modalidade, que recordaram das conquistas e dos ídolos do voleibol brasileiro em suas infâncias. Sendo assim, o sucesso de uma gestão esportiva pode apresentar a modalidade para a população como influenciador jovens a praticá-la (VLASTUIN; ALMEIDA; MARCHI JUNIOR, 2008).

Outro fator externo foi a fonte familiar como ponto de partida, identificando que algum familiar já tinha relação com o voleibol ou os pais buscavam oportunidade para o filho iniciar o esporte. Não somente os familiares, mas amigos que estavam presentes nos treinamentos foram apresentados como importantes motivadores para permanência da prática. Estes dados corroboram com os achados de Atkins e colaboradores (2015), demonstrando que pais e pais são grandes influenciadores no clima motivacional dos atletas, levando à permanência da prática esportiva. O último fator externo foi a cultura estabelecida nos recintos em que moravam, sendo que os projetos presentes na região e lugares propícios para a prática da modalidade (praia) incentivaram os indivíduos a procurar a prática. Conhecer os ambientes em torno da vida dos jovens faz com que o treinador conheça melhor seus atletas e possam trabalhar com a realidade de cada um.

Aprendizagem no contexto

O segundo componente voltou-se às *experiências diretas e indiretas do treinador mais relevante para os atletas*, citando três ações importantes no âmbito esportivo: treinador, equipe e meio. As ações do treinador são demonstradas pelas suas características pessoais e suas estratégias de intervenção diante da equipe. Apesar de não identificar um estilo comportamental prevalente, muitas das qualidades citadas pelos atletas e treinadores fazem parte da perspectiva do desenvolvimento positivo de jovens (LERNER; LERNER; BENSON, 2011), sendo acessíveis a formadores e educador, habilidade de relacionamento e motivado intrinsecamente em seu trabalho. Ademais, estratégias para o melhoramento da *performance* e dos aspectos pessoais dos atletas são ressaltados dentro das experiências no voleibol como oportunidade de momentos de liderança e autonomia, distribuição de regras e normas e proximidade

com os atletas dentro e fora de quadra. Sendo assim, a utilização de estratégias diretas dos treinadores, usando sua filosofia dentro das práticas esportivas com o intuito de ensinar habilidades para vida, pode desenvolver de forma positiva seu atleta (CAMIRÉ; TRUDEL; FORNERIS, 2012).

Em seguida, as ações da equipe estão ligadas às características presentes no local de treinamento. Assim, o envolvimento da comissão técnica e as propriedades da equipe podem demonstrar características positivas, como dedicação para alcançar espaço no time e a motivação, auxiliando os jovens atletas a desenvolverem uma gama de habilidades para vida, ou características negativas, como as diferenças de classes sociais e objetivos e a falta de maturidade, que dificultam esse processo de aprendizagem. Estes dados corroboram com o estudo de Fraser-Thomas e Côté (2009), indicando que experiências positivas estão ligadas aos desafios propostos aos atletas e relacionamento significativo com o treinador e seus pares; e as experiências negativas relacionadas à comunicação fraca entre treinador-atleta e influências inadequadas pelos pares.

A última ação está ligada ao meio, evidenciando que clubes, prefeituras, mídia e família tiveram um papel relevante na vida do atleta. É evidente que os locais de treinamento dessas atletas, sejam elas em escolas, clubes sejam projetos sociais, apresentam particularidades, havendo diferentes objetivos (formação das qualidades humanas, crescimento de projetos, formação de atletas profissionais) a serem seguidos. No entanto, a política desses locais de trabalho, juntamente com os esforços em propiciar ferramentas de auxílio, influencia na aprendizagem dos atletas. Além disso, a família continua sendo um elemento importante, especialmente nas categorias de base, que nesse componente fazem parte das estratégias indiretas do treinador no trabalho de desenvolvimento positivo do jovem em outros ambientes. Junto a isso, a mídia e a cultura, apresentadas na realidade do atleta, incentivam sua permanência no voleibol, considerando-os grandes apostas no cenário esportivo. De acordo com o modelo proposto por Pierce, Gould e Camiré (2017), o desenvolvimento das habilidades para vida pode ocorrer em diversos ambientes da vida do atleta (exemplo: escola, casa e atividades extracurriculares), auxiliando na aprendizagem de um contexto para o outro.

Resultados adquiridos

O terceiro componente refere-se aos resultados adquiridos ao longo da vivência da trajetória profissional de atletas de voleibol, podendo ser levados aos aspectos positivos e/ou negativos. Segundo as declarações dos entrevistados, atletas de voleibol aprendem diversas habilidades, valores e comportamentos que agregam na sua formação como pessoa. Os aspectos financeiros foram citados pelos atletas, demonstrando que o voleibol ajudou os indivíduos primeiramente com bolsas (auxílio remunerado), vale transporte, vale alimentação e posteriormente com salários para sustentação familiar. Apesar de descrever a relevância da ajuda financeira, especialmente nas categorias de base, entende-se que bolsas para atletas são ofertadas de forma limitada, especialmente a nível nacional em que as regiões mais desenvolvidas do Brasil são as mais contempladas (DIAS et al., 2016). Outro resultado positivo foi o aspecto físico, no sentido de obter mais habilidades motoras, força, alimentação adequada, cuidado e consciência corporal. Estes dados corroboram com o estudo Danish e colaboradores (2004), identificando que a prática esportiva promove melhora na alimentação e cuidados com o corpo. No sentido educacional, percebe-se que a modalidade, exclusivamente nas categorias de base, também se preocupou com a questão de formação escolar dos atletas, promovendo bolsa de estudos. Junto a isso, os entrevistados identificam experiências culturais por conta das viagens que realizam em nível nacional e internacional e o estímulo cognitivo que o esporte exige do atleta ao longo de sua carreira, formando indivíduos críticos e instruídos. Petitipas e colaboradores (2004) citam que o esporte e atividades complementares têm sido um ótimos aliados para o enriquecimento acadêmico de adolescentes. Ademais, há uma aprendizagem e desenvolvimento dos aspectos comportamentais e emocionais dos indivíduos, evidenciando diversos fatores interpessoais (exemplo: respeito, gratidão, confiança e liderança) e intrapessoais (exemplo: tomada de decisão, resiliência e autonomia). Estes comportamentos podem ser evidenciados em outros estudos, que avaliam as habilidades para vida no esporte (JONES; LAVALLEE, 2009; HARDCASTLE et al., 2015).

Entretanto, observa-se alguns resultados negativos nas experiências vivenciadas no âmbito esportivo, podendo ser eles físicos, intelectuais e psicológicos. Desta forma,

aponta-se que ao longo da carreira de atletas de voleibol, o desgaste corporal, comprometimento da saúde e utilização de drogas podem ser fatores físicos negativos, quando existe um trabalho de insucesso no clube. Além disso, ao chegar à categoria adulta, a desistência da formação acadêmica é apresentada pelos atletas devido à falta de tempo para dedicar aos estudos. Por fim, alguns elementos psicológicos negativos foram vistos como incertezas, falta de tempo pessoal, estresse e dúvidas na trajetória profissional. Segundo Gould e Carson (2008) e Rubio e Nunes (2010), é possível que o praticante adote comportamentos e resultados negativos como *burnout*, estresse e utilização de substâncias ilegais devido às experiências e intervenções esportivas inadequadas em que muitas vezes são voltadas exclusivamente para o rendimento. Desta forma, entende-se que os resultados apresentados pelo atleta é um retrato de suas experiências anteriores nos diferentes contextos da vida.

Processo de transferência

O último componente é referente aos processos de transferência das habilidades para vida em atletas de voleibol. Esses processos foram divididos em dois tipos: processos contextuais e processos psicológicos individuais. Os processos contextuais estão relacionados aos ambientes em que essas habilidades serão transferidas. Segundo Martinek e Lee (2012), existe a necessidade de entender melhor os ambientes propícios para a transferência das habilidades aprendidas no esporte e como esses ambientes promovem oportunidades em aplicá-las. Sendo assim, os dois estudos investigados identificaram quatro processos. O *conhecimento de outros ambientes* se torna um fator importante para que o indivíduo consiga realizar a transferência, uma vez que o conhecimento e a vivência em outros ambientes faz com que essa adaptação seja facilitada e ocorra uma similaridade das situações ocorridas nesse contexto e nas tarefas esportivas. Segundo Pierce, Gould e Camiré (2017), para que ocorra a transferência das habilidades adquiridas, as tarefas executadas em outros locais devem ser parecidas com as vivenciadas nas experiências esportivas. Desta forma, ambientes escolares, familiares e entre amigos, que são locais de mais convívio pelo indivíduo, são mais propícios em evidenciar tais comportamentos aprendidos no esporte (WEISS et al., 2013; JONES; LAVALLEE, 2009).

Outro processo contextual é a *relação entre agentes do contexto*. Treinadores e comissão técnica devem dialogar juntamente com pais, professores e diretores das escolas para utilizarem o mesmo vocabulário e forma de ensino ao seu aluno/atleta. Desta forma, a aprendizagem de habilidades educacionais, físicas e comportamentais é mais positiva, facilitando a compreensão do indivíduo. Lee e Martinek (2013) citam que a relação entre os microssistemas (programa esportivo, escola, família, grupo de amigos) são importantes, demonstrando que o tipo de atividade, frequência, intensidade e como o indivíduo lida com a conexão entre cada ambiente influenciam diretamente na transferência dessas habilidades. Desta forma, os responsáveis de programas esportivos devem ser mais pró-ativos em envolver pais e professores no suporte da utilização das capacidades do atleta (HARDCASTLE et al., 2015).

O terceiro processo são os *momentos da aprendizagem* das habilidades para vida. Segundo os treinadores e atletas, o nível competitivo não é relevante para a aprendizagem dessas habilidades, entretanto, a adolescência é apresentada como fase de melhor assimilação pelos atletas. Sendo assim, os ensinamentos das habilidades para vida devem ser exploradas e ensinadas nas categorias de base para que o atleta entenda e desenvolva tais características, que poderão utilizar em outras ocasiões da vida. Este fato é identificado na literatura, evidenciando que a maior parte dos estudos está ligada ao desenvolvimento positivo de jovens, especialmente aqueles na faixa etária escolar (GOULD; CARSON, 2011; PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017).

Apesar do esforço dos agentes externos propiciarem um ambiente ideal para a aprendizagem do jovem, somente após algumas *eventualidades* durante a carreira esportiva ou da vida levam o atleta a perceber que algumas habilidades adquiridas no voleibol podem ser utilizadas em outros contextos de sua vida. Assim, momentos de fracasso e traumas ou momentos de conquistas e sucesso na vida de um atleta ajudam-no a amadurecer ao longo desses caminhos e entender os ensinamentos aprendidos no esporte. Apesar deste processo não ser evidenciado em outros modelos teóricos, promover recompensas intrínsecas e extrínsecas após a utilização de capacidades transferidas, incentivam os atletas a reutilizá-las posteriormente (ALLE et al., 2015). No entanto, outras pesquisas ainda precisam ser realizadas, uma vez que

tais momentos identificados no presente estudo são eventualidades sem intenção de recompensas.

Outros processos identificados estão relacionados aos aspectos psicológicos pessoais do atleta. Sendo assim, o primeiro processo psicológico é a *aprendizagem temporal*, entendendo que a maturidade e a transferência acontecem ao longo do tempo. A vivência é a palavra-chave para a compreensão e utilização das habilidades para vida. Segundo Lee e Matinek (2013), o tempo é reconhecido como elemento relevante no processo de aprendizagem e transferência, podendo ter resultados a curto, médio e longo prazo. O segundo processo é a confiança do atleta aplicar tais habilidades aprendidas em outros contextos. Segundo Harrist e Witt (2012), a diversão na experiência esportiva e a percepção de desenvolvimento das habilidades para vida pelo indivíduo promove um importante potencial de desenvolvimento contextual. Sendo assim, a crença de utilizar tais capacidades em diversos ambientes ajuda na sua transferência (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017).

O terceiro processo psicológico tem a ver com a personalidade do sujeito. Os treinadores apontaram que a aprendizagem e utilização das habilidades aprendidas no esporte dependem muito das características do atleta. Apesar de não identificar tal processo nos modelos teóricos, entende-se que a personalidade tem um papel importante nas atividades intelectuais do indivíduo, podendo ajudá-los a entender algumas habilidades com mais facilidade (Vollstädt-klein et al., 2010). O último processo está ligado à transferência das habilidades para vida de forma inconsciente. Quer dizer, o atleta utiliza as capacidades aprendidas no esporte em outras áreas da vida sem ter conhecimento do processo. Pierce, Gould e Camiré (2017) citam a possibilidade de a transferência ser implícita, não tendo a consciência de tais ações pelo atleta.

A presente tese buscou investigar as habilidades adquiridas por meio do esporte e sua transferência para contextos da vida em atletas de voleibol. Para responder o objetivo do estudo, um modelo explicativo foi criado baseado nos depoimentos de atletas e treinadores da modalidade, entendendo que os treinadores devem compreender os recursos pré-existentes do jovem atleta para criar estratégias adequadas em suas intervenções. Diante deste conhecimento, as vivências esportivas

têm ações do treinador, do meio e da própria equipe, que podem levar a aprendizagem de habilidades positivas e negativas.

Os achados contribuem para entender como podemos trabalhar com atletas, ensinando capacidades que podem ser utilizadas em diversas áreas de sua vida. Assim, treinadores e clubes, ao compreender os componentes do modelo, poderão auxiliá-los em suas intervenções nas categorias de base e adultas. Além disso, o modelo vem contribuir para o contexto acadêmico, uma vez que a temática não foi estudada no contexto do esporte, podendo servir como modelo para futuros estudos, envolvendo o desenvolvimento positivo de jovens.

Diante disso, futuros estudos devem ser realizados para complementar tais achados, devendo avaliar a realidade de outras modalidades esportivas, diferenciando entre sexo masculino e feminino, individuais e coletivos. O acompanhamento longitudinal da carreira de atletas pode também ajudar a entender o processo de aprendizagem das habilidades para vida e suas transferências em outros contextos, avaliando treinadores, professores, atletas e pais dos praticantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi investigar habilidades adquiridas por meio do esporte e seu processo de transferência para contextos da vida em atletas de voleibol. As considerações discorridas a seguir poderão contribuir para áreas profissionais presentes em clubes, escolas e projetos que trabalham com atividades esportivas, assim como a área científica para melhor compreensão sobre a temática.

A contribuição inicial da presente tese foi a partir do artigo que teve por objetivo revisar sistematicamente o atual estado da arte de estudos sobre as habilidades para vida no contexto esportivo. Os resultados indicaram diversos projetos voltados ao desenvolvimento positivo de jovens, enfatizando a presença de estudos nesses lugares de intervenção (Canadá, Estados Unidos, Austrália e Reino Unido). A maior parte dos trabalhos buscou avaliar aspectos psicológicos específicos e como podem utilizá-las em outros contextos. No entanto, ainda existe a necessidade de realizar estudos sobre o processo de transferência das habilidades para vida.

O segundo objetivo da tese foi analisar o processo da transferência das habilidades para vida no contexto esportivo em atletas de alto rendimento. Os resultados deste estudo mostraram os componentes para aprendizagem das habilidades para vida, destacando os estímulos motores vivenciados e as características físicas e psicossociais do jovem atleta, assim como os agentes presentes no início da modalidade. As experiências esportivas são elementos importantes para promover a aprendizagem das habilidades para vida, evidenciando que as ações do treinador, da equipe e do meio (clube, mídia e família) podem levar a resultados positivos ou negativos. Vale ressaltar que nem todos os atletas identificam a transferência dessas habilidades, entendendo que é um processo ao longo da vida de acordo com as conquistas e derrotas pessoais.

O terceiro objetivo retratou o entendimento do processo de transferência das habilidades para vida de atletas na percepção dos treinadores. Os achados demonstraram elementos adicionais nos recursos pré-existentes do jovem no início da prática, evidenciando aspectos relacionados à sexualidade, idade ideal para início do

voleibol (9 a 11 anos) e a influência da cultura e ambientes regionais. Outro ponto frisado foram as experiências na participação esportiva em que o comportamento e as estratégias usadas pelo treinador, apesar não haver uma estilo de características ideais, são voltadas para o suporte e desenvolvimento da *performance* e para formação das qualidades pessoais. Além disso, a transferência dessas habilidades para vida apresenta processos voltados às características do atleta (ex: confiança e personalidade) e ao contexto vivenciado ao longo de sua vida.

Após a realização dos estudos de campo, foi elaborado um modelo explicativo do processo de transferência de habilidades para vida para o contexto esportivo. Este modelo foi construído com o intuito de auxiliar treinadores, que devem se preocupar com as características pessoais do atleta de voleibol. São as características físicas, motoras, psicossociais e financeiras, assim como relacionamento no meio em que vive, que influenciará na filosofia de ensino dentro do voleibol. As ações positivas do treinador, da equipe e do meio proporcionarão resultados importantes para a melhora das capacidades do indivíduo. No entanto, para que estas possam ser transferidas para outros contextos, deve-se levar em consideração os processos contextuais como conhecimento e a similaridade das tarefas, a relação entre agentes, momento da aprendizagem e eventualidades importantes na vida (casamento, lesões graves, mudança de cidade). Além disso, existe o processo psicológico individual como maturidade, confiança do atleta em aplicar tais habilidades, personalidade e outras ações inconscientes.

Concluiu-se que este estudo atingiu seu objetivo, evidenciando o processo de aprendizagem e transferência das habilidades adquiridas por meio do esporte para o contexto da vida de atletas de voleibol. Sugere-se que novas pesquisas avancem em algumas limitações da presente tese como investigações longitudinais sobre a aprendizagem das habilidades e estudos comparando o comportamento entre sexos nas diferentes modalidades esportivas, especialmente individuais e coletivas.

REFERÊNCIAS

AHMADIGATAB, T.; SHAYAN, N.; TAZANGI, R.M.; TAHERI, M. Students' life quality prediction based on life skills. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 30, p. 1980-1982, 2011.

ATKINS, M.R.; JOHNSON, D.M.; FORCE, E.C.; PETRIE, T.A. Peers, parents, and coaches, oh my! The relation of the motivational climate to boys' intention to continue in sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v.16, p. 170-180, 2015.

AVOLIO, B.J.; BASS, B.M. **Developing potential across a full range of leadership: Cases on transactional and transformational leadership**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

AZADI, Y. The Relations between the life skills and the sport success among the Athletic. **Life Science Journal**, V. 9, n. 4, 670- 672, 2012.

BACKER, M. et al. Do perceived justice and need support of the coach predict team identification and cohesion? Testing their relative importance among top volleyball and handball players in Belgium and Norway. **Psychology of Sport and Exercise**, v.12, n.2, p.192-201, 2011.

BANDURA, A. Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. **Psychological Review**, 84(2), 191–215, 1977.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 19ª Ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

BARKER, D.; BARKER-RUCHTI, N.; RYNNE, S.; LEE, J. Moving out of Sports: A Sociocultural Examination of Olympic Career Transitions. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 9, n. 2, p. 255-270, 2014.

BENETTI, G.; SCHNEIDER, SCHNEIDER, P.; MEYER, F. Os benefícios do esporte e a importância da treinabilidade da força muscular de pré-pubescentes atletas de voleibol. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v. 7, n. 2, p. 87-93, 2005.

BENSON, P.L. **All kids are our kids: What communities must do to raise caring and responsible children and adolescents**. San Francisco: Josey-Bass, 1997.

BENSON; P.L.; SCALES, P.C.; HAMILTON, S.F.; SEMSA JUNIOR, A. Positive youth development: Theory, research, and applications. In R. M. Lerner (Ed.). Theoretical models of human development. Volume 1 of Handbook of Child Psychology (6th ed.). Editors-in-chief: W. Damon & R. M. Lerner. Hoboken, NJ: Wiley, 2006.

BENSON, P.L.; SAITO, R.N. The scientific foundations of youth development. In: BENSON, P.L.; PITTMAN, K.J. (Eds.), Trends in youth development: Visions, realities and challenges (p. 135–154). London, UK: Kluwer Academic, 2001.

BONI, V.; QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2 n. 1, p. 68-80, 2005.

BROFENBRENNER, U. Toward an experimental ecology of human development. **American Psychologist**, v. 32, n. 7, p. 513-531, 1977.

BRUNELLE, J.; DANISH, S.J.; FORNESIS, T. The Impact of a Sport-Based Life Skill Program on Adolescent Prosocial Values. **Applied Developmental Science**, v. 11, n. 1, p. 43-55, 2007.

BRUNER, M.W.; EYS, M.; WILSON, K.S.; CÔTÉ, J. Group cohesion and positive youth development in team sport athletes. **Sport, Exercise, and Performance Psychology**, acessado em: 12 out 2015, disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1037/spy0000017>>, 2014.

BUFORD-MAY, R.A. The sticky situation of sportsmanship: Contexts and contradictions in sportsmanship among high school boys basketball players. **Journal of Sport & Social**, v. 25, p. 372–389, 2001.

CAMIRÉ, M. Benefits, Pressures, and Challenges of Leadership and Captaincy in the National Hockey League. **Journal of Clinical Sport Psychology**, v. 10, n. 2, p. 118-136, 2016.

CAMIRÉ, M.; TRUDEL, P.; BERNAD, D. A Case Study of a High School Sport Program Designed to Teach Athletes Life Skills and Values. **The Sport Psychologist**, v. 27, p. 188-200, 2013.

CAMIRÉ, M.; TRUDEL, P.; FORNERIS, T. Coaching and Transferring Life Skills: Philosophies and Strategies Used by Model High School Coaches. **The Sport Psychologist**, v. 26, p. 243-260, 2012.

CAMPOS, L.T.S.; VIGÁRIO, P.S.; LÜRDOF, S.M.A. Fatores motivacionais de jovens atletas de vôlei. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 2, p. 303-317, Florianópolis, 2011.

CARVALHO, H.P.; OLIVEIRA, F.R.; SAMPAIO, T.M.V.; FERRARI, E.P.; CARDOSO, F.L. Conflitos entre a orientação sexual e a orientação de gênero na identidade de atletas profissionais de voleibol: a percepção de atletas homossexuais. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 25, n. 2, p. 84-98, 2017.

CASTRO, H.O.; PRAÇA, G.M.; COSTA, G.C.T.; PEDROSA, G.F.; GRECO, P.J.; Visual behavior and the quality of decisionmaking on volleyball. **Revista Brasileira de Cienantropometria e Desempenho Humano**, v. 18, n. 6, p. 638-647, 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL (CBV). Disponível em: <<http://www.cbv.com.br>> Acesso em: 05 de ago de 2017.

CERTO, J.L.; CAULEY, K.L.; CHAFIN, C. Students' perspectives on their high school experience. **Adolescence**, v. 38, n. 152, San Diego, 2003.

CHINKOV, A.E.; HOLT, N.L. Implicit Transfer of Life Skills Through Participation in Brazilian Jiu-Jitsu. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 28, p. 139-153, 2016.

COLLINS, K.; GOULD, D.; LAUER, L.; CHUNG, Y. Coaching Life Skills through Football: Philosophical Beliefs of Outstanding High School Football Coaches. **International Journal of Coaching Science**, v. 3, n. 1, p. 29-54, 2009.

CÔTÉ, J. The Influence of the Family in the Developmental of Talent in Sport. **The Sports Psychologist**, Champaign, v. 13, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. From play to practice: A developmental framework for the acquisition of expertise in team sport. In: STARKES, J.; ERICSSON, K.A. (Eds.), *Recent advances in research on sport expertise* (pp. 89–114). Champaign, IL: Human Kinetics, 2003.

CÔTÉ, J.; HANCOCK, D.J. Evidence-based policies for youth sport programmes. **International Journal of Sport Policy and Politics**, acessado em: 12 out 2015, disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/19406940.2014.919338>>, 2014.

COUTINHO, P.; MESQUITA, I.; DAVIDS, K.; FONSECA, A.M.; CÔTÉ, J. How structured and unstructured sport activities aid the development of expertise in volleyball players. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 25, p. 51-59, 2016.

CRONIN, L.D.; ALLEN, J.B. Developmental Experiences and Well-Being in Sport: The Importance of the Coaching Climate. **The Sport Psychologist**, v. 29, p. 62-71, 2015.

DAMON, W. What is positive youth development? **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 591, n. 1, p. 13-24, 2004.

DANISH, S.; FORNERIS, T.; HODGE, K.; HEKE, I. Enhancing youth development through sport. **World Leisure Journal**, v. 46, n. 3, p. 38-49, 2004.

DANISH, S.J., PETITPAS, A.J.; HALE, B.D. A developmental-educational intervention model of sport psychology. **Sport Psychology**, v. 6, p. 403-415, 1992.

DECI, E.L.; RYAN, R.M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. Nova Iorque: NY Plenum, 1985.

DIAS, Y.D.; SILVA, M.M.; FIGUERÔA, K.M.; NUNES, R.J.S.; ROJO, J.R.; MEZZADRI, F.M. O judô no programa governamental bolsa-atleta: a distribuição espacial dos bolsistas (2011-2013). **Pensar a Prática**, v. 19, n. 1, p. 118-129, Goiania, 2016.

DIMAS, I.D.; REBELO, T.; LORENÇO, P.R. Team coaching: One more clue for fostering team effectiveness. **Revue Européenne de Psychologie Appliquée**, v. 66, p. 233-242, 2016.

DORAK, R.F.; YILDIZ, L.; SORTULLU, C. The effects of eight weeks of sports activities on self-sufficiency, social skills and some physical fitness parameters in children 9-10 years of age. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 47, p. 1286-1291, 2012.

DRAPER, C.E.; FORBES, J.; TAYLOR, G.; LAMBERT, M.I. Empowering Professional Soccer Players in South Africa: Evaluation of *Project Ithuseng*. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 7, n. 3, p. 579-591, 2012.

DWORKIN, J.; LARSON, R. Adolescents' negative experiences in organized youth activities. **Journal of Youth Development**, v. 1, p. 1-19, 2006.

ECCLES, J.S.; BARBER, B.L.; STONE, M.; HUNT, J. Extracurricular Activities and Adolescent. **Development Journal of Social Issues**, v. 59, n. 4, p. 865-889, 2003.

ERICKSON, K.; CÔTÉ, J., A season-long examination of the intervention tone of coach-athlete interactions and athlete development in youth sport. **Psychology of Sport & Exercise**, doi: 10.1016/j.psychsport.2015.08.006, 2015.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE VOLEIBOL (FIBV). Disponível em: <<http://www.fibv.com>> Acesso em: 05 de ago de 2017.

FORREST-BANK, S.S.; NICOTERA, N.; ANTHONY, E.K.; JENSON, J.M. Finding their Way: Perceptions of risk, resilience, and positive youth development among adolescents and young adults from public housing neighborhoods. **Children and Youth Services Review**, v. 55, p. 147-158, 2015.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J. Understanding Adolescents' Positive and Negative Developmental Experiences in Sport. **The Sport Psychologist**, v. 23, p. 3-23, 2009.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 9, p. 645-662, 2008.

GAUDREAU, P.; MORINVILLE, A.; GAREAU, A.; VERNER-FILION, J.; GREEN-DEMERS, I.; FRANCHE, V. Autonomy support from parents and coaches: Synergistic or compensatory effects on sport-related outcomes of adolescent-athletes? **Psychology of Sport and Exercise**, v. 25, p. 89-99, 2016.

GAVIN, L.E.; CATALANAO, R.F.; DAVID-FERDON, C.; GLOPPEN, K.M.; MARKHAM, C.M. A Review of Positive Youth Development Programs That Promote Adolescent Sexual and Reproductive Health. **Journal of Adolescent Health**, v. 46, n. 3, p. S75-S91, 2010.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **Método de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOUDAS, M. A review of life skills teaching in sport and physical education. **Hellenic Journal of Psychology**, v. 7, p. 241-258, 2010.

GOUDAS, M.; GIANNOUDIS, G. A team-sports-based life-skills program in a physical education context. **Learning and Instruction**, v. 18, p. 528-536, 2008.

GOULD, D.; CARSON, S. Life skills development through sport: current status and future directions. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 1, n. 1, 58-78, 2008.

GOULD, D.; CARSON, S. Young Athletes Perceptions of the Relationship between Coaching Behaviors and Developmental Experiences. **International Journal of Coaching Science**, v. 5, n. 2, p. 3-29, 2011.

GOULD, D.; COLLINS, K.; LAUER, L.; CHUNG, Y. Coaching Life Skills through Football: A Study of Award Winning High School Coaches. **Journal of Applied Sport Psychology**, v.19, p.16-37, 2007.

GOULD, D.; CHUNG, Y.; SMITH, P.; WHITE, J. Future Directions in Coaching Life Skills: Understanding High School Coaches' Views and Needs. **Athletic Insight**, v. 8, n. 3, p.28-38, 2006.

HAMILTON, S.F.; HAMILTON, M.A.; PITTMAN, K. Principles for youth development. In: HAMILTON, S.F.; HAMILTON, M.A. (eds.), *The youth development handbook: Coming of age in American Communities*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2004.

HANSEN, D.M.; LARSON, R.W.; DWORKIN, J.B. What adolescents learn in organized youth activities: a survey of self-reported developmental experiences. **Journal of Research on Adolescence**, v. 13, p. 25–55, 2003.

HARDCASTLE, S.J.; TYE, M.; GLASSEY R.; HAGGER, M.S. Exploring the perceived effectiveness of a life skills development program for high-performance athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 16, p. 139-149, 2015.

HARRIST, C.J.; WITT, P.A. Seeing the court: A qualitative inquiry into youth Basketball as a positive developmental context. **Journal of Sport Behavior**, v. 35, n. 2, 125-153, 2012.

HARWOOD, C.G.; KNIGHT, C.J. Parenting in youth sport: A position paper on parenting expertise. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 16, p. 24-35, 2015.

HEIDRICH, C.; CHIVIACOWSKY, S. Stereotype threat affects the learning of sport motor skills. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 18, p. 42-46, 2015.

HELLISON, D. **Beyond balls and bats: Alienated (and other) youth in the gym.** Washington, D.C.: American Association of Health, Physical Education, & Recreation, 1978.

HELLISON, D. **Teaching responsibility through physical activity.** Champaign, IL: Human Kinetics, 2003.

HIGGS, G.; LANGFORD, M.; NORMAN, P. Accessibility to sport facilities in Wales: A GIS-based analysis of socioeconomic variations in provision. **Geoforum**, v. 62, p.105-120, 2015.

HODGE, K.; DANISH, S.; MARTIN, J. Developing a Conceptual Framework for Life Skills Interventions. **The Counseling Psychologist**, v. 41, n. 8, p. 1125-1152, 2013.

HOLT, N.L. Introduction: positive youth development through sport. In: HOLT, N.L. (Ed.) **Positive youth development through sport.** Routledge: London, 2008.

HOLT, N. et al. Developing sport-based after-school programmes using a participatory action research approach. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 5, N. 3, p. 332–355, 2013.

HOLT, N.L.; KINGSLEY, B.C.; TINK, L.N.; SCHERER, J. Benefits and challenges associated with sport participation by children and parents from low-income families. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 12, p. 490-499, 2011.

HOLT, N.L.; SEHN, Z.L.; SPENCE, J.C.; NEWTON, A.S.; BALL, G.D.C. Physical education and sport programs at an inner city school: exploring possibilities for positive youth development. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 17, n. 1, p. 97-113, 2008a.

HOLT, N.L.; TINK, L.N.; MANDIGO, J.L. FOX, K.R. Do youth learn life skills through their involvement in high school sport? A case study. **Canadian Journal of Education**, v. 31, n. 2, p. 281-304, 2008b.

HOYE, A.V.; HEUZÉ, J.; BROUCKE, S.V.;SARRAZIN, P. Are coaches' health promotion activities beneficial for sport participants? A multilevel analysis. **Journal of Science and Medicine in Sport**, v. 19, p. 1028-2032, 2016.

IACHINI, T.; RUGGIERO, G.; RUOTOLO, F.; VINCIGUERRA, M. Motor resources in peripersonal space are intrinsic to spatial encoding: evidence from motor interference. **Acta psychologica**, v. 153, p. 20-27, 2014.

JENSON, J.M.; FRASER, M.W. **Social policy for children and families: a risk and resilience perspective**. 3 ed. SAGE Publication, 2016.

JONES, M.I.; LAVALLEE, D. Exploring the life skills needs of British adolescent athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 10, p. 159-167, 2009.

JONES, M.I.; LAVALLEE, D.; TOD, D. Developing Communication and Organization Skills: The ELITE Life Skills Reflective Practice Intervention. **The Sport Psychologist**, v. 25, p. 35-52, 2011.

JOWETT, S. Coaching effectiveness: the coach–athlete relationship at its heart. **Current Opinion in Psychology**, v. 16, p. 154–158, 2017.

KNIGHT, C.J.; BERROW, S.R.; HARWOOD, C.G. Parenting in sport. **Current Opinion in Psychology**, v. 16, p. 93-97, 2017.

LACROIX, C.; CAMIRÉ, M.; TRUDEL, P. Developing autonomy supportive coaching behaviors: An action research approach to coach develop. **International Journal of Coaching Science**, v. 2, n. 2, p. 3-22, 2008.

LANGAN, E.; BLAKE, C.; LONSDATE, C. Systematic review of the effectiveness of interpersonal coach education interventions on athlete outcomes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 14, n. 1, p. 37-49, 2013.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning: Legitimate peripheral participation**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1991.

LEE, O.; MARTINEK, T. Understanding the Transfer of Values-Based Youth Sport Program Goals From a Bioecological Perspective. **Quest**, v. 65, p. 300-312, 2013.

LERNER, R.M. Liberty: **Thriving and civic engagement among American's youth**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2004.

LERNER, R.M.; ALMERIGI, J.B.; THEOKAS, C.; LERNER, J.V. Positive Youth Development: A View of the Issues. **Journal of Early Adolescence**, v. 25, n. 1, p. 10-16, 2005.

LERNER, R.M.; DESOUZA, L.M.; BUCKINGHAM, M.H.; WARREN, D.J.A.; CHAMPINE, R.B.; GREENMAN, K.N. Childhood and Adolescence: Developmental Assets. **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**, v. 3, p. 445-450, 2015.

LERNER, R.M.; LERNER, J.V.; BENSON, J.B. Positive youth development: Research and applications for promoting thriving in adolescence. **Advances in Child Development and Behavior**. v. 41, p. 1-17, 2011.

LIGHT, R.L. Children's Social and Personal Development Through Sport: A Case Study of an Australian Swimming Club. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 34, n. 4, p. 379-395, 2010.

MACDONALD, D.J.; CÔTÉ, J.; EYS, M.; DEAKIN, J. Psychometric properties of the youth experience survey with young athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 13, p. 332-340, 2012.

MACDONALD, D.J.; CÔTÉ, J.; EYS, M.; DEAKIN, J. The Role of Enjoyment and Motivational Climate in Relation to the Personal Development of Team Sport Athletes. **The Sport Psychologist**, v. 25, p. 32-46, 2011.

MARCHI JUNIOR, W. O processo de ressignificação do voleibol a partir da inserção da televisão no campo esportivo. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, v.26, n.2, p.149-162, Campinas, 2005.

MARQUES, M.; SOUSA, C.; FELIU, J.C. Estratègies per a l'ensenyament de competències de vida a través de l'esport en joves en risc d'exclusió social. **Apunts. Educación Física y Deportes**, v. 112, n. 2, p. 63-71, 2013.

MARTIN, E.M.; EWING, M.E.; GOULD, D. Social Agents' Influence on Self-Perceived Good and Bad Behavior of American Youth Involved in Sport: Developmental Level, Gender, and Competitive Level Effects. **The Sport Psychologist**, v. 28, p. 111-123, 2014.

MARTINEK, T.; LEE, O. Youth Development From Community Gyms to Classrooms: A Framework for Values-Transfer in Schools. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 83, n. 1, p. 33-51, 2012.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MOHER, D. et al. Preferred reporting items for systematic reviews and meta- analyses: the PRISMA statement. **PLoS Medicine**, v. 6, epub. 1000097, 2009.

MUELLER et al. Youth development program participation and intentional self-regulation skills: Contextual and individual bases of pathways to positive youth development. **Journal of Adolescence**, v. 34, p. 1115-1125, 2011.

NEELY, K.C.; HOLT, N.L. Parents' Perspectives on the Benefits of Sport Participation for Young Children. **The Sport Psychologist**, v. 28, p. 255-268, 2014.

OLIVEIRA, J.P.M. Plágio Eletrônico e ética. **In: GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T.** (Eds). Métodos de pesquisa. Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: UFRGS, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Partners in life skills education**. Geneva, Suíça: Organização Mundial da Saúde, Departamento de Saúde Mental, 1999.

PAPACHARISIS, V.; GOUDAS, M.; DANISH, S.J.; THEODORAKIS, Y. The Effectiveness of Teaching a Life Skills Program in a Sport Context. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 17, p. 247-254, 2005.

PASHABADI, A.; SHAHBAZI, M.; HOSEINI, S.M.; MOKABERIAN, M.; KASHANAI, V.; HEIDARI, A. The Comparison of mental skills in elite and sub-elite male and female volleyball players. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 30, p. 1538 – 1540, 2011.

PATTON, M.Q. **Qualitative Research and Evaluation Methods**. 3 ed. Sage: London, 2002.

PETITPAS, A.J.; CORNELIUS, A.E.; VAN RAALTE, J.L.; JONES, T. A framework for planning youth sport programs that foster psychosocial development. **The Sport Psychologist**, v. 19, n. 63-80, 2005.

PETITPAS, A.J.; RAALTE, J.L.V.; CORNELIUS, A.E.; PRESBREY, J. A Life Skills Development Program for High School Student-Athletes. **The Journal of Primary Prevention**, v. 24, n. 3, p. 325-334, 2004.

PIERCE, S.; GOULD, D.; CAMIRÉ, M. Definition and model of life skills transfer. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 10, n. 1, p. 186-211, 2017.

PIRES, D.A.; BARA FILHO, M.G.; DEBLEN, P.B.; COIMBRA, D.R.; UGRINOWITSCH, H. *Burnout e Coping em Atletas de Voleibol: uma análise longitudinal*. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 22, n. 4, p. 277-281, 2016.

ROTH, J.L.; BROOKS-GUNN, J. Evaluating youth development programs: progress and promise. **Applied Developmental Science**, v. 20, n. 3, p. 188-202, 2015.

ROTH, J.L.; BROOKS-GUNN, J. Youth development programs and healthy development. **In: ROMER, D.** (ed.). Reducing Adolescent Risk: Toward an integrated approach. London: Sage, 2003.

RUBIO, K.; NUNES, A.V. Comportamento de risco entre atletas: os recursos

ergogênicos e o doping no Século XXI. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v.3, n.4, p.147-160, 2010.

SAMPAIO, R.F.; MANCINI, M.C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.

SMOLL, F.L.; SMITH, R.E. Coaching behavior research and intervention in youth sports. **In: SMOLL, F.L.; SMITH, R.E. (Eds.). Children and youth in sport: A biopsychosocial perspective (pp. 211-233). Dubuque, IA: Kendall-Hunt, 2002.**

SOZEN, H. The effect of physical education and sports school training on problem solving skills of the athletes. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 46, p. 4186-4190, 2012.

STAMBULOVA, N.; ALFERMANN, D.; STATLER, T.; CÔTÉ, J. ISSP position stand: career development and transitions of athletes. **International Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 7, n. 4, p. 395-412, 2009.

TEBES, J.K. et al. Impact of a Positive Youth Development Program in Urban After-School Settings on the Prevention of Adolescent Substance Use. **Journal of Adolescent Health**, v.41, n.3, p.239-247, 2007.

THEOKAS, C.; DANISH, S.; HODGE, K.; HEKE, I.; FORNERIS, T. Enhancing life skills through sport for children and youth. **In: HOLT, N.L. (ed.). Positive youth development through sport (p. 71-81). London: Routledge, 2008.**

TROTTIER, C.; ROBITAILLE, S. Fostering Life Skills Development in High School and Community Sport: A Comparative Analysis of the Coach's Role. **The Sport Psychologist**, v. 28, p. 10-21, 2014.

TURNNIDGE, J.; CÔTÉ, J. HANCOCK, D. Positive Youth Development From Sport to Life: Explicit or Implicit Transfer? **Quest**, v. 66, p. 203-217, 2014.

ULLRICH-FRENCH; S.; MCDONOUGH, M.H. Correlates of long-term participation in a physical activity-based positive youth development program for low-income youth: Sustained involvement and psychosocial outcomes. **Journal of Adolescence**, v. 36, n. 2, p. 279-288, 2013.

URBAN, J.B.; LEWIN-BIZAN, S.; LERNER, R.M. The role of neighborhood ecological assets and activity involvement in youth developmental outcomes: Differential impacts of asset poor and asset rich neighborhoods. **Journal of Applied Developmental Psychology**, v. 30, n. 5, p. 601-612, 2009.

UENO, K. Inventories of psychological skills for athletic clubs and school life. **Perceptual & Motor Skills: Exercise & Sport**, v. 118, n. 1, p. 12-25, 2014.

UENO, K. Relationship between Adoption of a Belief in Life Skills and Acquisition of Time Perspective through Participation in Athletic Clubs. **Internacional Journal Sport Health Science**, v. 10, p. 71-81, 2012.

VANDERMEERSCHEN, H.; SCHEERDER, J. Sport managers' perspectives on poverty and sport: The role of local sport authorities. **Sport Management Review**, v. 20, p.510–521, 2017.

VELLA, S.A.; OADES, L.G.; CROWE, T.P. The relationship between coach leadership, the coach–athlete relationship, team success, and the positive developmental experiences of adolescent soccer players. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 18, n. 5, p. 549-561, 2013.

VIEIRA, J.L.L et al. Impact of coach-athlete relationship on the collective efficacy of young volleyball players. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**. v. 17, n. 6, p. 650-660, 2015.

VIERIMAA, M.; ERICKSON, K.; CÔTÉ, J.; GILBERT, W. Positive Youth Development: A Measurement Framework for Sport. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 7, n. 3, p. 601-614, 2012.

VLASTUIN, J.; ALMEIDA, B.S.; MARCHI JUNIOR, W. O marketing esportivo na gestão do voleibol brasileiro: fragmentos teóricos referentes ao processo de espetacularização da modalidade. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 09-24, 2008.

VOLLSTÄDT-KLEIN, S.; GRIMM, O.; KIRSCH, P.; BILALIC, M. Personality of elite male and female chess players and its relation to chess skill. **Learning and Individual Differences**, v. 20, p. 517–521, 2010.

WALSH, D.S.; OZAETA, J.; WRIGHT, P.M. Transference of responsibility model goals to the school environment: exploring the impact of a coaching club program. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 15, n. 1, p. 15-28, 2010.

WEISS, M.R.; BOLTER, N.D.; KIPP, L.E. Assessing Impact of Physical Activity-Based Youth Development Programs: Validation of the Life Skills Transfer Survey (LSTS). **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 85, p 263-278, 2014.

WEISS, M.R.; STUNTZ, C.P.; BHALLA, J.A.; BOLTER, N.D.; PRICE, M.S. 'More than a game': impact of The First Tee life skills programme on positive youth development: project introduction and Year 1 findings. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 5, n. 2, p. 214-244, 2013.

ANEXO



ANEXO A: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UEM/Maringá-PR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Processo de desenvolvimento de variáveis psicológicas positivas no contexto esportivo

Pesquisador: Lenamar Fiorese Vieira

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 50335115.3.0000.0104

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Maringá

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.823.503

Apresentação do Projeto:

Trata-se da apresentação de emenda ao projeto de pesquisa "Processo de desenvolvimento de variáveis psicológicas positivas no contexto esportivo" proposto por pesquisadora vinculada a Universidade Estadual de Maringá.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar o processo de desenvolvimento de variáveis psicológicas positivas no contexto esportivo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avalia-se que os possíveis riscos a que estarão sujeitos os participantes da pesquisa serão suplantados pelos benefícios apontados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma emenda ao projeto de pesquisa que se caracteriza como uma pesquisa de método misto paralelo ou concorrente, realizando análises quantitativas para identificar as variáveis psicológicas positivas dos indivíduos e análises qualitativas para a avaliação contextual e retrospectiva de vida dos atletas em processo de aposentadoria. Serão avaliados os atletas e treinadores de modalidades coletivas e individuais.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Utilização de termos em base de dados

Base de dados	Data da busca	Termos	Número de artigos
PubMed	15/04/2015	((((((((("transfer (Psychology)" [MeSH Terms]) OR Transfers (Psychology)) OR Transfer of Learning) OR Learning Transfer) OR Transfer of Training) OR Training Transfer) OR Transfer)) OR (((("practice (psychology)" [MeSH Terms] OR "association learning" [MeSH Terms] OR association learning OR "generalization (psychology)" [MeSH Terms] OR generalization (psychology) OR "problem solving" [MeSH Terms] OR problem solving OR "verbal learning" [MeSH Terms] OR verbal learning OR Memory Training OR Training, Memory)) OR "Human Development/psychology"[Mesh]) AND (((("Sports/education"[Mesh] OR "Sports/instrumentation"[Mesh] OR "Sports/methods"[Mesh] OR "Sports/psychology"[Mesh] OR "Sports/statistics and numerical data"[Mesh]) OR (Sport AND Athletics AND Athletic))))))	705
Sciencedirect	08/04/2015	((("Life skills" or "sport experience" or "personal development" or "transferability" or "transferability")) and sports	1960
Web of science	15/04/2015	("Life skills" or "sport experience" or "personal development" or "transferability" or "transferability") and sports	210
Psycnet	06/05/2015	Any Field: "Life skills" OR Any Field: "sport experience" OR Any Field: "personal development" OR Any Field: "transferability" OR Any Field: "transferability" AND Any Field: sports	196
Sportdiscus	06/05/2015	DE "LIFE skills" OR DE "CONDUCT of life" OR DE "SURVIVAL" OR DE "SOCIAL learning" OR "life skills" OR "conduct of life" OR life skills OR conduct of life OR social learning OR transfer AND DE "sports"	2578
Scielo	06/05/2015	"Habilidades para vida" OR "experiência esportiva" OR "desenvolvimento pessoal" AND "esportes"	0

APÊNDICE B: Ficha de identificação

Nome: _____

Local de Nascimento: _____ Data de nascimento: _____

Estado civil: _____ Escolaridade: _____

Profissões: _____ Ano de início _____ Ano de término _____
 _____ Ano de início _____ Ano de término _____
 _____ Ano de início _____ Ano de término _____
 _____ Ano de início _____ Ano de término _____

Descendência: _____

Telefone de contato: _____ email: _____

Filiação: Pai _____
 Mãe _____

Início da prática na modalidade: _____

Período de ápice na modalidade: _____

Principais resultados (colocação)/Evento/Data:
 _____ / _____ / _____
 _____ / _____ / _____
 _____ / _____ / _____

Treinadores mais importante na sua trajetória esportiva:

1 – Nome: _____ Categoria: _____ Clube da época: _____
 Clube atual _____

2 – Nome: _____ Categoria: _____ Clube da época: _____
 Clube atual _____

3 – Nome: _____ Categoria: _____ Clube da época: _____
 Clube atual _____

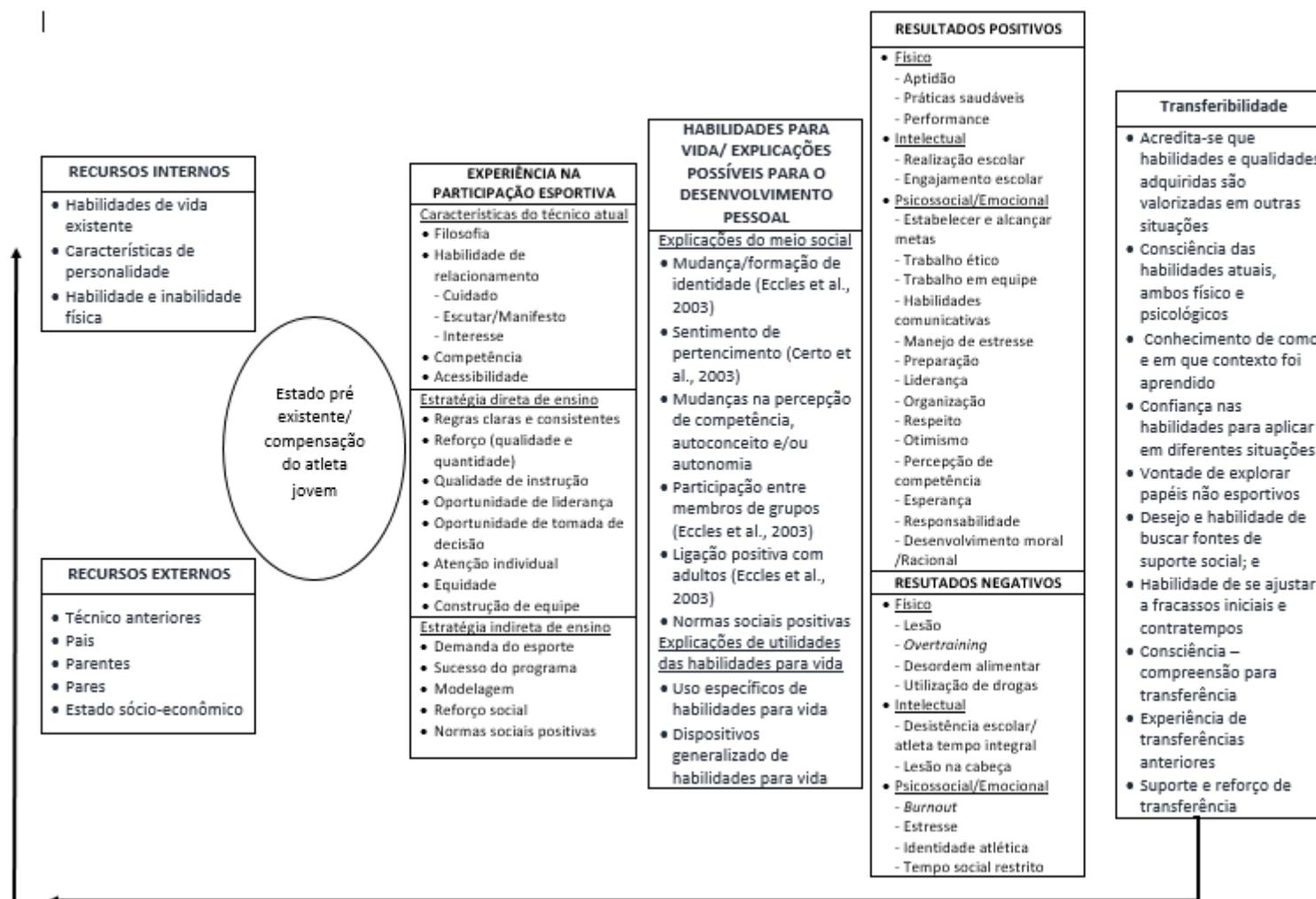
Pessoas mais importantes durante sua trajetória esportiva:

1 – Nome: _____ Qual sua relação: _____ Onde se conheceram: _____

2 – Nome: _____ Qual sua relação: _____ Onde se conheceram: _____

3 – Nome: _____ Qual sua relação: _____ Onde se conheceram: _____

APÊNDICE C: Modelo de *coaching* de habilidades para vida através do esporte (GOULD; CARSON, 2008).



APÊNDICE D: Matriz de construção da entrevista semiestruturada para atletas e treinadores baseado no Modelo de *Coaching* de habilidades para vida através do esporte (GOULD; CARSON, 2008)

Categorias	Indicadores	Elementos	Informações	Questões	
Estado pré-existente	Recursos internos	Habilidades para vida já existentes	Características pré existentes que auxiliam para a prática esportiva	Quais? Que?	
		Características do indivíduo	Personalidade	Quais? Que?	
		Habilidades e inabilidades físicas	Altura, força, velocidade, mobilidade	Que?	
	Recursos externos	Agentes sociais	Treinadores anteriores	Pais Parentes Pares	Quem? Como?
		Estado socioeconômico	Influências na fonte que o atleta possui à sua disposição (situação do indivíduo)	Como?	
Experiências na participação esportiva	Características do treinador	Filosofia	Como o treinador leva a equipe	Como? Quais? Que?	
		Habilidade de relacionamento	Coesão de grupo social e para tarefa		
		Competência/Liderança	Formação do treinador/Tipos de liderança		
		Acessibilidade	Facilidade de encontrar e dialogar com o treinador		
	Estratégia direta de ensino	Regras claras e consistentes	Condutas e comportamentos dentro da equipe	Qual? Como?	
		Reforço	Feedbacks		

		Oportunidade	Liderança		
			Tomada de decisão		
		Equidade	Tratamento do treinador com os atletas e a comissão técnica de forma igualitária		
		Construção de equipe	Formação de grupo como uma unidade		
		Demanda do esporte	Motivação necessária para treinar, necessidade de trabalho em equipe		
	Estratégia indireta de ensino (onde o treinador tem menos controle)	Sucesso do programa	Como o programa esportivo em que se encontrava era visto pela sociedade		Como?
		Modelagem	Modelo de HV para outros envolvidos no esporte (outros treinadores, outros jogadores)		
		Reforço social	Diálogo e feedbacks as pessoas que se encontravam no contexto esportivo		
		Normas sociais positivas	Ações adequadas do treinador dentro e fora do esporte		
	Desenvolvimento pessoal	Explicações pelo meio social	Mudança de identidade		Como as HV influenciam os jovens em focar na identidade positiva
Sentimento de pertencimento			Devido a participação ativa do indivíduo no contexto esportivo		
Mudança na percepção de competência, autoconceito e autonomia			Desenvolvimento dessas características no contexto esportivo		
Participação entre			Participação positiva		

		membros de grupos		
		Ligação positiva com adultos	Conexão com adultos sobre suas experiências	
		Normas sociais positivas	Quando se junta a uma equipe	
	Explicações pelas utilizações das HV	Uso específico de HV	Controle do estresse, definir metas e aprendizagem na comunicação são habilidades que podem ser diretamente transferidas para outros contextos.	Quais?
Dispositivo generalizado de HV		Autoconfiança e autoestima podem levar ao desenvolvimento de outras habilidades		
Resultados	Positivos	Físico	Aptidão, práticas saudáveis, performance	Quais?
		Intelectual	Realização e engajamento escolar	
		Psicossocial/emocional	Intrapessoal e interpessoal	
	Negativos	Físico	Treino inadequado, uso de drogas, lesões	
		Intelectual	Abandono dos estudos e lesões na cabeça	
		Psicossocial/emocional	Burnout, estresse, identidade atlética e tempo social restrito	
Transferibilidade	Habilidades do esporte para o contexto não esportivo	Similaridade das situações	Habilidades e qualidades adquiridas são valorizadas em outras situações	Que?
		Percepção do atleta em acreditar que estas habilidades podem ser usadas em outros contextos	Consciência das habilidades atuais (físicas e psicológicas)	

APÊNDICE E: Entrevista semiestruturada (atleta)

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Primeiramente, eu gostaria que focasse nas atividades que você estava envolvido quando você era jovem. Eu gostaria que você listasse seu envolvimento com atividades fora do contexto escolar, como música, dança, jogos e outros domínios de atividades. Eu estou muito interessado também no seu envolvimento esportivo. Olhe em toda sua vida passada e diga qualquer atividade que você estava engajado antes de decidir especializar-se no voleibol.

a. Pre-existing state/make up of the Young people

Agora que sabemos as atividades que participava, gostaríamos de saber como foi seu envolvimento no voleibol, importando especificar as pessoas que estavam presentes com você naquela época, como eram realizados as práticas do voleibol, como você via suas habilidades no início da prática e como eram os aspectos socioeconômicos da sua família.

- **Internal assets**

[Nesse ponto devemos retratar as características pessoais do indivíduo em relação a atividade esportiva inicial]

Com que idade iniciou a prática do voleibol? Por que você escolheu esta modalidade?

Quais características pessoais (características físicas/comportamentais e emocionais) você acredita que foram importantes (que influenciaram sua escolha) no início da prática da modalidade? “Por que você acha que escolheu o voleibol? Por que você se deu melhor nesta modalidade em específico?”

Que habilidades pessoais e esportivas você tinha quando iniciou a modalidade?

- **External assets**

[Nesse ponto devemos retratar as características externas do indivíduo em relação a atividade esportiva inicial, evidenciando quem foram as pessoas que ajudaram na entrada da modalidade, como era sua relação com elas e como eram as condições de vida daquele sujeito]

Quem foram as pessoas que estavam presentes na sua vida nesta idade?
Passava muito tempo com eles?
Quem incentivava a prática do esporte?

Como era seu treinador quando iniciou a modalidade? Que tipo de atividades ele fazia nos treinos/aulas? Quais as características dele nos treinos e nos jogos?

Fale sobre seus pais/familiares naquela época. Como era sua relação com eles? Qual a diferença de comportamento entre sua mãe e seu pai? Eles incentivavam a prática esportiva? E seus amigos/companheiros de equipe?

Como era sua vida naquela época? Financeiramente? Onde morava? Onde estudava? Quem eram seus amigos naquela época? Como era seu dia-a-dia? O que fazia durante a semana e durante os finais de semana? Com quem morava? Você acredita que tinha uma vida boa? Que outras atividades (esportes, brincadeiras, aulas, cursos) fazia naquela época?

b. Sport Participation Experience

Nessa seção falaremos especificamente sobre a intervenção do treinador que você considera o mais importante na sua vida, aquele que fez diferença não só no esporte, mas na sua vida. Diga como eram suas características, quais estratégias de treino e como ele era visto pelas outras pessoas.

- **Current coach characteristics**

[Características específicas do treinador que o atleta acredita ter sido o mais importante em toda carreira esportiva. Encontrar características pessoais, filosofia de vida e por que ele era importante.]

Qual foi o treinador mais importante na sua carreira como atleta? Que idade você tinha? Como era a equipe naquela época. Fale sobre ele. Quais títulos ganharam quando participou nesta fase?

Qual a influência que este treinador teve sobre você? Por que?

Como era o relacionamento dele com a equipe? E com você?

Esse treinador era acessível? Como era a disponibilidade de encontrar e dialogar com ele?

Que características você atribui a esse treinador que fazem ele se destacar dos demais?

- **Direct teaching strategies**

[Melhora nas características dos atletas. Quais estratégias utilizadas para melhora dos atletas? Como era o treino deles?]

Quais as estratégias adotadas pelo treinador para a melhora da equipe? Fale sobre como eram dadas as instruções de comando durante os treinos e jogos.

Como ele distribuía as regras da equipe dentro e fora de quadra? “O seu treinador te oportunizava experienciar momentos de liderança e tomadas de decisões autônomas?”

Como eram dados os *feedbacks* para a equipe?

Seus treinadores davam atenção individual para determinadas situações da vida e esportiva?

Ele tratava as pessoas de forma igualitária em todos os ambientes (pessoal, esportivo e profissional)?

Existia um sentido de “grupo/equipe” como uma unidade? Qual a participação dele nesse processo?

- **Indirect teaching strategies**

[Identificar as demandas do esporte que ajudavam a ensinar as habilidades para vida. Como era a motivação para treinar com ele, como funcionava o programa, quem ajudava o treinador, quais as normas.]

Naquela época, como era sua motivação para treinar? Por que?

Como era a relação da equipe? Fale mais sobre os pontos positivos e negativos deste momento?

Como era visto por outras pessoas da sociedade o clube/time que você treinava? Fale sobre o local em que treinava e quais os resultados providos deste clube/time.

Você acredita que este treinador era um modelo positivo de treinador? E um modelo como pessoa? Era referência para outros treinadores, jogadores, comissão técnica e outros?

Ele dava reforço social as pessoas ao redor? Dialogava e dava *feedbacks* as pessoas a sua volta?

Você acredita que ele seguia condutas sociais adequadas ao seu cargo como treinador?

c. Life skills/Personal Development Possible explanations

As perguntas neste ponto da entrevista tem o intuito de entender quais as qualidades positivas e negativas foram desenvolvidas no esporte e como elas puderam ser transferidas para sua vida. Nós chamamos de habilidades para vida, toda característica, valor ou habilidade que se desenvolveu no esporte e que possa ser transferida para outros contextos da sua vida.

- **Social environment explanations**

[Perguntar especificamente sobre as habilidades desenvolvidas no esporte e como elas afetam no relacionamento pessoal do atleta. Como o esporte ajudou-o a criar mecanismos para melhorar as relações entre pessoas, dentro e fora de quadra. Será que eles atingem um sentimento de pertencimento em grupos?]

Poderia me dizer quais habilidades esportivas você adquiriu no esporte que influenciaram nas suas características pessoais e na sua formação? E como estas tiveram impacto nos relacionamentos pessoais?

Sua participação no contexto esportivo facilitou/ajudou no desenvolvimento da percepção de pertencer a um grupo?

Sua experiência no esporte ajudou no entendimento de alguns conceitos importantes para um bom convívio social?

Você acredita que sua percepção de competência, controle da situação, auto-estima e autonomia mudaram após sua vivência na modalidade?

- **Utility of life skills explanations**

[Explicações de como as habilidades aprendidas no esporte podem ser utilizados em outros contextos.]

Quais habilidades aprendidas no esporte você conseguiria transferir para outros contexto? “Você conseguiria transferir as habilidades aprendidas no esporte como controle de estresse, estabelecimento de metas, e aprendizagem de comunicação em outros contextos sociais?”

“A autoestima e autoconfiança no contexto esportivo, também são apresentados em outros momentos de sua vida?”

d. Outcomes

- **Positive**

Quais características físicas positivas você acredita ter adquirido dentro do contexto esportivo? E as características intelectuais? E as características psicossociais/emocionais?

- **Negative**

Quais características físicas negativas você acredita ter adquirido dentro do contexto esportivo? E as características intelectuais? E as características psicossociais/emocionais?

e. Transferability

Para finalizar, gostaria de verificar a similaridade das situações no esporte em outros contextos.

- **Habillities in sport to other non sport context**

Você está ciente e concorda que adquiriu todas estas características citadas no contexto esportivo? Tanto físicas como psicológicas?

Você acredita que estas características adquiridas são valorizadas e possuem qualidades apropriadas para o uso em outros contextos?

1. Poderiam informar em quais momentos da sua carreira esportiva você adquiriu estas habilidades?

Em momentos difíceis e de insucesso na sua vida pessoal, você consegue se ajustar para resolução desses problemas? Consegue relacionar essas situações com momentos que passou no esporte?

Por não poder fazer algumas coisas durante sua carreira esporte, você acredita que hoje ou amanhã, você sentirá falta e começará a fazer quando não precisar treinar todos os dias e se dedicar ao esporte?

APÊNDICE F: Entrevista semiestruturada (treinadores)

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Primeiramente, eu gostaria que focasse nos locais em que trabalhou como treinador e professor de voleibol e falasse nas atividades que você propunha nos treinamentos e aulas em diferentes idades. Eu gostaria que você listasse quais categorias e modalidades tem trabalhado nos últimos anos e como é feito o planejamento dos treinamentos e aulas.

Pre-existing state/make up of the Young people

- a. Agora que sabemos como foi sua participação na modalidade, gostaríamos de saber como foi o envolvimento no voleibol, importando especificar as pessoas que estavam presentes com você naquela época, como eram realizados as práticas do voleibol, como você via as habilidades dos atletas no início da prática.

- **Internal assets**

[Nesse ponto devemos retratar as características pessoais do indivíduo em relação a atividade esportiva inicial]

Com que idade normalmente começa a treinar as crianças no voleibol?
Por que você acredita que eles escolhem essa modalidade?

Quais características pessoais (características físicas/comportamentais e emocionais) você acredita que são importantes (que influenciam a escolha) no início da prática da modalidade?

Por que você acha que o atleta escolheu o voleibol?

Que habilidades pessoais e esportivas o atleta tinha quando iniciou a modalidade?

- **External assets**

[Nesse ponto devemos retratar as características externas do indivíduo em relação a atividade esportiva inicial, evidenciando quem foram as pessoas que ajudaram na entrada da modalidade, como era sua relação com elas e como eram as condições de vida daquele sujeito]

Quem foram as pessoas que estavam presentes na vida do praticante nesta idade?

Você passava muito tempo com ele?

Quem incentivava a prática do esporte?

Como você era quando ele iniciou a modalidade? Que tipo de atividades você passava nos treinos/aulas? Como era seu comportamento frente aos treinos e jogos?

Fale sobre seus pais/familiares naquela época. Como era a relação entre eles?

Como era sua relação com eles? Eles incentivavam a prática esportiva?

Como era o relacionamento do atleta com seus amigos/companheiros de equipe?

Como era a vida dele naquela época? Financeiramente? Onde estudava? Quem eram seus amigos naquela época? Sabe como era a rotina dele naquela época?

b. Sport Participation Experience

Nessa seção falaremos especificamente sobre suas intervenções. Diga como eram suas características, quais estratégias de treino e como você era visto pelas outras pessoas.

- **Current coach characteristics**

[Características específicas do treinador que o atleta acredita ter sido o mais importante em toda carreira esportiva. Encontrar características pessoais, filosofia de vida e por que ele era importante.]

Fale sobre você naquela época. Como era seu comportamento naquele momento que trabalho com esse atleta? Que idade você tinha? Como era a equipe naquela época. Quais títulos ganharam quando participou nesta fase?

Qual a influência você acredita que passou para os atletas? Por que?

Como era o relacionamento seu com a equipe? E com o atleta?

Você acreditava que era um treinador acessível? Como era a disponibilidade de encontrar e dialogar com você?

Que características você se atribui que faz com que você se destaque dos demais?

Qual era o objetivo dos treinamentos daquele atleta naquela época? Você tinha o intuito de trabalho para melhora da *performance*? Existia outros objetivos?

- **Direct teaching strategies**

[Melhora nas características dos atletas. Quais estratégias utilizadas para melhora dos atletas? Como era o treino deles?]

Quais as estratégias adotadas por você para a melhora da equipe? Fale sobre como eram dadas as instruções de comando durante os treinos e jogos.

Como você distribuía as regras da equipe dentro e fora de quadra? “Você oportunizava experienciar momentos de liderança e tomadas de decisões autônomas?”

Como eram dados os *feedbacks* para a equipe?

Você dava atenção individual para determinadas situações da vida e esportiva?

Você tratava as pessoas de forma igualitária em todos os ambientes (pessoal, esportivo e profissional)?

Existia um sentido de “grupo/equipe” como uma unidade? Qual a participação sua nesse processo?

- **Indirect teaching strategies**

[Identificar as demandas do esporte que ajudavam a ensinar as habilidades para vida. Como era a motivação para treinar com ele, como funcionava o programa, quem ajudava o treinador, quais as normas.]

Naquela época, como era sua motivação para treinar? Por que?

Como era a relação da equipe? Fale mais sobre os pontos positivos e negativos deste momento?

Como era visto por outras pessoas da sociedade o clube/time que você treinava? Fale sobre o local em que treinava e quais os resultados providos deste clube/time.

Você acredita que você era um modelo positivo de treinador? E um modelo como pessoa? Era referência para outros treinadores, jogadores, comissão técnica e outros?

Você dava reforço social as pessoas ao redor? Dialogava e dava feedbacks as pessoas a sua volta?

Você seguia condutas sociais adequadas ao seu cargo como treinador?

c. Life skills/Personal Development Possible explanations

As perguntas neste ponto da entrevista tem o intuito de entender quais as qualidades positivas e negativas foram desenvolvidas no esporte e como elas puderam ser transferidas para sua vida. Nós chamamos de habilidades para vida, toda característica, valor ou habilidade que se desenvolveu no esporte e que possa ser transferida para outros contextos da sua vida.

- **Social environment explanations**

[Perguntar especificamente sobre as habilidades desenvolvidas no esporte e como elas afetam no relacionamento pessoal do atleta. Como o esporte ajudou-o a criar mecanismos para melhorar as relações entre pessoas, dentro e fora de quadra. Será que eles atingem um sentimento de pertencimento em grupos?]

Poderia me dizer quais habilidades esportivas o atleta adquirir no esporte que influencia nas suas características pessoais e na sua formação? E como estas tiveram impacto nos relacionamentos pessoais?

Sua participação no contexto esportivo facilitou/ajudou no desenvolvimento da percepção de pertencer a um grupo?

Você acredita que as experiências no esporte ajudam no entendimento de alguns conceitos importantes para um bom convívio social? Como?

Você ensina essas habilidades esportivas para os atletas e faz reflexos, podendo transferi-las para outros contextos da vida?

Você acredita que a percepção de competência, controle da situação, auto-estima e autonomia mudam após a vivência na modalidade? E para o atleta?

- **Utility of life skills explanations**

[Explicações de como as habilidades aprendidas no esporte podem ser utilizados em outros contextos.]

Quais habilidades aprendidas no esporte que você acredita serem possíveis de transferir para outros contextos? “Você acredita que o atleta conseguiria transferir as habilidades aprendidas no esporte como controle de estresse, estabelecimento de metas, e aprendizagem de comunicação em outros contextos sociais?”

“Na sua opinião, a autoestima e autoconfiança no contexto esportivo, também são apresentados em outros momentos de sua vida?”

d. Outcomes

- **Positive**

Quais características físicas positivas você acredita que o atleta adquiriu dentro do contexto esportivo? E as características intelectuais? E as características psicossociais/emocionais?

- **Negative**

Quais características físicas negativas você acredita que o atleta adquiriu dentro do contexto esportivo? E as características intelectuais? E as características psicossociais/emocionais?

e. Transferability

Para finalizar, gostaria de verificar a similaridade das situações no esporte em outros contextos.

- **Habilities in sport to other non sport context**

Você acredita que estas características adquiridas são valorizadas e possuem qualidades apropriadas para o uso em outros contextos?

1. Poderiam informar em quais momentos o atleta mais adquirir essas habilidades?

Em momentos difíceis e de insucesso na vida desses atletas, eles conseguem se ajustar para resolução desses problemas? Consegue relacionar essas situações com momentos que passou no esporte?

Por não poder fazer algumas coisas durante sua carreira no esporte, você acredita que hoje ou amanhã, o atleta sentirá falta e começará a fazer quando não precisar treinar todos os dias e se dedicar ao esporte?

APÊNDICE G: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada “Habilidades adquiridas por meio do esporte e sua *transferibilidade* para o contexto da vida de atletas de voleibol”, que faz parte do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL e é orientada pela prof^a Lenamar Fiorese Vieira da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é investigar habilidades adquiridas por meio do esporte e sua *transferibilidade* para contextos da vida em atletas de voleibol. Para isto a sua participação é muito importante, e ela se daria com suas respostas a uma entrevista com duração de aproximadamente 45 minutos.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. E ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. As gravações das entrevistas serão transcritas e os arquivos sonoros serão apagados, de forma que não tenha a identificação dos sujeitos. Não haverá benefícios diretos, entretanto a presente pesquisa procura auxiliar atletas, treinadores e coordenadores a entender melhor a transferência de habilidades esportivas para outros contextos da vida, ajudando na melhora da vida atlética, mesmo no final da carreira esportiva.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,..... declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pelo Prof. Marcus Vinicius Mizoguchi.

_____ Data:.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, Marcus Vinicius Mizoguchi, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ Data:.....

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Marcus Vinicius Mizoguchi, Tel.: 9945-5749 Rua Jair do Couto Costa n. 340 casa 07. Maringá-Paraná, Brasil.

Lenamar Fiorese Vieira, Tel.: 3223-2145, R. Neo Alves Martins, 1886, Apto 151

Qual quer dúvida ou maiores esclarecimentos procurar um dos membros da equipe do projeto ou o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá – Av. Colombo, 5790 – Bloco da Biblioteca Central, Térreo – Telefone: (44) 3011-4444